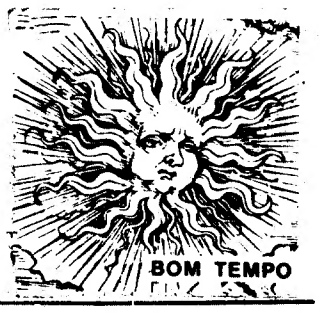
Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS

QUINTA-FEIRA, 31 DE MAIO DE 1973 - N.º 18116 - ANO 53.º - PREÇO 1$50



NIXON E POMPIDOU TENTAM ATENUAR DIVERGÊNCIAS

REYKJAVIK, 31 — (R.) — Os presidentes Nixon e Pompidou, que ontem chegaram a esta cidade iniciam hoje dois dias de conversações ao mais alto nível para tentarem atenuar as suas divergências sobre a questão monetária, as relações comerciais entre os Estados Unidos e a Comunidade Europeia e outros problemas.

Os dois dirigentes defendem pontos de vista diferentes sobre a reforma do sistema monetário e sobre a redução das barreiras alfandegárias e ainda sobre a maneira como estas questões se relacionam com os problemas políticos e militares da Aliança Atlântica.

Enquanto decorre a conferência cimeira, cujos resultados interessam à boa harmonia da Aliança Atlântica, prossegue, ao largo da costa da Islândia, a chamada guerra do bacalhau que opõe dois países membros da NATO.

O presidente Nixon conferenciou ontem à noite com os membros do Governo da Islândia, informando-os de que os Estados Unidos não tomarão partido na disputa, esperando apenas que os dois países consigam resolvê-la rápida e amigavelmente.

O presidente Pompidou também se avistou ontem à noite com os dirigentes da Islândia e o seu ministro dos Negócios Estrangeiros Michel Jobert declarou mais tarde que a França compreende a posição de um pequeno país cuja economia depende em grande parte da pesca.

Nalguns sectores da opinião pública islandesa existe considerável oposição à presença de uma base americana da NATO nos arredores de Reykjavik. Essa oposição poderá concretizar-se hoje durante uma marcha de protesto organizada pelos sindicatos da esquerda. Os manifestantes tencionam desfilar pacificamente em frente do edifício onde Nixon e Pompidou se reunem, protestando contra a presença da base americana e também contra as experiências nucleares francesas no Pacífico.

A Islândia foi escolhida para local do encontro por ficar situada a meio caminho entre Washington e Paris, uma vez que Pompidou não queria ir a Washington antes de Nixon se deslocar à Europa no fim deste ano.

Interrogado pelos jornalistas sobre a escolha da Islândia como local de reunião Nixon declarou sem rodeios: «Foi Pompidou que assim o quis.»

Observadores consideram a cimeira nova tentativa de Nixon para se reafirmar como dirigente mundial, não obstante o escândalo Watergate. A conferência com Pompidou é a última de uma série de reuniões entre Nixon e dirigentes europeus destinadas a preparar o caminho para a visita a Washington, em Junho, de Brejnev, secretário-geral do Partido Comunista Russo.

O volante Swede Savage foi transportado para o hospital, onde se encontra em estado grave, depois de o seu carro se ter incendiado num espectacular acidente durante as 500 milhas de Indianapolis. O vencedor da clássica corrida americana foi Gordon Johncock. (Telefoto UPI-Telimprensa-DL)

O dr. Hal MacKenzie Freeman demonstra, num hospital de Boston, o método que inventou para proceder a operações à retina. Além do complicado aparelho destinado a iluminar o olho do paciente, a grande novidade é a mesa operatória suspensa de modo a que o doente fique de cabeça para baixo. Este processo tem a vantagem de pôr a força da gravidade a trabalhar, para o operador ajudando a separar a retina do resto do olho. (Telefoto UPI-Telimprensa-DL)

TORNADO OBRIGATÓRIO O TRABALHO EXTRAORDINÁRIO NA COMPANHIA MARCONI

Através de um Decreto regulamentar hoje publicado, foi estendido à Companhia Portuguesa Rádio Marconi, S.A.R.L. o regime de duração de trabalho estabelecido no Decreto-Lei n.º 409/71 e referente às empresas concessionárias de serviço público. Assim, os trabalhadores da Marconi são obrigados a prestar fora do período normal de trabalho e em dias de descanso semanal o trabalho que for imposto pelas necessidades do serviço público de que a Companhia é concessionária, a menos que sejam dispensados por motivos atendíveis.

Segundo o diploma, o trabalho extraordinário e o trabalho prestado em dias de descanso semanal, feriados obrigatórios e descansos semanais complementares concedidos pela empresa são remunerados nos termos da lei geral. A retribuição do trabalho nocturno (o que decorre entre as 24 horas de um dia e as 8 horas do dia seguinte) será superior em 50 por cento à retribuição a que dá direito o trabalho equivalente prestado durante o dia, sendo este aumento cumulável com o acréscimo da retribuição devida pelo trabalho extraordinário ou pelo trabalho prestado em dias de descanso semanal, feriados obrigatórios ou descansos complementares concedidos pela empresa.

O diploma refere ainda que em tudo o que não for contrário às suas disposições mantém-se em vigor para a empresa o Regulamento Especial do Horário de Trabalho para as Empresas de Telecomunicações. Todavia, este Regulamento poderá ser substituído por normas constantes de instrumentos colectivos de trabalho.

Caixeiros de Leiria vão impugnar os horários das Caldas da Raínha

O Sindicato Nacional dos Empregados de Escritório e Caixeiros do Distrito de Leiria vai impugnar os novos horários estabelecidos pela Câmara Municipal de Caldas da Raínha, em virtude de este organismo não ter pedido o parecer do Sindicato como preceitua o Decreto-Lei n.º 56/73. Para esse efeito, o referido organismo sindical vai efectuar brevemente uma reunião com os profissionais do distrito.

ENTRE SANTARÉM E ENTRONCAMENTO

Desapareceram mil contos de uma mala dos Correios

Afinal não se verificou nenhum assalto a uma ambulância postal dos C.T.T., entre Santarém e Torres Novas, como chegou a noticiar um matutino da capital. Segundo nos informou a administração dos C.T.T., a mala com dinheiro da Caixa Geral de Depósitos de Santarém transferido para a agência de Torres Novas teria partido, com cerca de mil contos, para o repartidor do Entroncamento (local onde se procede à distribuição das encomendas para os diferentes pontos do País). Esteve algum tempo nesse local antes de seguir numa camioneta dos «Claras» para Torres Novas, onde se verificou que a mala postal estava violada. Segundo os CTT três hipóteses são de considerar: a violação da mala poderia ter ocorrido no trajecto de Santarém para o Entroncamento, naquela estação repartidora ou no percurso do Entroncamento para Torres Novas. De qualquer modo o caso está a cargo dos Serviços de Inspecção dos CTT e foi já comunicado à Polícia Judiciária para se apurarem responsabilidades criminais.

Na Caixa Geral de Depósitos, em Lisboa, continuavam sem poder fornecer ainda dados concretos, em virtude de não os possuirem, tendo-se deslocado, no entanto, um director daquele organismo aos CTT a fim de tentar saber o que realmente aconteceu e, muito embora não fosse possível estabelecer a quantia exacta que teria desaparecido, especificaram que 15 mil contos seria exagerado.

Segundo esclareceu posteriormente, a informação distribuída à Imprensa, a Caixa Geral de Depósitos comunicou não ter chegado ao seu destino uma remessa de valores no montante de mil contos, enviada através dos CTT da sua filial de Santarém para a agência de Torres Novas.

32 PÁGINAS INCLUINDO SUPLEMENTO LITERÁRIO

DL/GERAL

"TEEN-AGERS"/73 - UMA INICIATIVA "DL" COM A COLABORAÇÃO DA TORRALTA

TRÓIA A VISTA!

As 10 «teen-agers» que chegaram à final do concurso para a eleição da Princesa Portuguesa (das «teen-agers», claro!) de 1973 reuniram-se ontem com a vencedora do concurso do ano passado. Ou melhor: nove das 10 finalistas, visto a Maria Manuela, que é de Torres, não ter podido estar presente. E, enquanto o fotógrafo aproveitava a oportunidade para bater as respectivas chapas, o repórter fazia as mesmas duas perguntas a todas:

1 — **Pensas ganhar?**

2 — **Gostavas de ir à Turquia?**

Eis as respostas.

Maria Teresa Simões Lapas:

1 — E muito difícil, porque todas as concorrentes têm possibilidades.

2 — Adorava, porque juntava o útil ao agradável. Como vou para História, interessava-me imenso ver a Turquia com olhos de gente.

Filomena Correia:

1 — Acho que todas as que aqui estão têm esperança de ganhar.

2 — Gostava imenso porque, até agora, tenho viajado pouco e a Turquia é um país que creio que vale a pena visitar.

Maria Cecília Mendes Cláudio:

1 — Penso que tenho as condições que o júri pretende: um mínimo de cultura, um mínimo de conhecimentos da sociedade em que vivo e da nossa juventude.

2 — Gostava imenso porque é um país totalmente diferente da Europa: um outro mundo onde as pessoas devem ser diferentes.

Maria Eduarda Espinheira:

1 — Claro que tenho esperanças, mas há outras que, talvez por serem mais velhas e terem mais experiência, estão, se calhar, em melhores condições.

Um aspecto do encontro de ontem

2 — Adorava. Para já, porque gosto imenso de viajar. Depois, se fosse à Turquia, era porque tinha ganho e tinha, portanto, possibilidades de ser «teen-ager» mundial. A Carla (a vencedora do ano passado) disse que, na Alemanha, foi giríssimo. Portanto, na Turquia, também deve ser.

Maria dos Prazeres (Bébé):

1 — Gostava imenso, mas não espero ganhar. Claro que toda a gente tem uma pequena esperança mas, a sério a sério, eu não acho que vá ganhar.

2 — Gostava imenso. Já antes do concurso eu tinha pensado que seria uma maravilha ir à Turquia.

Maria Cristina Mendes Leal:

(à primeira pergunta já a Cristina nos respondera ontem).

2 — Gostava. Era mais um país que eu conhecia, com gente nova e novos costumes.

Maria Manuela Hasse de Almeida e Silva:

1 — Tenho tantas hipóteses como as outras.

2 — Imenso. Aquilo é diferente.

Maria Clara Lança Martins:

1 — Tenho as mesmas possibilidades que as outras.

2 — Gostava imenso. E um país onde nunca fui e eu gosto de viajar. Deve ser um país diferente.

Margarida Sassetti Ramada Curto:

1 — E uma hipótese, mas acho que há, entre as finalistas, muito mais o género de «teen-ager» do que eu. Mas, enquanto há vida, há esperança.

2 — Adorava. Acho que é um país giríssimo, cheio de mistério.

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por António José C.Almeida, Av. James Gilman, 6-A SACAVÉM

UMA CONFERÊNCIA DO DR. AZEREDO PERDIGÃO EM ESPANHA

«Reflexões sobre Cultura: Alta Cultura e Cultura de Massas. O Intercâmbio cultural entre Portugal e Espanha por intermédio da Fundação Gulbenkian», foi o tema da conferência que o dr. Azeredo Perdigão, presidente da Fundação Calouste Gulbenkian, proferiu ontem na cidade espanhola de Salamanca, na sala «Miguel de Unamuro», da Universidade local.

Começando por dar uma definição de cultura e abordando os problemas da unidade ou dualidade da cultura e humanismo, da cultura e a sociedade de massa e da educação permanente, o dr. Azeredo Perdigão entrariu depois nos problemas concretos que a promoção, e difusão e o intercâmbio suscitam, quer no âmbito nacional, quer no internacional, explicando em que tem consistido a obra realizada pela Fundação a que preside, no campo cultural, propugnando em seguida uma maior unidade nas relações culturais entre Portugal e Espanha.

VIRUS E CANCRO

A convite da Gulbenkian, o prof. Severo Ochoa, Prémio Nobel, profere hoje, às 18 e 30, no auditório dois daquela fundação, uma conferência sobre «Virus e Cancro». Fará a apresentação do conferencista o dr. Van Udden, director do Centro de Biologia do Instituto Gulbenkian de Ciência.

Os Empregados de Escritório e O Dia Mundial da Criança

O Sindicato dos Profissionais de Escritório do Distrito de Lisboa convida os seus associados e respectivos filhos a participar no programa que elaborou para se associar às comemorações.

Dia 1 (sexta-feira)

Pelas 15 horas — no Roseiral (Rua D. Luiz de Noronha) PROJECÇÃO DE FILMES INFANTIS E LANCHE.

Pelas 21.30 horas — na R. do Alecrim, 46-1.º, COLÓQUIO SOBRE OS DIREITOS DA CRIANÇA.

Participa: os teus filhos assim o exigem

A DIRECÇÃO

Coliseu dos Recreios

(Empresa Ricardo Covões, Herd.)

Grupo C — 14 anos

O TEATRO NACIONAL DE SÃO CARLOS apresenta, em récitas populares, nos dias 5 e 6 de Junho de 1973, pelas 21,30 h.

BATSHEVA DANCE COMPANY

Fado no Mercado da Primavera: O Inverno do nosso descontentamento

Mais de 500 pessoas esperaram cerca de uma hora de pé, que quatro fadistas e um extra submetessem á apreciação de um júri de nove elementos as suas interpretações. Era a final do concurso de fado amador do Mercado da Primavera, organizado pelos Serviços de Festivais da Direcção Geral da Cultura Popular e Espectáculos da Secretaria de Estado de Informação e Turismo.

AS VOZES

«Nunca mais é sabado!» — um espectador impaciente, antes de começar o desfile das cantigas.

«Ca ganda piela c'aquele tem!» — uma espectadora com espírito de observação.

«Ontem sim senhor! Houve bom fado!» — uma apreciadora entendida aficcionada e persistente.

«Ai, a nossa grande Amália! Bom, eu cá por mim, de fado, gosto de tudo!» — uma outra espectadora que dizia coisas para empatar o tempo, enquanto esperava que se realizasse a almejada final.

«Isto é uma forma de artesanato que fica muito bem no Mercado da Primavera» Mário Martins, elemento de uma editora de discos e membro do júri.

«Acho uma ideia gira, isto, mas penso que se deveria fazer uma selecção prévia porque se está a dar um mau fado directamente ao público» Teresa Silva Carvalho, fadista, membro do júri.

«Vá la! Da para cá uma filmadela!» — um espectador quando a televisão começou a filmar.

«Anda daí vem comigo, uma tipóia a meu lado» — uma espectadora cantando baixinho a letra de um dos fados que se ouviram na final.

«Eu quero amar, amar, amar, perdidamente» — a fadista amadora que chegou à final parafraseando Florbela Espanca.

AS OPINIÕES

«Acho que o melhor é o José Alberto. E, pela reacção do público mais uma vez se prova que o fado é a canção nacional. Tem uma força fantástica, provada pelo pvo que está aqui» — Teresa Silva Carvalho.

«Gosto muito! Não é da canção, mas da expressão percebe?» — Francelina Pereira espectadora apanhada ao acaso e que foi assistir ás sessões do concurso três vezes seguidas porque só soube tarde demais: **«Eu tenho que me levantar ás seis da manhã e estou aqui, veja lá o senhor!»**

«Acho que há uma desonestidade total neste concurso. O público aplaude os fadistas do seu bairro sem se importar em escolher o melhor» — Fernando de Oliveira, um dos fadistas que chegou á final, antes de saber qual o resultado da votação.

«Acho óptimo o concurso» — Maria Helena Valente, a única mulher a atingir a final.

«Parece o Gago Coutinho, a chegar ao Brasil» — João Ferreira Rosa, fadista e membro do juri, quando o público aplaudia a votação final.

O VENCEDOR

«Sou da Penha de França. Canto fado há sete anos, é a primeira vez que concorro ao concurso do Mercado da Primavera, mas já estive três vezes na Grandé Noite do Fado. Tive um convite da Imavox para gravar um isco. Essa é a minha grande ambição. Não quero ser profissional. Dedico esta vitória ao [illegible] á minha mãe, que não foram capazes de estar aqui esta noite porque não aguentavam».

OS PRÉMIOS

Dois mil escudos para cada um dos finalistas, mais mil e quinhentos para o vencedor, não é grande coisa, mas calha bem. E as taças uma para cada concorrente que atingiu a final, mais o que falta para sete para o vencedor oferta da Taverna do Embuçado de firma Bronzes Artísticos e da edutora Valentim de Carvalho. Mas o maior prémio foi aquele **«eh! leão»** que o José Alberto ouviu quando cantou o fado pela ultima vez: a consagração definitiva.

Encontro de bibliotecários arquivistas e documentalistas

COIMBRA, 31 — Por iniciativa da Faculdade de Letras, da qual é director o prof. dr. Américo da Costa Ramalho, decorrerá em Coimbra de 4 a 7 de Dezembro próximo o IV Encontro dos Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas Portuguesas, cuja temática será a seguinte: 1) «Estudo de padrões para a gestão de bibliotecas, arquivos e centro de documentação»; 2) «Os utilizadores de bibliotecas, arquivos e centros de documentação. Seu comportamento e seus perfis».

O encontro tem o patrocinio do Ministério da Educação Nacional e a temática é altamente sugestiva e vai permitir o estudo de padrões e de escalões que permitam estabelecer com rigor os princípios orientadores do planeamento das instituições.

As inscrições estão abertas aos diplomados com o Curso de Bibliotecário-Arquivista, aos seus alunos ou aos indivíduos que o ferquentaram; aos diplomados com o estágio de preparação de bibliotecários, arquivistas e documentalistas, aos seus alunos e indivíduos que o fraquentaram, e ainda aos directores, encarregados e funcionários superiores das bibliotecas, arquivos e centros de documentação do País.

As adesões devem ser dirigidas, com a maior urgência possível, para a Secretaria do iv envontro dos Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas Portugueses — Faculdade de Letras e Universidade de Coimbra.

Peditório para a Cruz Vermelha

Começou hoje um novo peditório nacional para a Cruz Vermelha Portuguesa. Os presidentes da República e do Conselho, almirante Américo Thomaz e prof. Marcello Caetano, entregaram ontem, à presidente da Secção Feminina daquela instituição, D. Maria Amélia Pita e Cunha, os dois primeiros donativos deste peditório.

Viagens apolo 73

8 DIAS EM LONDRES

VIAGEM EM AVIÃO ESPECIALMENTE FRETADO

Partidas todas as 5.as Feiras durante todo o ano.

PREÇOS A PARTIR DE **2.990,00**

Estadia com pequeno almoço VISITA DA CIDADE ACOMPANHADA POR GUIA-INTERPRETE. Transporte Aeroporto-Hotel-Aeroporto.

CONSULTE A SUA AGÊNCIA HABITUAL

DL/OPINIÃO

FILHOS DE BOA GENTE

Quem não se sente, diz o ditado popular (ao mesmo tempo preocupado com a observação psicológica e com a rima), não é filho de boa gente. Daí que todos nós (por definição filhos de gente boa) nos sintamos com o mal que nos fazem, e tambem com o bem, nos raros casos em que tal acontece. Se feridos somos, queixamo-nos, se festas nos fazem, agradecemos e prometemos fazer melhor para a outra vez... Como se vê, a harmonia das pessoas e das sociedades depende de muito pouco, e custa a crer como esta cristalina verdade não entra facilmente nos olhos e no entendimento do comum. Começa a ser duvidoso que a vocação do homem seja realmente a felicidade.

Aplica-se esta divagação de facil e paroquial sabedoria aos apelos recentemente feitos à Imprensa para dar a sua colaboração a duas campanhas nacionais (embora uma mais nacional do que outra), a saber: a da divulgação das normas de segurança nas praias e a da vacinação contra o sarampo. Num caso e no outro, convocaram-se conferências de Imprensa, e os jornalistas presentes foram recebidos por numerosas e solícitas entidades oficiais que expuseram os motivos da convocação e (voltamos ao ponto) pediram ajuda, colaboração, auxílio para uma tarefa que, na verdade, terá de ser conduzida até às grandes massas populacionais, ou estara condenada a falhar. O director-geral de Saude, por exemplo, foi muito claro: «Temos que mobilizar o País, com o auxílio da Imprensa», e referiu-se em termos muito elogiosos a acção dos jornalistas, salientando que sem eles a campanha será um fracasso»...

Mesmo com risco de nos acusarem (e a toda a classe) do feio defeito da imodéstia, temos de confessar que realmente assim e. Ao informar, ao explicar, ao aconselhar, ao orientar, ao opinar, a Imprensa exerce uma acção formativa e persuasiva junto dos seus leitores. E mesmo sabendo-se que só uma minoria da população lê jornais, o efeito de bola de neve do grupo limitado de leitores acaba por influir no resto da população, consoante, naturalmente, o maior ou menor interesse público da matéria em causa. Não fosse saber-se isto, e não haveria motivo para chamar os jornalistas ao velho ofício de arauto, a proclamar por todas as esquinas as notícias do reino...

Já se vai entendendo por que razão abrimos este comentário com o velho ditado que resume o apertado novelo das susceptibilidades da relação humana? Agradável é para a Imprensa ver-se chamada e reconhecida, descobrir-se confirmada no papel que por direito e necessidade cívica lhe pertence, quando tantas outras vezes esse mesmo papel lhe é recusado. E embora as recusas incidam sobre aspectos não menos importantes que sarampo e praias, fica-nos o contentamento de filhos de boa gente a quem foi mostrada consideração e respeito, a quem foi pedido auxílio e o vão dar... Tão grandes são as reservas de vontade de servir que assistem a Imprensa...

Alerta-se, pois, a população para tudo quanto fica dito e para quanto nos foi pedido. Morrem por ano, em Portugal, entre 150 a 250 pessoas com sarampo e suas complicações: a vacina pode trazer este número ao zero ou perto dele. Não são tantas as pessoas que morrem nas praias, mas e absurdo que morram: urge que toda a gente conheça as precauções que deve respeitar. Vacinação e prudência, eis as palavras de ordem para que contemos entre os portugueses vivos as centenas que a ignorância e a imprevidência teriam incluído estatisticamente nos mortos. Não somos assim tantos para que possamos morrer à vontade...

•

Ficam os leitores avisados. Quanto a nós, cumprimos o nosso dever. E continuamos presentes para o cumprimento doutros deveres, decerto não menos importantes, e até talvez mais: assim nos reconheçam.

Protecção para o vinho americano

Os produtores americanos de vinho pediram ao Congresso que limite a entrada de vinho estrangeiro nos Estados Unidos, dizendo que irão à ruína se o Governo não tomar medidas para proteger a vinicultura nacional.

Jefferson Peyser, representante da Associação dos Vinicultores e Comerciantes de Vinho, disse que as quotas de importação aplicáveis aos vinhos estrangeiros não devem exceder as importações registadas em 1971.

Falando perante uma comissão económica do Congresso, Peyser salientou que a percentagem de vinhos estrangeiros em relação ao consumo total de vinho nos Estados Unidos aumentou de 3,4 por cento em 1967 para 9,4 por cento em 1972.

«A menos que esta tendência seja imediatamente travada a industria vinícola nacional corre o risco de ruína, pois que a exportação de vinhos americanos encontra toda uma série de barreiras alfandegárias nomeadamente na Comunidade Económica Europeia».

Além das barreiras alfandegárias, os vinhos americanos encontram tambem a barreira da qualidade.

Unidade sindical em África

Foi dado agora conhecimento à Comissão Executiva da Confederação Mundial do Trabalho da constituição, em Addis Abeba, a 6 de Abril passado, de uma nova organização sindical que, sob a denominação de Organização da Unidade Sindical Africana (O.U.S.A.), agrupa a maior parte dos movimentos sindicais daquele continente.

A Confederação Mundial do Trabalho regozija-se com a iniciativa, para a qual deseja os melhores êxitos.

Contudo, a Comissão Executiva lamenta as ingerências estrangeiras verificadas durante a conferência constitutiva da O.U.S.A., com vista a influenciar, por diversos processos, as posições e as decisões dos delegados dos sindicatos africanos reunidos na capital etíope, tendo em conta que a escolha das modalidades, dos métodos de acção e dos programas de acção sindical em Africa pertencem às próprias organizações sindicais africanas.

Feira do Livro

Ontem à noite, a Feira do Livro nem parecia a mesma. O público, comprador ou passeante, era muito menos que o que tem sido normal nos outros dias. Razão: a transmissão pela TV da final da Taça dos Clubes Campeões Europeus de Futebol...

Entretanto, celebra-se hoje o «Dia do livro técnico», estando patente no Pavilhão do Grémio dos Editores e Livreiros uma exposição de livros da especialidade. Por outro lado, o Grémio e o Banco Português do Atlântico promovem um concurso intitulado «O livro e a técnica», destinado a premiar os dois melhores trabalhos escritos sobre aquele tema pelos alunos do ensino técnico profissional (médio) e das Escolas Superiores integradas na Universidade Técnica.

Amanhã, será a vez do «Dia do livro olissiponense», estando expostas no Pavilhão do Grémio obras cedidas pelo Grupo Amigos de Lisboa.

QUADRATIM ISABEL DA NÓBREGA

PALAVRAS REPETIDAS

Leio em jornal da tarde, resumidas já, as palavras proferidas pelo ministro das Corporações e Previdência Social e de Saúde e Assistência na sessão inaugural do Congresso Nacional de Prevenção de Acidentes de Trabalho e Doenças Profissionais. «...Forçoso é reconhecê-lo, ultrapassada a fase experimental, não dispõe de estrutura nem de meios adequados às atribuições e responsabilidades correspondentes à importância da prevenção (...)», disse, referindo-se ao Gabinete de Higiene e Segurança no Trabalho. E mais: «...Não obstante se vir notando o progresso da consciencialização dos perigos a que os trabalhadores estão frequentemente expostos (...) a sinistralidade e a patologia do trabalho saldam-se ainda, como disse, por um encargo excessivamente grave e oneroso para que possamos repousar sobre os resultados já obtidos».

Leio também que ao acto inaugural assistiram novecentas pessoas. Pergunto a mim mesma como pensam já neste jornal se perguntou, quantas, entre elas, fariam parte das classes trabalhadoras, quantas seriam operários de trabalhos pesados, e, dessas, quantas teriam oportunidade de intervenção esclarecedora em tão importante sesssão.

Depois para «enganar» a demora de uma resposta que porventura viesse ao encontro de perguntas talvez mal formuladas, folheio um maço de crónicas antigas e encontro uma tão rente a este problema, e que foi publicada na íntegra, que decido transcrevê-la quase pelas mesmas palavras.

«A última pergunta-choque que o repórter fez, na rua, era: «Em que ia a pensar neste momento?» Uma senhora respondeu que ia a pensar nas horas. Tinha o marido no hospital e não podia chegar atrasada. O marido tinha tido que empurrar uma porta muito pesada e pronto, dera-se o desastre. Agora havia que enfrentar a doença e aqueles dias todos sem ganhar. «Lá nos barcos, onde ele trabalha, não estão seguros contra acidentes. E a vida...»

Se há «iras santas», o adjectivo que com frequência me ocorre colocar antes da palavra «resignação» é o de degradante, aviltante.

Este tipo de resignação, que alguns denominam de virtude cristã e eu considero tão estéril e corrosivo como o azedume, este tipo de resignação que faz bradar aos céus, faz-me a mim bradar aos governantes. Se tivesse voz numa Assembleia Nacional, aí o bradaria também. Assim, é nesta modesta tribuna que o faço.

Lavro aqui o meu protesto e a minha crítica ... e não pensem que lhe anteponho a palavra-tala de «construtiva» porque não sinto ter que justificar-me: discordar não é uma culpa!

Lavro o meu protesto. Este casal de meia idade está abandonado pelos mecanismos de seguro social. Basta um desastre **no trabalho** para ficar totalmente desprotegido.

Ignoro em que serviços ligados a barcos trabalha o sinistrado, mas posso informar que conheço outro homem de meia idade, descarregador «de terra», que trabalha num armazém de sal. Ganha $85 (oito tostões e meio) por cada saco de 70 quilos que transporta ao ombro, do barco para o armazém. Esta ocupação também não está ainda oficialmente protegida.

Depois, quando leio a páginas 166 do livro «Curso de Direito Corporativo» (Volume I) do prof. Martinez, que «...Mas também não deverá perder-se de vista que a estrutura social do País, de base familiar e raízes cristãs, não tem de ir buscar à rigidez de um amplo sistema de segurança social dominado pelo Estado ou mesmo pelas Corporações (...) o ambiente de protecção aos desvalidos que um verdadeiro espírito de solidariedade naturalmente estabelece (...)» — mais confirmada me sinto do meu direito de discordar, neste caso, de discordar de semelhante doutrina e das suas aplicações.

Ao fazer esta crítica, como outras, não peço desculpa, peço que emendem o que está errado, emendem, embora tardiamente ... e nem sequer penso que tais emendas, quando vierem, sejam para agradecer, como por vezes observo e me repugna observar.

Não, inocente senhora entrevistada, a Desprotecção no trabalho, a Desprotecção da velhice, não é vida, não é **a vida**. E se é **a vida**, então é **a vida** errada».

(Há quatro anos, quase dia por dia).

CRÓNICA INTERNACIONAL NUNO VIEIRA

AS GRANDES MUDANÇAS

Apesar do escândalo Watergate, que enfraqueceu a sua posição, o presidente Richard Nixon não deixou de se deslocar à Islândia, para a cimeira com Georges Pompidou, nem parece disposto a adiar as conversações do próximo mês com o dirigente soviético Leonid Brejnev, que visitará pela primeira vez os Estados Unidos. Em Reykjavik, Nixon iria enfrentar o principal adversário europeu ocidental da política americana, herdeira da posição gaullista tendente a garantir a independência total em relação a Washington. Por outro lado, o encontro com Brejnev inscrever-se-á na agenda do desenvolvimento das relações russo-americanas, da cooperação económica e do ajustamento à nova ordem planetária, multipolar, para a qual o Metternich americano, Henry Kissinger, tem trabalhado nos últimos anos.

As duas cimeiras fazem parte aliás dos contactos que têm como pano de fundo as grandes mudanças em curso no mundo, incluindo o declínio dos EUA como maior potência. Nessa perspectiva, o caso Watergate constitui apenas um dos sintomas de crise interna e externa que aflige a América do Norte. No que diz respeito ao domínio interno, o presidente está a sair muito maltratado do confronto com o poder legislativo, representado pelo Senado, para o qual o escândalo de sabotagem e espionagem eleitoral é mais uma arma contra o chefe do executivo. Outra arma é a intervenção americana que se arrasta na Indochina, meses depois do acordo de cessar-fogo com Hanoi, no Vietname. E mesmo no «quintal» latino-americano de Washington a recente visita do secretário de Estado William Rogers, coincidiu com a tomada de posse do presidente peronista Hector Campora, na Argentina, cujo regime promete reatar a linha anti-imperialista da fase final do governo de Juan Peron, antes de ser afastado do poder pelos militares. O próprio Brasil, poderoso aliado dos EUA, está a ter segundos pensamentos em relação ao grande aliado do Norte e a ganhar nova força com as perspectivas de expansão dos laços com a Europa e a Africa, no outro lado do Atlântico. Em semelhante conjuntura, encontram-se mais ameaçados do que nunca os interesses económicos ianques, não obstante a capacidade crescente das companhias multinacionais.

Tão pouco o «show» espacial do Skylab, o primeiro laboratório orbital americano de grande tamanho, está a redondar em benefício de Nixon, numa altura em que o presidente precisa de todo o apoio da máquina de propaganda do seu país. As avarias registadas na estação espacial, aumentando os riscos para os seus primeiros tripulantes, são em contrapartida de molde a desacreditar a famosa eficiência técnica ianque, exactamente quando a economia dos Estados Unidos gripa, a inflação se mostra indomável, o dólar «encolhe» a olhos vistos e se avoluma o espectro da escassez de combustíveis numa nação mais dependente da

Continua na pag. 11

DL/GERAL

DIÁRIO DO GOVERNO

Regulamentado o Secretariado da Administração Pública

Foi regulamentado, através do Decreto n.º 269/73, o Secretariado da Administração Pública, órgão central incumbido de estudar, propor, coordenar e acompanhar a execução das medidas tendentes a promover sistematicamente o aperfeiçoamento e modernização da administração pública, «de modo a permitir-lhe corresponder às exigências do desenvolvimento económico e social do País».

Ao Serviço de Informação e Relações Públicas do Secretariado compete «realizar estudos de carácter geral sobre problemas de relações públicas e sugerir providências tendentes ao aperfeiçoamento das relações entre a Administração e os administrados, com o fim de favorecer o esclarecimento destes e a sua colaboração nas actividades administrativas».

CONCURSO PARA MÉDICOS NAVAIS

Vai ser aberto um concurso extraordinário, «na data julgada mais oportuna», para admissão de médicos navais do quadro dos oficiais, do activo, para candidatos com o serviço militar obrigatório cumprido. O concurso, documental, será aberto pela Superintendência dos Serviços do Pessoal da Armada «considerando a escassez de oficiais na classe dos médicos navais do quadro de oficiais do activo, onde presentemente se verificaram quarenta vacaturas».

QUADROS CLÍNICOS DA G. N. R.

Por decreto-lei, foi determinado que os lugares de médicos, veterinários e farmacêuticos da Guarda Nacional Republicana poderão, sempre que necessário, ser preenchidos por civis possuidores das respectivas habilitações profissionais a contratar mediante proposta do comandante-geral.

LICEU DE ESPINHO

A Direcção-Geral das Construções Escolares foi autorizada a celebrar contrato para a execução da empreitada de construção civil e instalação eléctrica do Liceu Nacional de Espinho, pela importância de 29 318 046$00.

LOCOMOTIVAS PARA MOÇAMBIQUE

Através da Direcção-Geral das Obras Públicas e Comunicações foi autorizada a Direcção dos Serviços de Portos, Caminhos-de-Ferro, e Transportes de Moçambique a celebrar com a empresa norte-americana General Electric Company um contrato para o fornecimento de um grupo de vinte e duas locomotivas Diesel eléctricas, incluindo equipamentos acessórios, sobressalentes e ferramentas.

CASTA DE VINHO VERDE

Foi decretado, através das Secretarias de Estado da Agricultura e do Comércio, que só poderão ser designados por «Alvarinho» os vinhos verdes brancos da subregião de Monção provenientes da casta Alvarinha e com as características organolépticas próprias e analíticas legalmente estabelecidas.

MICROFILMAGEM DE DOCUMENTOS

Por proposta do director do Instituto Nacional de Investigação Industrial, foi autorizado que este organismo possa microfilmar a documentação que deva manter em arquivo.

MAIS BARATO
É IMPOSSIVEL
Ouro — Jóias — Pratinhas
QUIONGA
R. Ferreira Borges, 31-A

TOME
O SEU DRINK
EM
AMENA CHAQUEIRA
AUTÓDROMO DO ESTORIL

MOEDAS
FEIRA DA MOEDA
RIO MAIOR
Dias 2 e 3 de Junho
(das 14 às 21 horas)

CADÁVER DE RECÉM-NASCIDO

Algumas mulheres que, ontem à tarde, andavam a apanhar flores nas proximidades da Quinta do Pombeiro, às Galinheiras, encontraram o cadáver de um recém-nascido já em adiantado estado de putrefação.

O caso foi logo comunicado à Judiciária que agora aguarda o resultado da autópsia antes de iniciar as investigações.

Motorista perdeu os documentos

O motorista do nosso jornal Salvador João Guerra Santana perdeu, na tarde de sábado passado, junto à Estação de Santa Apolónia, uma carteira contendo vários documentos, entre os quais a carta de condução, o bilhete de identidade e a carteira do Sindicato.

Dado que lhe fazem imensa falta para o desempenho das suas funções, agradecia, a quem os tiver encontrado, a sua devolução para a administração deste jornal: RUA Castilho, 185-1.º Lisboa 1.

FURTADOS 200 CONTOS EM ARTIGOS ELÉCTRICOS

Durante a madrugada de ontem registaram-se nas zonas de Oeiras, Algés, Amadora e Venda Nova, quatro assaltos a estabelecimentos de electrodomésticos, em que foram roubados artigos no valor de duzentos contos.

Foi o seguinte o corolário dos assaltos: furtados oito rádios, seis televisores, cinco gravadores, seis gira-discos, dez discos e dez cassetes, no valor de noventa contos, de um estabelecimento na Rua Gonçalo Zarcos, 18, em Oeiras; quatro gravadores, avaliados em dez contos, de uma loja na Avenida dos Combatentes da Grande Guerra, em Algés; cinco rádios e sete gravadores, no valor de sessenta contos, de um armazém de artigos eléctricos, na Rua António Feijó, 1, na Amadora; e ainda três televisores, quatro rádios e um gravador, avaliados em quinze contos, numa casa da Avenida Elias Garcia, 15, na Venda Nova.

A Polícia Judiciária que compareceu nos locais procede agora às necessárias averiguações.

DR. MOREIRA BATISTA NA T.V.

O Secretário de Estado da Informação e Turismo, dr. César Moreira Batista, fará hoje, às 21.30, através da rádio e da televisão, um dos seus habituais comentários.

Bodas de prata da "Casa Mãe do Gradil"

A Casa Mãe do Gradil vai festejar no domingo as suas bodas de prata para o que elaborou um programa festivo que inclui a actuação do rancho folclórico «Os Hortelões, e a Banda da Casa Pia de Lisboa.

Assistirão entidades oficiais, civis, militares e religiosas, além de inúmeros colaboradores e antigos alunos. Situada a 30 quilómetros de Lisboa, o Grandil alberga no seu internato 53 crianças orfãs ou abondonadas, dispondo de um externato para crianças pobres, velhos inválidos e doentes.

As pequenas internadas (conhecidas pelas «Florinhas do Gradil») distribuem diariamente leite pelos necessitados da aldeia, roupas e outros géneros.

LOTARIA DE HOJE

NÚMEROS PREMIADOS EM CADA SÉRIE

18.858 — 2.450.000$00
26.592 — 245.000$00
28.784 — 140.000$00

APROXIMAÇÕES AOS 1.ºs PRÉMIOS

18.857 — 7.577$50
18.859 — 7.577$50

PRÉMIOS DE 7 CONTOS

4.699; 6.818; 8.084; 8.985; 9.410; 10.251; 11.726; 12.451; 13.492; 14.020; 14.785; 18.529; 18.813; 20.204; 21.264; 21.321; 22.232; 22.466; 22.874; 23.597; 26.022; 27.123; 27.264; 29.014; 29.383; 29.848; 32.438; 33.027; 36.078; 38.751; 38.854; 39.237; 39.250; 39.410; 40.647; 45.017; 45.020; 45.978; 48.014; 50.011 e 50.438.

PRÉMIOS DE 280$00 (CENTENAS)

18.801 a 18.900; 26.501 a 26.600 e 28.701 a 28.800.

PRÉMIOS AOS ALGARISMOS FINAIS

Todos os números cujos três últimos algarismos sejam 018 têm direito a 735$00, de prémio, em cada bilhete; os terminados em 177, 252, 725, 902 ou 937, são premiados com 560$00. Os números cujos dois últimos algarismos sejam 78, são premiados com 525$00 e os terminados em 31 ou 93, são premiados com 350$00. Os restantes números cujo algarismo final seja 8 (terminação), são premiados com 175$, também no bilhete de cada uma das duas séries da emissão.

Esta informação não dispensa a consulta da lista oficial.

Os 280 contos dos 3.ºs prémios grandes foram distribuídos aos balcões da CASA DA SORTE.

CTT

CORREIOS E TELECOMUNICAÇÕES DE PORTUGAL

Alteração das taxas das correspondências postais internacionais

Em consequência das modificações cambiais que se têm estado a verificar, as taxas das correspondências postais internacionais, cujos valores estão fixados em ouro, foram alteradas por motivo da nova equivalência em escudos que entra em vigor no dia 1 de Junho próximo.

Deste modo, o porte das cartas do serviço internacional até 20 gramas é aumentado de 3$00 para 3$50, o dos bilhetes postais de 2$00 para 2$50, o prémio de registo passa a custar 7$00, assim como o aviso de recepção, produzindo-se ajustamentos deste género em todas as restantes taxas.

Para o transporte por via aérea acrescem as sobretaxas actuais.

ANTÓNIO MOURÃO

presente no
«MERCADO DA PRIMAVERA».

Dia 31, 5.ª-feira,
apresentação do seu
mais recente disco.

«SE QUISERES OUVIR CANTAR»

LP N.º SLPDX 532 — DECCA

À venda nos revendedores habituais e em

VALENTIM DE CARVALHO CI SARL

Os «Parodiantes de Lisboa» através do seu «P.B.X.» farão a cobertura do acontecimento

TV DL/ESPECTÁCULOS

canal da crítica

Por MÁRIO CASTRIM

A NOSSA ESPECIALIDADE : OS CONVENTOS VETUSTOS E A PAISAGEM LUXURIANTE...

Não. Não vale a pena. Sinceramente. E malhar em ferro frio. A televisão portuguesa como que está resolvida a levar por diante o desejo dos portugueses de conhecer melhor a sua terra — conhecimento que se não reduz à simples paisagem (embora nem disso fiquemos conhecedores, pelo que já não seria de todo em vão) nem ao rol dos monumentos e das casas. Conhecimento do que não pode separar-se a vida quotidiana das populações.

Não. Não vale a pena. A própria televisão, quando se trata de nos falar das terras portuguesas trata do assunto como se fossem simples interludios um pouco mais extensos, de qualquer modo meros tapa-buracos.

No entanto, não resisto à tentação de transcrever a parte final da emissão de ontem (ai uns dez minutos...) dedicada a Melgaço. Ora escutem

Melgaço, o concelho das pequenas igrejas românicas, das paisagens paradisiacas, dos vetustos conventos, das verdes vinhas, das colinas harmoniosas e ondulantes, do rio Minho no seu constante serpentear, das colinas despidas que se misturam com outras cobertas de arvoredo, Melgaço, situado no Minho onde a vegetação é luxuriante.

Ainda tivemos alguma esperança de assistir a uma coisa séria e de valer a pena quando...

Mas se não se importam vamos abrir um parêntesis.

Aconteceu no domingo passado quando José Atalaya nos veio apresentar uma jovem violoncelista de 17 anos, merecedora de todos os elogios de que Atalaya a rodeou e de quem nos deu uma breve biografia: a artista começara a trabalhar o seu violoncelo aos sete anos, idade considerada ideal pelo apresentador, depois passou para esta e para aquela orquestra, sendo hoje não já uma promessa, mas uma realidade.

José Atalaya refere a quantidade de artistas que se perdem entre nós por não encontrarem onde pratiquem o ofício. Qual era o processo, pelo menos um dos processos, de remediar a situação?

Muito fácil: as cidades portuguesas tratariam cada qual de possuir, não digo a sua orquestra, mas a sua orquestrazinha. Covilhã ou Evora, explica Atalaya, não poderiam sustentar grandes orquestras de 100 elementos, mas talvez já pudessem manter orquestras de 11 elementos.

Claro (e sempre Jose Atalaya quem vai falando) não se pode pagar qualquer coisa a um artista. Um artista tem de ser remunerado decentemente. Não nos esqueçamos que um artista leva pelo menos 10 anos a fazer. O mínimo que se poderia fazer em favor dos músicos dessas orquestras seria equipara-los, para efeitos de vencimento, a chefes de repartição.

A sugestão aqui fica, em letra de forma, para a posteridade, com a duvida (nossa) sobre a incapacidade das cidades portuguesas para alimentarem grandes orquestras. A verdade é que o dinheiro bem governadinho dá pra muita coisa. Até daria, até dará um dia, para as grandes orquestras com que José Atalaya, alentado pelo ambiente, já nem se atreve a sonhar.

E já agora, que estamos com a mão na massa...

Falou-se, há anos, da constituição de uma orquestra sinfónica privativa da RTP. Deve ter sido boato, porque entretanto nunca mais se ouviu falar de tal coisa.

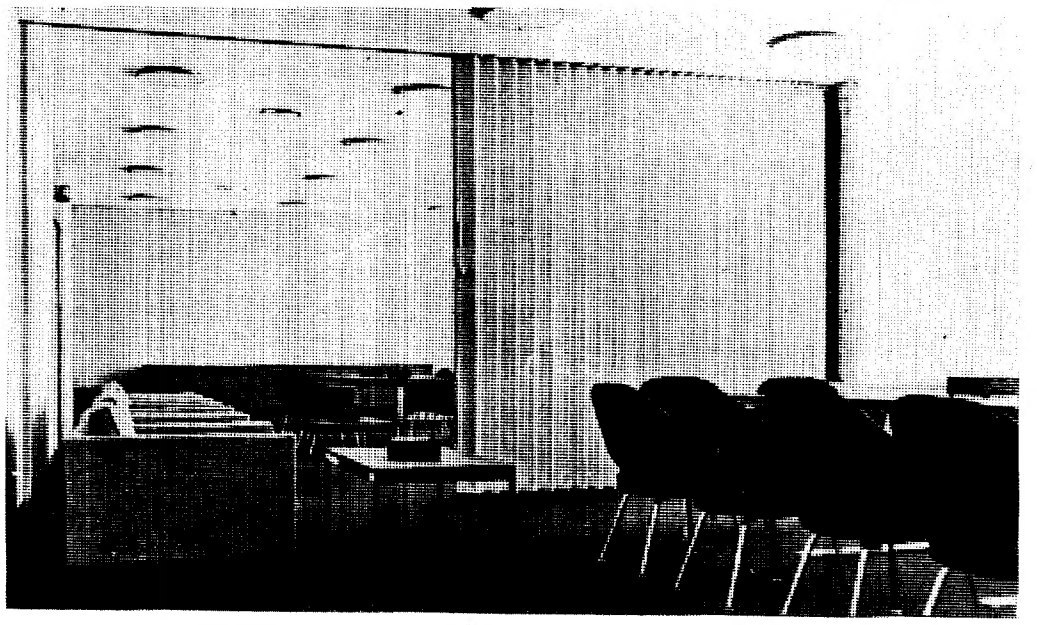
Com razão, figa-se. Para que diabo quereria a televisão portuguesa uma orquestra sinfonica, para que diabo precisa ela de orquestras e de artistas se tem lá o Krassman e o Mamede para acompanhar os grandes nomes da arte portuguesa como Gabriel Cardoso, Artur Garcia, Paco Bandeira, o Cheta...

... Regressemos a Melgaço.

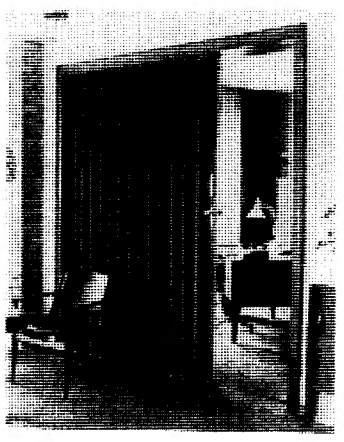
Foi na altura em que nos prometeram uma exibição do grupo de gaitas de foles de Parada do Monte. Enfim, cada cidade, ou cada vila, tem as orquestras que pode ter, as «orquestras» que se foram formando ao longo dos tempos, quanta vez ao longo dos séculos. Não íamos ouvir a *Nona* pela grande orquestra de Qualquer Grande Cidade Por Esse Mundo? Pois iríamos ouvir as modas populares do Alto Minho através da arte dos gaiteiros-mais-bombo da Parada do Monte.

Nem isso valeu ao programa. Foi uma breve aparição. Breve e dolorosa. O melhor é esquecer tudo isto e pensar nos problemas daquele pediatra perdido numa ilha do Pacífico. Problemas que, felizmente, nos em Portugal não temos. Nem em Melgaço nem em terra nenhuma. A nossa especialidade são os conventos vetustos e as terras uberes. Somos assim, o que é que querem.

acordial



A MAIS COMPLETA GAMA DE PAREDES EXTENSÍVEIS



As portas ACORDIAL são realizadas em quaisquer dimensões, solucionando todos os problemas de divisão de salas.

Não roubam espaço aos móveis ou paredes, mantendo as suas qualidades decorativas.

Não necessitam de nenhuma calha nem guia na parte inferior, evitando-se assim que o revestimento do chão seja interrompido.

As portas ACORDIAL são de aço e napa, materiais da nossa época. O aço assegura-lhes uma longevidade incomparável e a napa uma variada gama de cores.

As portas de fole ACORDIAL são as que melhor correspondem aos desejos dos arquitectos e construtores, sempre que queiram aumentar as possibilidades de utilização duma área habitável.

SONORTE

SOCIEDADE DE ESTRUTURAS METALICAS DO NORTE, S.A.R.L.

ALFRAGIDE-Telef.: 97 06 15 / 97 22 14 / 97 32 42 · Apartado 2794 LISBOA

PORTO - CLOISALL PORTUGAL, LDA · Apartado 317 · Telefone: 98 30 135

VÁ AO TEATRO!!!

VASCO MORGADO recomenda os seus espectáculos

TEATRO Tel. 86 47 56

LAURA ALVES

UMA DIVERTIDA COMÉDIA INGLESA

10 MESES NO CARTAZ

A CAMA DOS COMUNS

com Simone, Armando Cortez, Fernanda Borsatti, Luís Alberto, Alda Pinto e Alice Carla à frente dum notável elenco, e a colaboração de Dário Barros e Joaquim Rosa

Todas as noites: às 21.45 horas

SÁBADOS, 2 SESSÕES: às 20.45 e 23 horas

Domingos, «matinées» às 16 h. à noite, às 21.45 h.

2.ª feira, descanso da C.ª

TEATRO Tel. 32 74 93

CAPITÓLIO

6.º MÊS

Grupo D M/ 18 anos

Uma divertida comédia com IRENE e OCTÁVIO

No elenco:

Carlos Duarte, Carlos José Teixeira, Victor de Sousa, Maria Laurent, Mariano Franco, Fátima Miranda e Fernanda Franco

Todas as noites: 21.45 h.

4.ª feira, descanso da C.ª

SÁBADOS, 2 SESSÕES: 20.45 e 23 H.

DOMINGO

«Matinée» às 16 horas e à noite às 21.45 h.

BREVEMENTE: «O DIA EM QUE RAPTARAM O PAPÁ» NO TEATRO VILLARET um novo estilo de comédia — M/ 14 anos

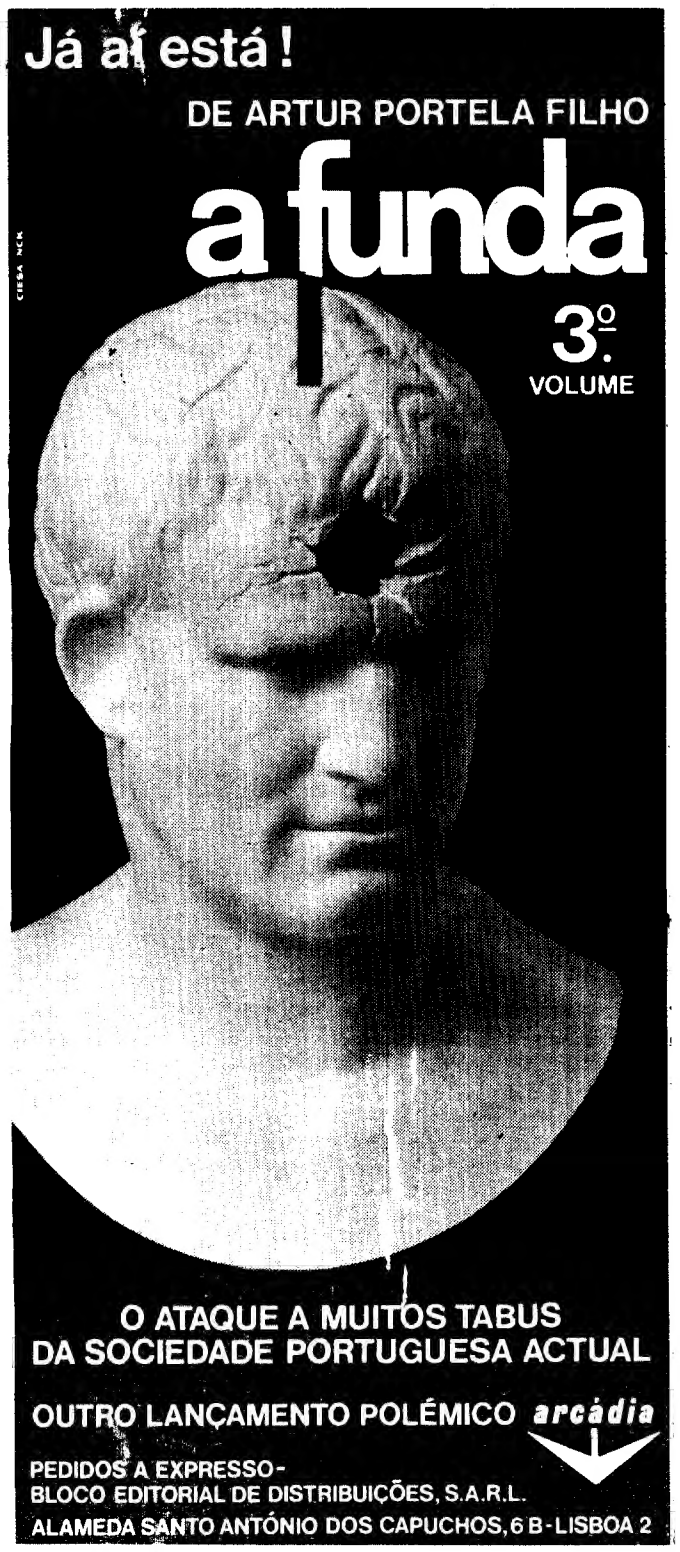
CTT

SERVIÇO TELEFÓNICO INTERURBANO AUTOMÁTICO

Os CTT, informam que a partir do dia 2 de Junho às 0 horas por motivo da automatização das redes de CASTRO VERDE, GARVÃO, PANOIAS, OURIQUE e SANTANA DA SERRA, os assinantes da ZONA DE LISBOA (TLP) e os assinantes das redes automatizadas dos grupos de redes de ARGANIL, AVEIRO, BEJA, CALDAS DA RAINHA, COIMBRA, ÉVORA, FARO, FIGUEIRA DA FOZ, FUNCHAL, MEALHADA, POMBAL, PORTIMÃO, SEIA, SETÚBAL, TAVIRA, TORRES VEDRAS, VILA FRANCA DE XIRA e VISEU, com acesso ao Serviço Telefónico Interurbano Automático, passam a obter directamente os assinantes daquelas redes marcando para o efeito os seguintes indicativos:

DOS TELEFONES DA ZONA DE LISBOA (TLP) 0073

DOS TELEFONES DOS RESTANTES GRUPOS DE REDES 073



DL/ESPECTÁCULOS

CINEMA NO MUNDO

Os russos filmam um documentário sobre Espanha **«Pelo que vimos dos cavalos, estou certo de que o meu país vai gostar imenso»** declarou á Imprensa espanhola o operador de uma equipa cinematográfica russa que esteve a rodar cenas na praça de toiros De Las Ventas, onde se realizou uma corrida de rejoneadores.

Os russos estão a rodar um documentário acerca da Espanha. Assinala-se que e o primeiro documentário feito pelos russos sobre a Espanha desde 1936.

A Espanha e a Rússia não têm relações diplomáticas, mas sim relações comerciais com carácter oficial.

Hitler obsecado pelo futebol «Hitler, futebolista» será título de uma película que vai ser realizada pelo produtor-argumentista actor francês Phillipe Claires, que se encontra na costa de Málaga.

Claire, conhecido pelo seu cinema de humor, assegura que Hitler estava obsecado pelo futebol e que planeava as suas operações militares, durante a Segunda Guerra Mundial, com a mentalidade de treinador de um grande clube.

A película declara Claire dará a conhecer um aspecto inédito da personalidade do dirigente alemão.

Novas coreografias do Grupo Gulbenkian de Bailado

No Auditório Dois da Fundação Calouste Gulbenkian realiza-se, amanhã e depois, um espectáculo que inclue cinco coreografias entre as quais se destaca Haendel op. 1 n.º 15 de Vasco Wellenkamp; Primeiro Encontro, de Jim Hughes; Proposta para uma Coreografia, de António Rodrigues (música de Kazvo Fukushima); Carta Branca e Ultima Dança para Meu Pai, de Patrik Hurde.

Este espectáculo é o resultado do 2.º Estúdio Coreográfico Gulbenkian onde jovens coreógrafos trabalharam em condições de inteira liberdade criativa. A Fundação pôs à disposição deles elementos cénicos simples e guarda-roupa especialmente concebidos para o efeito cujos desenhos foram elaborados pelos próprios ou por outros componentes do grupo Gulbenkian de Bailado.

Do programa consta ainda um exercício de improvisação dirigido pela bailarina e professora americana Irina Compton que colaborou no «Modern Dance» com Alwin Nikolais, José Limon e Merce Cunnigham.

A Gulbenkian apoia o cinema de amadores

A Fundação Calouste Gulbenkian reconhecendo a validade cultural de actividade do cinema de amadores, em Portugal, resolveu conceder à respectiva Federação (F.P.C.A.) um subsídio destinado à edição de um volume dedicada ao cinema de amadores português que contenha, dados históricos, actividade actual e objectivos.

Bailado israelita no S. Carlos

Começou ontem, no Teatro Nacional de S. Carlos a temporada de Bailado (1973) durante a qual actuará o agrupamento israelita Batsheva Dance Company que tem à frente do elenco Rina Schenfeld e Heud Ben-David, dois grandes bailarinos da actualidade.

O espectáculo da estreia repete-se, hoje, às 18 e 15, no mesmo local.

LOURENÇO MARQUES

4.º Festival da Canção do Seminário Pio X

«Zunilinguana-Fogo D'Amor» da autoria do estudante António Caetano Ferreira, foi a vencedora do Quarto Festival da Canção do Seminário Maior de S. Pio X. Este jovem, estudante daquele estabelecimento escolar, já fora vencedor do festival anterior.

Ao espectáculo assistiram o arcebispo de Lourenço Marques, D. Custódio Alvim Pereira, o bispo de Quelimane, D. Francisco Nunes Teixeira, o bispo de Nampula, D. Manuel Vieira Pinto, o reitor do Seminário Maior de S. Pio X, padre António Silva, o encarregado da comissão de festas, padre Machado de Abreu, o director da Escola Comercial «Azevedo e Silva», dr. Augusto Vinhal, e muito público, que encheu a sala.

As "bodas de oiro" de Josephine Baker

Josephine Baker, artista internacional de variedades que foi a grande atracção do Folies Bergéres, em Paris, durante largos anos, vai comemorar em Nova Iorque as suas «bodas de oiro» como artista e o seu sexagésimo sétimo aniversário.

Apresentar-se-á no Carnegie Hall cantando as principais das suas canções desde que iniciou a sua carreira como corista na revista musical «Shuffle Along», na década de 1920.

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido no Café e Cervejaria Dory de António Salgueiro Matos — GALA (Figueira Foz)

CASA DA COMÉDIA
R. S. Francisco Borja, 24
às Janelas Verdes
Hoje e todos os dias às 22 h.; Sáb. às 16 e às 22 h.; Domingo só às 16 h. Últimas semanas
A DANÇA DA MORTE EM 12 ASSALTOS
Com Carmen Dolores, Augusto Figueiredo e Álvaro Benamor. Encenação de Jorge Listopad. Marc. Telef. 677299. M 18 a.
Subs. Fundo Teatro

NOVOS E USADOS
COMPRA E VENDA
RECAUCHUTAGEM
Alinhamento de direcções — Calibragem de rodas
Especializado em pneus de camion
AUTO MODELAR ALAMEDA, LDA.
Alameda das Linhas de Torres, 151-C
Telefs. 79 10 70 / 79 27 81

ANDARES
PARA HABITAÇÃO OU RENDIMENTO
PRAÇA TIMOR — LOURES
Junto do liceu e campo de futebol
VEJA HOJE MESMO OS ANDARES
JÁ PRONTOS DO LOTE 2
Soc. Const. Espírito Santo & C.ª, Lda.
RUA D. CARLOS MASCARENHAS, 17-1.º
Telefs. 683599 - 689814 — LISBOA

PRÉMIO DE IMPRENSA 1971

Página 1

UM PROGRAMA DE RÁDIO

Todos os dias, excepto aos domingos,
em RÁDIO RENASCEÇA das 19.30 às 21 horas

DL/NACIONAL

em 3 linhas

Foi concedido o título de agregados dos 1.º e 7.º grupo de disciplinas pelo Instituto Superior de Agronomia aos drs. Luís Augusto Grandvaux Barbosa e Luís Soares Barreto.

///

Para comparticipação nos encargos de mão-de-obra na execução de trabalhos para o Museu de Etnografia de Vila Franca de Xira, foi concedido um subsídio à Junta Distrital de Lisboa.

///

Ao juiz dr. Roberto Ferreira Valente, exercendo, em comissão de serviço, o cargo de síndico da Câmara de Falências de Lisboa foi renovada a mesma comissão.

///

À Direcção-Geral dos Serviços Hidráulicos (Direcção Hidráulica do Tejo) foi concedido um subsídio para a obra da praia artificial do Rio Saver.

///

Foi autorizado o Banco do Alentejo, S.A.R.L., com sede em Évora, a alterar os seus estatutos, de harmonia com o que consta do processo aprovado na Inspecção-Geral de Crédito e Seguros.

///

A Misericórdia de Valença terá a comparticipação de 1.000.000$00 para a obra de construção do Asilo Cruz naquela cidade.

///

O Ministério das Finanças publicou, em suplemento ao «Diário do Governo», 2.ª série, n.º 82, a conta provisória do mês de Janeiro do ano económico de 1973.

///

Podem os interessados requerer a sua transferência para a Tesouraria da Fazenda Pública no concelho da Pampilhosa da Serra (3.ª classe).

///

Um subsídio de 1.500.000$00 foi concedido à Câmara Municipal de Abrantes para comparticipação nos encargos de mão-de-obra na execução de trabalhos de construção do edifício escolar de oito salas na sede do concelho.

///

Foi homologado o parecer da Comissão do Domínio Público Marítimo sobre a investigação da situação jurídica dos terrenos ocupados em Alhandra, em que é requerente a Sociedade de Moagens Associadas, S.A.R.L., constante do auto de demarcação no «Diário do Governo» (3.ª série, n.º 127).

///

O agente técnico de engenharia de electrotécnica e máquinas José Manuel de Sousa Chichorro Rodrigues foi contratado como adjunto técnico principal dos Serviços Regionais de Fiscalização da Obra de Cabora Bassa, do Gabinete do Plano do Zambeze.

Ainda não terminou o estudo do comércio armazenista e retalhista

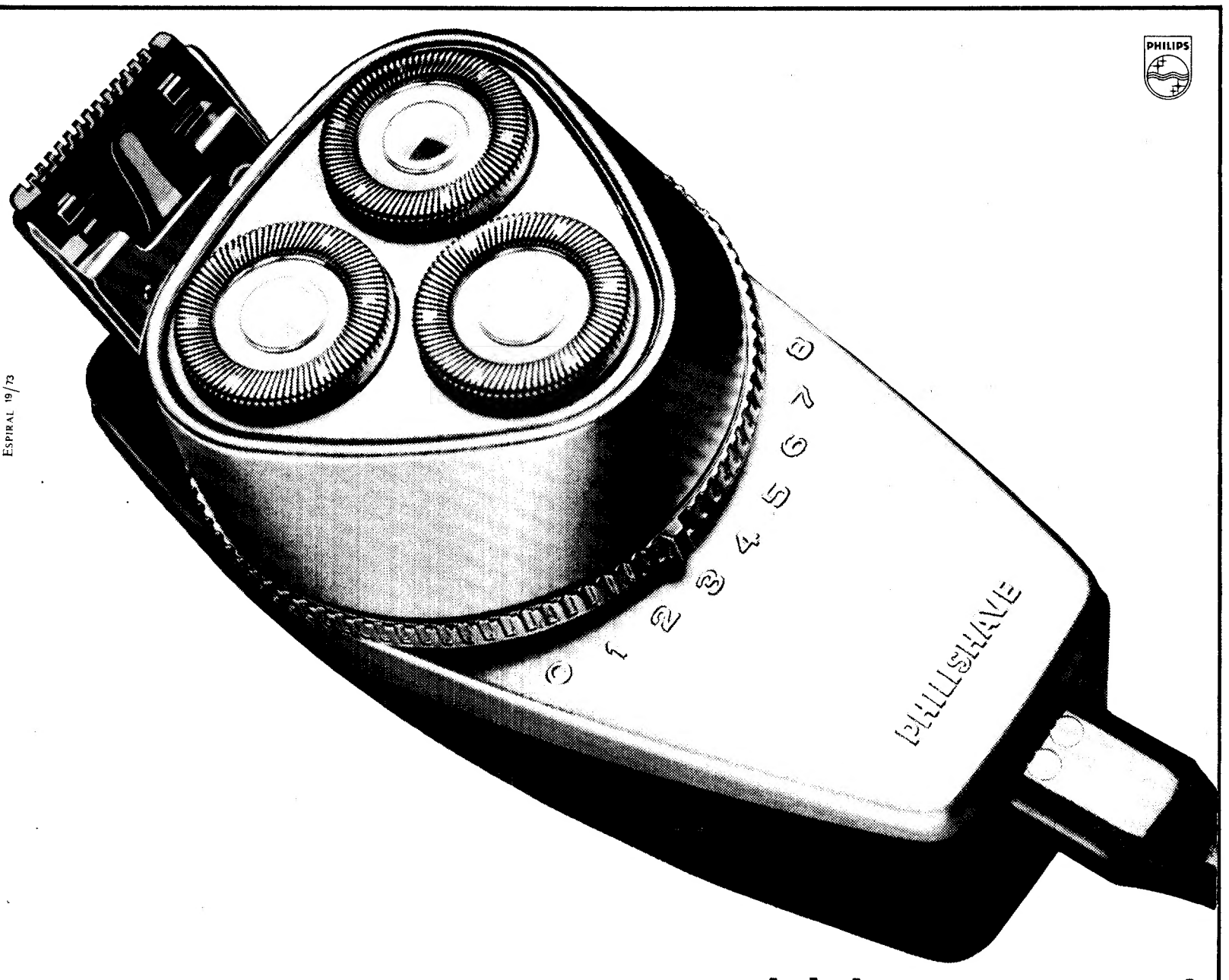
Por não estarem ainda concluídos os trabalhos de que fora incumbido, o Grupo de Trabalho nomeado pelo secretário de Estado do Comércio para analisar os problemas inerentes ao comércio armazenista e retalhista vai pedir ao dr. Alexandre Vaz Pinto a prorrogação do prazo que agora terminou.

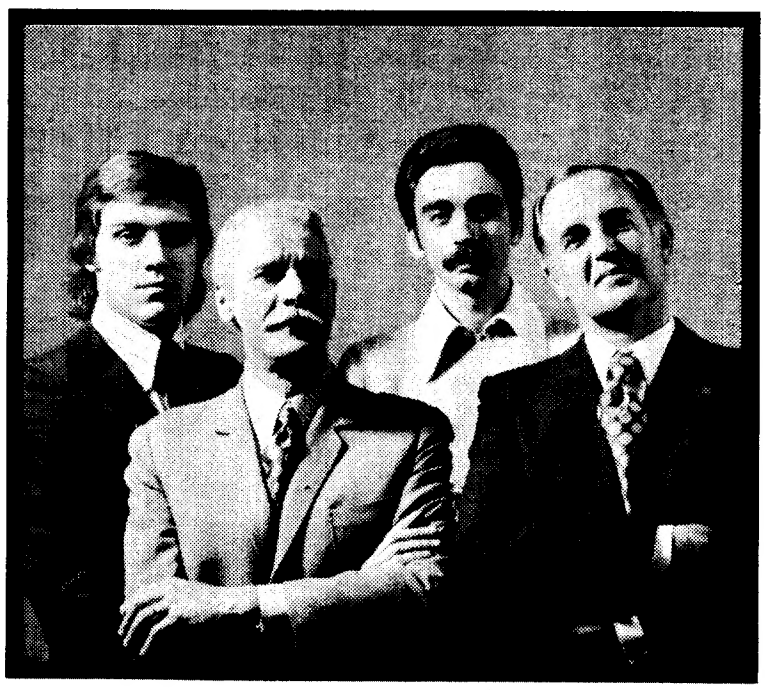
O Grupo de Trabalho é constituído por representantes do Gabinete de Planeamento da Secretaria de Estado do Comércio e da Corporação do Comércio, pelos presidentes da direcção e do conselho geral do Grémio dos Armazenistas de Mercearia, e presidentes dos Grémios dos Retalhistas de Mercearia do Sul, Centro e Norte.

Um dos objectivos a alcançar é a criação de condições que facilitem a adopção de medidas que permitam concretizar a reestruturação do sector retalhista, nomeadamente através da formação de associações de pequenos comerciantes.

PASSEIO AO CAMPO

O Grupo Tauromaquico Sector 1» promove no domingo um passeio à Herdade do Rabaçal, em Montemor-o-Novo, por deferência do ganadeiro José Luís da Moura. As inscrições devem ser feitas ate amanhã, na sede do Grupo.





nova philishave ajustável

PESSOAL E INTRANSMISSÍVEL

Click! Ao escolher uma das 9 posições diferentes da nova Philishave Exclusive 90 Super, adapta-a de modo pessoal e intransmissível à sua barba do momento.

Consoante o seu tipo de pele, a rijeza da sua barba, a frequência do barbear, as cabeças flutuantes da nova Philishave Exclusive 90 Super, fazem exactamente aquilo que você quiser.

270 ranhuras (90 em cada super-cabeça), constituem uma prova renovada e regulável da evolução do sistema de acção rotativa Philishave.

Para um barbear perfeito, confortável e personalizado prefira a nova Philishave Exclusive 90 Super, com corta-patilhas e bigode.

philishave exclusive 90 super

Para homens exigentes – Exclusivamente

PHILIPS

Limpeza e restauro de carpetes

Consulte os serviços técnicos da FÁBRICA DE TAPEÇARIAS SULTÃO. Pedidos aos escritórios: R. Conde de Redondo, 64, 2.º, dt.º Tel. 5 92 88.

ORÇAMENTOS GRÁTIS

DL/GERAL

ORA DIGA-NOS:

Que pensa do facto de estar a mulher a ocupar cargos governativos?

A mulher no Governo das Nações, não é tema novo. Se folhearmos a História ... Bom, mas também não vamos falar de História. Vamos apenas dizer que o facto de a mulher estar hoje a ocupar cargos governativos que durante séculos foram de total exclusividade do homem, liga-se bastante à alterosa e já irreversível, por certo vaga de emancipação feminina. A mulher, mesmo em países como o nosso, quebra as peias das limitações que a sufocavam como ser e lança-se abertamente na **concorrência** ao sexo oposto. Talvez ainda em desvantagem, mas isso apenas devido a determinadas circunstâncias. Sacode a segregação de que foi vítima durante anos e anos e de que continua a ser vítima, embora já não passiva e prova que pode fazer tudo o que ao homem está permitido. Como governar, por exemplo. Há dias, entre nós, foi noticiada a eleição duma presidente de Câmara Municipal. Pela primeira vez. Claro que já há em Portugal mulheres na governação. Porém, uma presidente de Câmara Municipal, é um cargo de muitas responsabilidades e, além disso, por ser a primeira vez que é ocupado por uma mulher, tem o seu quê de sensacionalismo. Para nós, para esta pátria em que vivemos e em que ainda não nos habituámos ao que lá fora até já se tornou hábito. Que pensam os homens e as mulheres da nossa terra, acerca deste surto feminino na governação de um país onde até há pouco essas oportunidades eram totalmente arredadas das possibilidades femininas. Claro que esta nossa rubrica não tem a pretensão de aprofundar problemas De qualquer modo, fomos para a rua e fizemos a pergunta: **Que pensa do facto de estar a mulher a ocupar cargos governativos?**

Responderam-nos:

Pedro Mendonça, agente de viagens, de Lisboa:

Acho que, desde que bem preparada, a mulher tem as mesmas possibilidades que o homem em todos os campos. Porque não haveria de ocupat altos cargos no Governo?

Ana Machado, pintora 21 anos, de Lisboa:

Quanto a mim, a mulher está muito mais apta a dar atenção aos aspectos sociais. No entanto, em Portugal, quer parecer-me que a mulher ainda tem uma posição que não lhe permite ser tão esclarecida como o homem e isto porque não lhe facilitam nada. Noutras circunstâncias de espaço e de tempo que não haveria de ocupar altos mas mulheres portuguesas tivessem uma digna representatividade nas coisas do Governo. E, nesse caso, ver-se-ia como ela possui a mesma capacidade de responsabilidade que se apregóa no homem.

Amâncio Augusto, estudante, Lisboa:

A um determinado nível, creio que a mulher pode corresponder a tarefa de grandes responsabilidade, como as da governação. Sem perder no confronto ...

Rosário Vasconcelos, estudante, do Porto:

Concordo perfeitamente com as oportunidades que se estão a oferecer à mulher como governante. Acho que existe nelas a mesma capacidade e sentido de responsabilidade que atribuímos só ... aos homens.

Aproximámo-nos de duas jovens estudantes que usavam na lapela um emblema muito conhecido de determinada associação juvenil. E inquirimos:

Importam-se de nos dar uma resposta ... e fizemos a pergunta.

Em troca, uma das jovens respondeu-nos de mau humor:

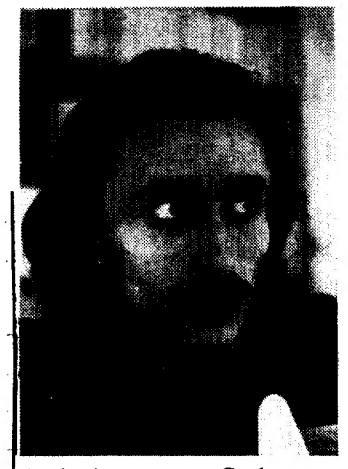
Eu não sei nada disso.

Geraldino Barros, músico, de Lisboa:

Vejo muito bem as mulheres no Governo, por que não? Há nelas um senso nem sempre existente no homem e que lhes dá a possibilidade de avaliarem melhor as situações, pelo menos quando se trata de situações delicadas. Naturalmente que não sou por um matriarcado absoluto e muito menos por um império de amazonas. Mas estou convencido que em pé de igualdade de direitos e opções em relação ao homem, a mulher não deixará de se mostrar um excelente governante.

Pedro Mendonça: **A mulher tem as mesmas possibilidades que o homem**

Ana Machado: **A mesma capacidade de responsabilidade que se apregoa no homem.**



Amâncio Augusto: **Creio que a mulher pode corresponder.**

João Sabrosa

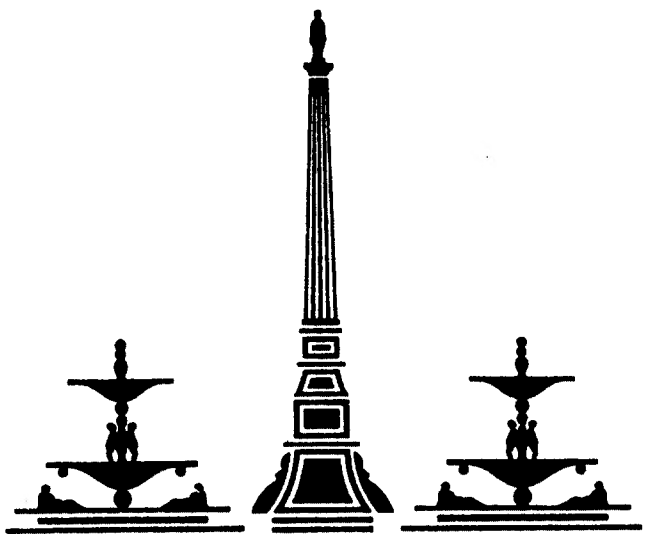
Geraldino Barros: **Vejo muito bem as mulheres no Governo...**

Rosário Vasconcelos: **Existe nelas a mesma capacidade e sentido de responsabilidade.**

O protocolo da visita do duque de Edimburgo

Uma entrevista com o ex-diplomata britânico Geoffrey Stow, presentemente a residir em Portugal (numa velha azenha, perto de Loures), que recentemente publicámos, parece ter induzido alguns leitores à convicção de que aquela individualidade seria o chefe do protocolo da visita do príncipe Filipe a Portugal.

Porque assim não é efectivamente, solicita-nos a Embaixada Britânica que esclareçamos ter sido Geoffrey Stow convidado pelo «Foreign Office» (convite que aceitou) apenas para as funções de consultor do protocolo no referente à parte inglesa, e exclusivamente quanto a esta, é claro. Aqui fica o esclarecimento.



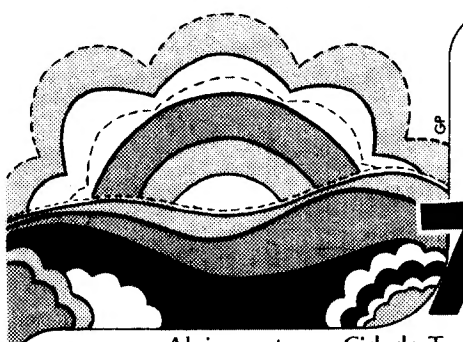
LOJA DAS MEIAS

ROSSIO — RUA CASTILHO

A PARTIR DE 1 JUNHO

ABERTURA 9,30 H. — ENCERRAMENTO 19,30 H.

ABERTO À HORA DO ALMOÇO



Férias na MADEIRA

7 dias 3250$

Alojamento na Cidade Turística da Matur em moradias e apartamentos independentes. Viagem de avião a jacto, Transfers. Dormida e pequeno almoço. Excursões e visitas.

Informe-se sobre as facilidades de pagamento concedidas, na sua Agência de Viagens ou no Departamento de Relações Públicas da Matur, Avenida Infante Santo 56a tel.661036 - Lisboa

ALGARVE

SE COMPROU CASA OU APARTAMENTO NO ALGARVE NAO TERÁ PROBLEMAS DE MOBILIÁRIO, TECIDOS E CORTINADOS, SE CONSULTAR UMA CASA ESPECIALIZADA, ASSOCIADA DUMA FÁBRICA DE MOBILIÁRIO DO NORTE

MODELOS ECONÓMICOS E ESTUDADOS PARA O AMBIENTE ALGARVIO

confortalis ARTIGOS DE DECORAÇÃO, LDA.
Rua do Comercio, 39 - PORTIMÃO

JF ELECTRICIDADE
JF MECANICA
JF ILUMINAÇÃO
JF CLIMATIZAÇÃO
J.F. DE AZEVEDO E SILVA & C.ª LDA
Trv. Fábrica dos Pentes, 8 - Tel. 654165 - LISBOA

DL/GERAL

A reforma do sistema monetário internacional debatida em Lisboa aquando da realização do XV Congresso da Association Cambiste Internationale

. A vinda a Lisboa do CHANC. JACQUES RUEFF e do DOTT. GUIDO CARLI para participarem no debate sobre a Reforma do Sistema Monetário Internacional, aquando da realização do XV Congresso da ASSOCIATION CAMBISTE INTERNATIONALE, reveste-se da maior actualidade e tem despertado interesse em todos os meios económicos e financeiros internacionais.

Igualmente, durante o Congresso, os maiores especialistas do Mercado Internacional de Câmbios, vindos dos principais países do Mundo, incluindo a Europa do Leste, estarão presentes em Lisboa onde, durante 4 dias, apreciarão os aspectos práticos daquele Mercado e procurarão estabelecer regras e usos uniformes na realização das operações cambiais.

A problemática da Reforma do Sistema Monetário Internacional, assunto de maior interesse a discutir durante o Congresso, será apreciada no confronto das posições do CHANC. RUEFF e do DOTT. CARLI.

Preparando a sua intervenção neste Congresso, o CHANC. RUEFF acaba de expôr a sua tese em 3 artigos publicados no jornal francês «LE MONDE» nos dias 15, 16 e 17 do corrente mês, alertando mais uma vez a opinião mundial para a necessidade imperiosa e urgente de se proceder a uma ordenação no Mercado Internacional de Câmbios, sujeito a crises cada vez mais frequentes.

As suas conclusões apreciadas e contestadas nos aspectos fundamentais pelo DOTT. GUIDO CARLI, cujas intervenções nas reuniões mais importantes ligadas à preparação da Reforma do Sistema Monetário Internacional se têm revestido de interesse especial.

A posição deste distinto economista e financeiro italiano, actual governador da BANCA D'ITÁLIA e antigo ministro do Comércio do seu país, será definida aquando da realização do debate em Lisboa, para o qual trará as suas mais relevantes contribuições para a reforma em estudo.

A entidade nacional responsável pela organização do Congresso, o FOREX CLUB PORTUGUÊS, prepara actualmente uma Conferência de Imprensa Internacional que terá lugar no Hotel Ritz no dia 2 de Junho próximo pelas 16 e 30, na qual estarão presentes os representantes de alguns dos mais conceituados jornais estrangeiros da especialidade e toda a Imprensa portuguesa.

Encontro internacional de cambistas

Com uma corrida de gala à antiga portuguesa, a que assiste o Chefe do Estado, inicia-se hoje, às 21 e 30, o XV Congresso da Associação Cambista Internacional, no qual participam cerca de 1200 membros de vinte Forex Clubes europeus.

Amanhã, às 10 horas, o conselho da referida Associação reune-se no Hotel Ritz, a fim de preparar a ordem do dia da assembleia geral magna do Congresso. Seguir-se-ão, às 15 horas, no mesmo hotel e no Estoril-Sol, mesas-redondas para apreciação e discussão das contribuições dos congressistas sobre os temas: «Aspectos práticos do mercado internacional de câmbios» e «Regras e usos uniformes relativos ao mercado internacional de câmbios». Às 17 horas, os membros do conselho da A.C.I. apresentarão cumprimentos ao presidente da Câmara Municipal de Lisboa. Às 19 horas, o coronel Silva Sebastião oferecerá uma recepção no Castelo de S. Jorge, seguida de uma festa tipicamente portuguesa.

No sábado, às 9 e 30, efectuar-se-á a assembleia geral magna do Congresso, no Grande Auditório da Fundação Calouste Gulbenkian. Às 11 horas, o ministro das Finanças e da Economia presidirá à abertura oficial, também na referida Fundação, do debate sobre «A reforma do sistema monetário internacional», em que intervirão o chanceler Jacques Rueff e o governador do Banco de Itália, dr. Guido Carli.

Os trabalhos prosseguem às 15 horas, nos citados hotéis, seguindo-se às 16 e 30, uma conferência de Imprensa, no Ritz.

No domingo os congressistas partirão ás 10 horas, **para uma festa campestre na Herdade de Francisco Ribeiro, em Azambuja, onde haverá um almoço. Às 16 horas efectuar-se-á a sessão de encerramento do Congresso.**

"DIÁRIO DE LISBOA"

A Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários da «Cruz de Malta», de Lisboa, e o Orfanato Escola Santa Isabel, de Albarraque, enviaram-nos ofícios de agradecimento pelas notícias que ultimamente temos dado sobre aquelas instituições.

Também a associação regionalista Casa dos Tabuenses, com sede em Lisboa, nos comunica ter sido aprovado, na última reunião, um voto «de profundo reconhecimento e agradecimento» ao nosso jornal, pelo apoio que tem dado às iniciativas daquela instituição.

DIA DO LIVRO BRASILEIRO

O samba vai à Avenida da Liberdade

Erico Veríssimo, Jorge Amado, Guimarães Rosa, José Lins do Rego, são alguns dos muitos autores brasileiros que, todos os anos, durante a Feira do Livro de Lisboa e do Porto, se transformam en autênticas vedetas literárias.

A juntar-se às homenagens e ao destaque que o «Dia do Livro Brasileiro» alcança na Feira do Livro, temos este ano uma nova iniciativa da Comissão Organizadora (Eduardo Ferreira, Carlos Silva e José Siqueira), destinada a alcançar ampla repercussão.

No dia 4 de Junho, 2.ª feira, a partir das dez horas da noite, a música do Brasil, com o seu ritmo e o seu optimismo, vai dar um novo «colorido» à Feira durante quase uma hora. O pianista Paulo Burgos nome conhecidíssimo nos meios artistícos brasileiros que veio especialmente a Lisboa, e pela primeira vez, para tocar na recepção oferecida pelo presidente Medici em Queluz) acedeu ao convite para colaborar no Dia do Livro Brasileiro. Ele tocará para a juventude portuguesa e para os jovens brasileiros que aqui residem música popular brasileira, encerrando a sua colaboração com uma peça de Villalobos.

DIFÍCIL SERÁ DECIDIR-SE POR UMA DAS 400 SOLUÇÕES QUE LHE APRESENTAMOS PARA AS SUAS FÉRIAS OU VIAGENS DESTE ANO.

PEÇA-NOS O LIVRO VIAGENS STAR 73 e os nossos serviços terão muito prazer em aconselhá-lo sobre o programa que melhor se ajuste ao seu caso

PAGUE SUAVEMENTE COM O CREDI-STAR

STAR

A MAIOR AGENCIA DE VIAGENS PORTUGUESA

Lisboa · Estoril · Porto · Faro · Funchal · Luanda

JÁ PODE COMPRAR A Taluda do Santo António 18000 contos no CAMPIÃO

BILHETES A ..... 2 400$00
DÉCIMOS A ..... 240$00
CAUTELAS A ..... 60$00

(Pelo correio mais 3$50 para registo)
APARTADO 2027 C ● LISBOA-2

"NÓS NÃO SOMOS BANDIDOS NEM ASSASSINOS; SOMOS HOMENS PERSEGUIDOS SEM TERRA NEM PÁTRIA"

— afirmam os guerrilheiros mortos em Munique no seu testamento político (República 12/9/72)

COMANDOS PALESTINIANOS CONTRA ISRAEL

Jacques Mansour Vergès

Como foram planeados e executados os ataques dos comandos palestinianos contra os aviões da El Al em Atenas e Zurique? Quais as razões morais ou políticas desses ataques? É este o tema — actual por quanto tempo ainda? — deste livro do advogado Jacques Mansour Vergès, a quem os tribunais de Atenas e Zurique impediram de assumir a defesa dos comandos.

Colecção OFÍCIO DE VIVER
170 páginas / ilustrado / 45$00

DOSSIER DO CONFLITO ISRAELO-ÁRABE

Colaboração de intelectuais árabes e judeus
Com um prefácio de Jean-Paul Sartre
(Número especial da revista *Les Temps Modernes*)

«...desejamos que os nossos leitores achem tempo para meditar estes artigos, e que, esquecendo as suas simpatias e repugnâncias, procurem pacientemente, na sua complexidade e nas suas contradições, a verdade.» *(Jean-Paul Sartre)*
«Em França esgotou-se no mesmo dia em que foi posto à venda.» (L'Express)

Colecção AS PALAVRAS E AS COISAS
1050 páginas / 140$00

A RESISTÊNCIA PALESTINIANA

Gérard Chaliand

Num momento crítico da sua existência, são analisadas por Chaliand as perspectivas da Resistência Palestiniana. Trata-se dum livro importante para que se compreenda as coordenadas em que se move a questão da Palestina. A obra é enriquecida com entrevistas «ao vivo» com dirigentes (O.L.P., El Fatah, Saika, F.P.L.P., F.D.P.L.P.) e com simples refugiados.

Colecção AS PALAVRAS E AS COISAS
260 páginas / ilustrado / 65$00

Editorial Inova/Porto
apartado 466

DL/GERAL

Homenagem a Maximiano de Sousa Santos na União Pragalense

Por iniciativa da Sociedade Recreativa União Pragalense, realiza-se no próximo dia 2 e Junho, naquela colectividade, uma homenagem a Maximiniano de Sousa Santos, autor de centenas de composições que hoje estão sendo interpretadas por alguns dos mais válidos artistas do fado e da canção.

Nesta festa, que terá início às 21 h, estarãopresentes os seguintes artistas: Manuel Calixto, Jesus Gouveia, Manuel Carlos, Mário Rosinha, Fernando Viegas, Domingos Pereira, António Manuel, Manuel Correia, Rui Lagarto, e muitas outras artistas, tais como Lourdes Cardoso e Carmelita, cuja autorização se aguarda das casas típicas onde actuam.

Os lugares de plateia e marcação de meses podem ser feitas a partir das 9 h na sede da colectividade ou pelo telefone 27 34 69.

Festa Nacional

Por motivo da Festa Nacional Italiana, o embaixador da Itália receberá no sábado os seus compatriotas residentes em Lisboa e de passagem pela capital. A recepção efectua-se na sede da Embaixada, entre as 11 e 30 e as 13 e 30.

Falta de pagamento de gratificações leva a tribunal um organismo da Previdência

Vai dar entrada no Tribunal uma acção posta pelo Sindicato Nacional dos Profissionais de Escritório do Distrito de Lisboa contra a Caixa de Previdência e Abono de Família e dos Serviços Médico-Sociais do Distrito de Lisboa, pelo facto de este organismo não estar a pagar a numerosos profissionais de escritório ao seu serviço nas unidades assistenciais dos Serviços Médico-Sociais uma gratificação mensal de 500$00.

Efectivamente, a Portaria 235/73 determina que «**o pessoal administrativo que preste serviço nas unidades assistenciais da organização médico-social auferirá uma gratificação de 500$00, a adicionar ao ordenado da categoria**». A comissão permanente prevista no Estatuto do Pessoal da Administração das Instituições de Previdência Social já se pronunciou no sentido de que os auxiliares administrativos — em cujo quadro estão englobados os referidos trabalhadores — deverão auferir a citada gratificação.

Apesar das diligências já feitas pelo Sindicato dos Profissionais de Escritório, a Caixa de Previdência dos Serviços Médico-Sociais tem-se recusado a liquidar as gratificações desde Maio de 1971 (data de entrada em vigor do Estatuto), apesar de já ter regularizado a situação quanto aos telefonistas que prestam serviço nos seus postos.

Um passeio à Lua na Feira Popular...

Uma pista de «troleys» um passeio à Lua, um castelo fantasma, peixinhos tropicais, gaiolas e aquários, a juntar às já bem conhecidas grande roda, montanha russa, astrólogos e espelhos «Bucha e Estica» começarão amanhã a sua actividade de divertir crianças e adultos. A Feira Popular vai abrir, preenchendo as noites já mornas de muitos milhares de pessoas.

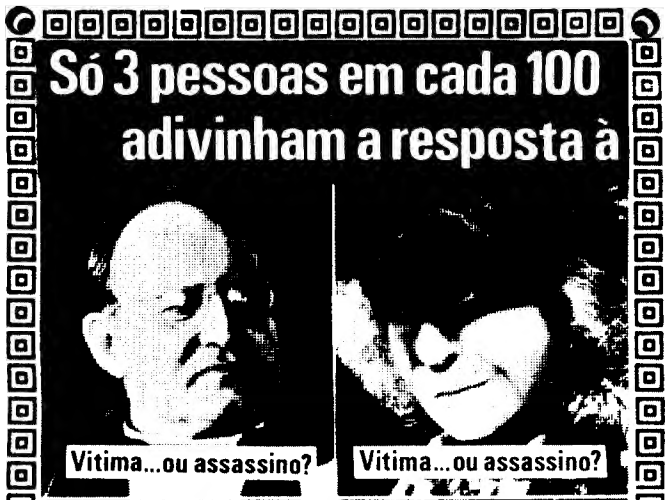
Aberta das 19 à 1 da madrugada nos dias úteis, sábados e domingos e vésperas de feriado e das 15 às 2 da manhã. O parque de diversões que maior área ocupa em Lisboa estara em funcionamento até ao fim de Setembro, revertendo o seu lucro para a Colónia Balnear «O Século»

DEZANOVE DESPEDIMENTOS NO SECTOR DOS PROFISSIONAIS DE PROPAGANDA MÉDICA

Ascende a dezanove o número de profissionais de propaganda médica que foram despedidos por firmas que negoceiam em especialidades farmacêuticas, dezoito dos quais desde o dia 1 de Abril até agora.

Os trabalhadores despedidos pertenciam às firmas Lilly (Unifa), três (em 30 de Abril); Nicofarm (Fermentos Holandeses), um, em 9 de Maio; Zimaia, quatro, em Maio; Alfredo Cavalheiro Lda, dois, em 3 e 15 de Março; Azulai, dois, em 4 de Maio; Feraz Lynce, dois, em e 30 de Abril; Bial, um, em 3 de Janeiro; Sigma, um, em 3 de Março; Impusus, um, em 30 de Abril; Barral, um, em 25 de Abril; e J. Neves, um, este mês.

Em alguns casos, as firmas referiram o Contracto Colectivo de Trabalho, recentemente homologado após arbitragem. A convenção colectiva tem efeitos retroactivos a partir de 1 de Fevereiro no que se refere a vencimentos e indemnizações.



NOITE SEM FIM

DA OBRA DE

AGATHA CHRISTIE

HAYLEY MILLS \ HYWEL BENNET
BRITT EKLAND
GEORGE SANDERS PER OSCARSSON

Uma obra prima de suspense e também curiosamente... Uma história de amor

GRUPO D 18 ANOS

DISTRIBUIDORES REUNIDOS

2.ª SEMANA NO IMPÉRIO

Este filme foi extraído do romance de Agatha Christie «NOITE SEM FIM» que se encontra publicado em Portugal pela Editora LIVROS DO BRASIL, na colecção «Vampiro».

1 SEMANA em LONDRES

SÓ abreu

LHE OFERECE ESTAS VANTAGENS:

1) PARTIDAS AOS DOMINGOS (TODOS OS DOMINGOS ATÉ OUTUBRO)
2) MODERNOS JACTOS «TRIDENT»
3) CHEGADAS E PARTIDAS AO AEROPORTO CENTRAL DE LONDRES (HEATHROW)
4) MELHORES PREÇOS
5) A TRADICIONAL QUALIDADE abreu

ORGANIZAÇÃO EXCLUSIVA

abreu

FUNDADA EM 1840

LISBOA — Av. Liberdade, 160 Telef. 320021 (15 linhas)
PORTO — Av. dos Aliados, 207 Telef. 37921 (15 linhas)
COIMBRA — Rua da Sota, 2 Telef. 27001/27002

CRUZEIROS "FUNCHAL" NO

- TOTALMENTE REMODELADO!
- CLASSE ÚNICA A BORDO!
- SERVIÇO DE 1.ª CLASSE!

MADEIRA - AÇORES MARROCOS - CANÁRIAS

A MAIOR SÉRIE DE CRUZEIROS NO MELHOR PAQUETE PORTUGUÊS!

Partidas de LISBOA:
19/6 - 3, 17 e 31/7 - 14 e 28/8 - 11 e 25/9 - 9 e 23/10

9 DIAS DESDE 6550$

Programas e Inscrições:

abreu

FUNDADA EM 1840

LISBOA — Av. Liberdade, 160 Telef. 320021 (15 linhas)
PORTO — Av. dos Aliados, 207 Telef. 37921 (15 linhas)
COIMBRA — Rua da Sota, 2 Telef. 27011 27012

motor revista

A FEIRA POPULAR DE LISBOA

A FAVOR DA COLÓNIA BALNEAR INFANTIL DE «O SÉCULO»

REABRE AMANHÃ ÀS 19 HORAS

SERÃO IMPORTANTES E CURIOSOS OS SEUS «STANDS» E PAVILHÕES EM QUE O COMÉRCIO E INDÚSTRIA ESTARÃO REPRESENTADOS COM JUSTIFICADO INTERESSE PARA O PÚBLICO.

IGUALMENTE SERÁ UM ADMIRÁVEL CONJUNTO O DE DIVERTIMENTOS POPULARES, DE RESTAURANTES E OUTRAS INSTALAÇÕES.

CONFIE NA Ourivesaria da GUIA

UM NOME NA OURIVESARIA PORTUGUESA

RUA D. DUARTE, 4-B
(Edifício do Hotel Mundial)

REABRE NO DIA 1 DE JUNHO

A Estância Termal do Vimeiro

LOCAL IDEAL PARA FÉRIAS E TRATAMENTOS

A 1 HORA DE AUTOMÓVEL DE LISBOA

BALNEÁRIO DA FONTE DOS FRADES

Com cabines: Fisioterápia, banhos de imersão, massagens subaquáticas, duches filiformes e lombares, semicúpios, ginecológicos e enteroclises

Tratamento das doenças de nutrição, hepáticas, dos intestinos, hemorroidal e ginecológicas

FONTE SANTA

Tratamento das doenças dos rins, bexiga, fígado e pele
ASSISTÊNCIA MÉDICA: Dr. Pedro Garcia Anacleto

Piscinas abastecidas com água mineral corrente a 27°, não recuperada, contendo bicarbonatos de cálcio e sódio, magnésio, fluoretos, brometo de zinco, efeitos surpreendentes na pele

GOLFE 9 BURACOS COM 2350 M²
CAMPOS DE TÉNIS—EQUITAÇÃO—PESCA EM RIO E MAR
3 MAGNÍFICAS PRAIAS DO ATLÂNTICO

HOTEL DAS TERMAS—100 quartos

HOTEL GOLFE MAR — 1.ª classe

(ABERTO TODO O ANO)

Informações e marcações: AVENIDA CONSELHEIRO FERNANDO DE SOUSA, 1 (às Amoreiras) Telefones: 65 12 02 - 68 05 68 e 0011 - 98/103/104/157

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por João Evangelista M. Quitério, «Café Copacabana» MIRA

DUGERAL

Economistas de 17 países visitaram a C.U.F.

A evolução das Fábricas da Companhia União Fabril, no Barreiro, foi descrita pelo seu Director, Eng.º Faria Santos, aos membros do Comité-Director da Confederação Internacional das Associações de Diplomados em Económicas e Financeiras, que ali se deslocaram ontem de manhã. O Director-Financeiro da C.U.F., Dr. Helder Veiga, aludiu também ao crescimento da empresa, Fornecendo, a propósito, elucidativas explicações.

Depois de receberem cumprimentos de boas-vindas, os economistas de dezassete países visitaram pormenorizadamente aqueles estabelecimentos fabris, prendendo-se a observar com o maior interesse o seu funcionamento.

Mais tarde efectuou-se um almoço nas instalações da empresa, durante o qual foram trocados amistosos brindes.

Novo catedrático de Oftalmologia

Na Reitoria da Universidade de Lisboa, terminaram as provas do concurso para provimento de um lugar de professor catedrático de Oftalmologia da Faculdade de Medicina de Lisboa, dos professores agregados drs. João Manuel Ruas Ribeiro da Silva, Luís Nuno Coelho Ferras de Oliveira e Paulo Eugénio de Sousa Ramalho.

O júri foi constituído pelo prof. Manuel da Silva Pinto, da Universidade do Porto, e por todos os catedráticos em exercício na Faculdade de Medicina de Lisboa, tendo todos os candidatos sido aprovados em mérito absoluto e em mérito relativo: primeiro, o prof. João Manuel Ruas Ribeiro da Silva; em segundo, o prof. Paulo Eugénio de SOUSA Ramalho; e em terceiro, o prof. Luís Nuno Coelho Ferraz de Oliveira.

O lugar vago de professor catedrático de Oftalmologia da Faculdade de Medicina de Lisboa vai ser ocupado pelo prof João Manuel Ruas Ribeiro da Silva.

Colóquio sobre Festivais

Às 21 e 30 de hoje, na sua sede, o Centro Nacional de Cultura promove um colóquio dedicado aos recentes festivais internacionais de Teatro, em Nancy, e de Cinema, em Cannes.

Sobre o festival de Nancy falarão os membros do grupo «A Comunna» (Carlos Paulo, Francisco Pestana, João Mota, Madalena Pestana, Manuela Freitas e Melim Teixeira) que em Nancy representam o teatro português. Sobre o festival de Cannes falarão António de Macedo, autor do filme «A Promessa», seleccionando para o festival, e os cineastas e críticos António da Cunha Teles, António-Pedro Vasconcelos Eduardo Geada e José Vieira Marques.

SECRETÁRIO DA INDÚSTRIA

PONTA DELGADA, (ANI) — São inauguradas amanhã, pelo secretário de Estado da Indústria, dr. Hermes Augusto dos Santos, as novas instalações da Central Térmica e Subestação de Ponta Delgada.

Do novo complexo salienta-se os três grupos Diesel-eléctricos que vão permitir aumentar a potência instalada de 6.450 HP-5.700 KVA para 19.650 HP-8.150 KVA, e a nova ala da subestação, onde está intalado o centro de distribuição que permitira o abastecimento, de energia a Ponta Delgada através de uma rede de cabos subterrâneos.

ARTES PLÁSTICAS DE MOÇAMBIQUE

O jornalista Cartaxo e Trindade profere hoje, às 18 e 30, na Sociedade de Língua Portuguesa, uma conferência subordinada ao tema «Artes Plásticas em Moçambique».

A entrada é livre.

CRÓNICA INTERNACIONAL

Continuação da pag. 3

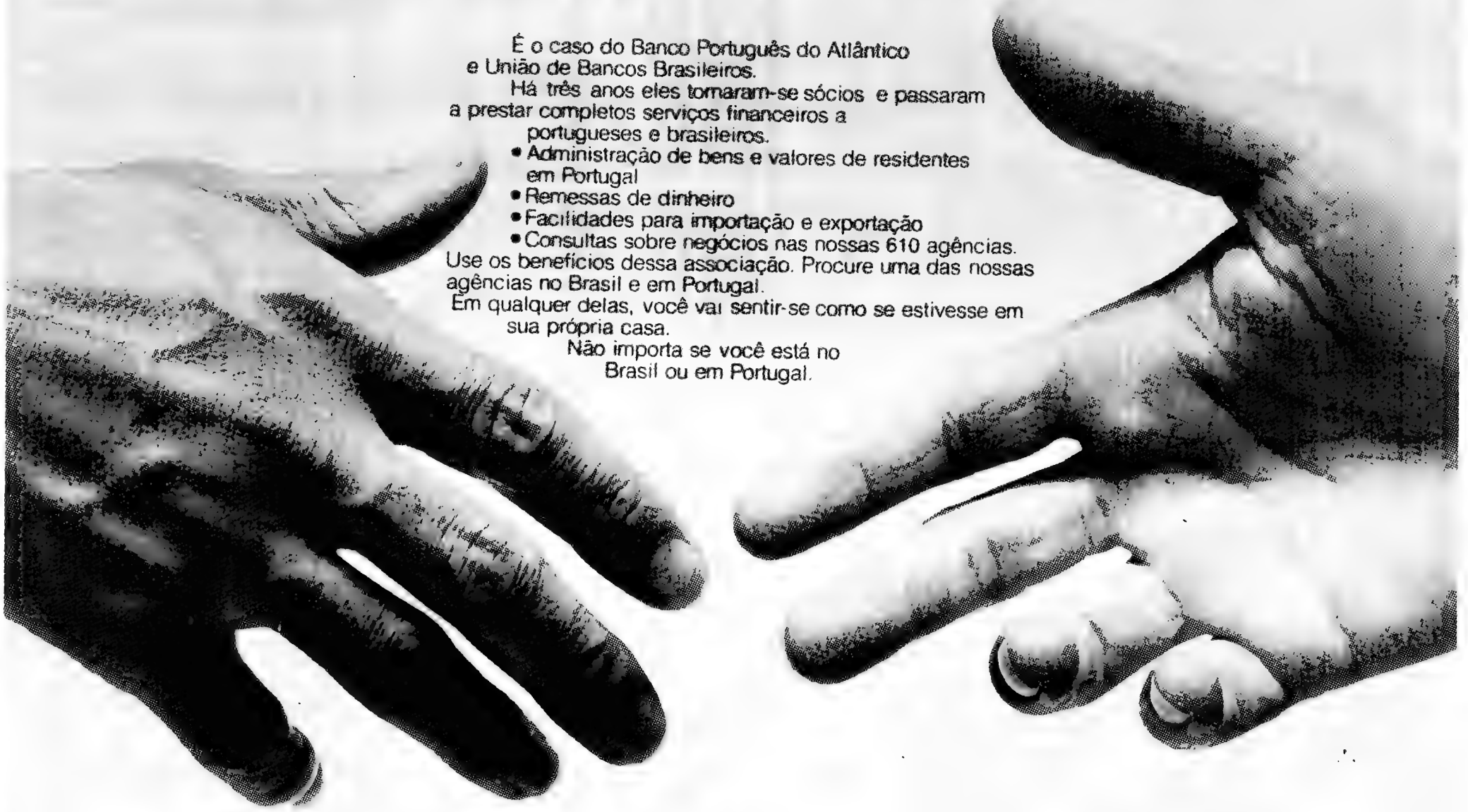
energia do que qualquer outra.

No actual transe, Nixon poderá ser ajudado paradoxalmente pelos dirigentes das superpotências rivais da América do Norte, a URSS e a China de Mao Tse-Tung, interessados em que o presidente prossiga a concretização de uma política, no fundo mais destinada a salvaguardar agora o prestígio dos EUA do que a resolver a longo prazo os gravíssimos problemas com que os americanos se vêem a braços.

Existem várias maneiras de aproximar dois povos
Uma delas é associar dois Bancos

É o caso do Banco Português do Atlântico e União de Bancos Brasileiros.
Há três anos eles tornaram-se sócios e passaram a prestar completos serviços financeiros a portugueses e brasileiros.
- Administração de bens e valores de residentes em Portugal
- Remessas de dinheiro
- Facilidades para importação e exportação
- Consultas sobre negócios nas nossas 610 agências.

Use os benefícios dessa associação. Procure uma das nossas agências no Brasil e em Portugal.
Em qualquer delas, você vai sentir-se como se estivesse em sua própria casa.
Não importa se você está no Brasil ou em Portugal.



BANCO PORTUGUES DO ATLÂNTICO
UNIÃO DE BANCOS BRASILEIROS

DL/ESTRANGEIRO

Um economista prevê novas desvalorizações da moeda americana

WASHINGTON, 31 (UPI-ANI) — Contrariamente ao relativo optimismo oficial, o economista Peter Rinfret prevê outras desvalorizações do dólar» se na verdade os Estados Unidos querem solucionar o deficite na sua balança de pagamentos».

Falando perante a subcomissão de finanças internacionais do Senado, Rinfret, conselheiro ocasional do presidente Nixon, declarou que, apesar das duas desvalorizações registadas em dois anos o dólar continua sobrevalorizado.

«O povo norte-americano está a vender dólares a um preço muito menor do que lhe custa obtê-los enquanto as empresas, diante desta perspectiva, não fazem outra coisa senão equilibrar esta venda aventureira» — salientou Rinfret.

Para solucionar aquela situação, Peter Rinfret propôs uma desvalorização maciça do dólar (elevando o preço do oiro para 200 dólares a onça), uma redução de pelo menos 5.000 milhões de dólares na circulação fiduciária, a adopção de uma posição «dura» nas negociações comerciais multilaterais, e o reconhecimento de que o Governo dos Estados Unidos «está em bancarrota».

Na mesma sessão um funcionário do banco central norte-americano Deway Daane, declarou que nos primeiros três meses deste ano os Estados Unidos conheceram outro recorde: um déficite de 10.2000 milhões de dólares.

Nova avaria no Skylab

HOUSTON, 31 (R.) — A missão do laboratório espacial Skylab sofreu nova avaria eléctrica a qual forçou ao cancelamento do programa previsto para hoje e que consistia na continuação das observações da superfície terrestre.

A nova avaria, que reduziu ainda mais o potencial eléctrico disponível levou o comandante Pete Conrad a pedir aos controladores de voo que pensem seriamente na possibilidade de se libertar um dos painéis solares que ficaram presos no exterior do Skylab, não chegando a entrar em funcionamento.

Segundo Conrad o painel está preso apenas por uma tira do material de revestimento e será relativamente fácil soltá-lo.

O único painel em funcionamento, que devia ser utilizado unicamente para mover o conjunto de telescópios instalados a bordo, está também a ser utilizado para alimentar o resto do equipamento.

A nova avaria surgiu quando os reguladores de corrente se desligaram automaticamente deixando apenas 12 baterias a funcionar.

Mais tarde os técnicos de Houston localizaram a avaria que deixou apenas uma das baterias inutilizadas e conseguiram carregar as outras, graças aos painéis solares.

O director de voo Leon Hutchinson, comentando o problema disse ontem à noite: «De cada vez que ficamos sem uma bateria perdemos 250 watts de energia disponível. Continuaremos depois de amanhã com as observações da superfície terrestre mas a situação preocupa-nos».

Essa observação inclui fotografias com câmaras especialmente equipadas para detectarem jazigos minerais, o estado das colheitas, a distribuição da neve e do gelo, a poluição e até mesmo os cardumes de peixe nos oceanos.

As observações da Terra e do Sol ontem feitas pelos astronautas foram consideradas «fantásticas» pelos cientistas da NASA que aguardam com impaciência mais elementos.

A dificuldade está em que o Skylab tem de efectuar uma rotação de 120 graus para as observações da Terra e nessa posição os painéis solares ficam à sombra pelo que toda a energia gasta é fornecida pelas baterias.

Wehner visita Berlim Leste

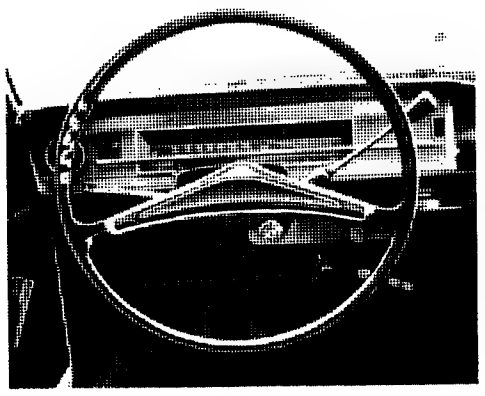
BERLIM LESTE, 31 — (R) Herbert Wehner, um dos principais dirigentes políticos do Partido Social Democrata do chanceler Willy Brandt, fez uma visita inesperada a Berlin Leste ontem à noite, dando origem a especulação sobre possíveis acontecimentos novos nas relações entre as duas Alemanhas.

Wehner é um antigo membro do Partido Comunista Alemão do período anteior à guerra e em Moscovo foi colaborador de Walter Ulbricht que mais tarde seria o chefe da República DemocráticaAlemã criada após a derrota nazi.

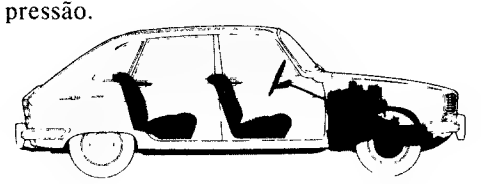
Mais tarde Wehner afastou-se do Partido Comunista e tornou-se um socialista moderado, tendo contribuído para o chamado programa de Bad Godesberg que levou o Partido Social-Democrata Alemão, a abandonar os seus princípios marxistas para adoptar uma política reformista.

Conviver com o Renault 16 é um prazer.

Quem compra um Renault 16 sabe o que vai comprar. E goza, antecipadamente, com as perspectivas de convívio com um carro potente, cómodo e ultra-seguro.



Ao construir o Renault 16, a Renault dotou-o com todas as qualidades para o melhor convívio com o automobilista: Travões de disco assistido por servo-freio; suspensão altamente flexível, independente às quatro rodas; motor 1600, em alumínio super-resistente, com cambota de cinco apoios; 71 cv SAE; sistema de arrefecimento rápido, comandado por termostato.
Tudo isto para não falar na célebre tracção à frente, para a qual as curvas difíceis não existem.
Enfim, a Renault construiu um grande carro. Cheio de conforto.
Todo espaço. Um carro que honra quem o guia.
Motor 4 cilindros - 1565 cm³ - cambota de 5 apoios - 70 cv SAE - 150 Km/h - 4 velocidades sincronizadas - travão de disco às rodas da frente - suspensão independente às 4 rodas - travagem assistida por servo-freio e repartidor de pressão.



RENAULT

O maior fabricante mundial de tracção à frente.

INDÚSTRIAS LUSITANAS RENAULT, S.A.R.L.

DESDE
ESC. 2745.00
UMA SEMANA
PARTIDAS SEMANAIS DE JUNHO A OUTUBRO
NORTUR/PM TURISMO
LISBOA R Barata Salgueiro 8 Telef 58874
PORTO R Jose Falcao 82 Telef 27587

DL/ESTRANGEIRO

Michael Elliot, diplomata inglês relacionado com os serviços de Imprensa, recebeu ordem de expulsão da Islândia, por ter divulgado informações «secretas» relativas aos movimentos das vedetas inglesas. Elliot fora há menos de uma semana para Reykjavik, como enviado do Ministério dos Negócios Estrangeiros, a fim de dar assistência aos jornalistas ingleses, os quais estariam a tomar posições declaradamente pró-islandesas nas suas notícias. (Telefoto UPI/Telimprensa/DL)

REJEITADAS AS EXIGÊNCIAS DOS ASSALTANTES DE UM AVIÃO COLOMBIANO

BOGOTÁ, 31 _ (EFE e ANI) _ O Governo colombiano nao pode aceitar a exigência dos assaltantes do avião da Sociedade Aeronáutica de Medellin a respeito da libertação de cento e oitenta presos políticos.

Depois de uma reunião de cinco horas, o Conselho de Segurança distribuiu um comunicado no qual se afirma não haver mais do que cerca de trinta presos, além do que isso significaria uma total violação da ordem jurídica do país.

Do Conselho de Segurança, além do presidente Misael Pastrana Borrero, fazem parte os ministros do Governo e da Defesa, o director da Polícia Secreta e, neste caso, o director da aeronáutica civil.

No avião viajavam 87 pessoas, mas os piratas permitiram que algumas mulheres e crianças descessem no aeriporto de Aruba, enquanto os restantes passageiros e tripulantes permaneciam no aparelho.

Os terroristas consideram presos políticos os 185 detidos cuja libertação solicitam.

Os piratas são portadores deimodernas pistolas-metralhadoras e «sizem-se dispostos a tudo», segundo comunicou o comandante do aparelho, que tem estado em diálogo permanente com a torre de controle do aeroporto de Bogotá.

Desde que se iniciou a onda de assaltos deste género, há sete anos, já foram desviados dezassete aviões colombianos.

De acordo com informações prestadas pela aeronática civil, dezasseis daqueles aviões foram desviados para Cuba. Outro foi sequestrado por um doente mental e obrigado a aterrar em Barquisimeto, na Venezuela.

O décimo avião, ontem assaltado, permanece em Aruba.

DESCONHECIDA A IDENTIDADE DOS ASSALTANTES

PEREIRA (COLOMBIA), 31 _ (EFE e ANI) _ Os dois piratas aéreos que desviaram o avião colombiano embarcaram no aeroporto de Matzcana, em Pereira _ informam as autoridades policiais.

A afirmação baseia-se no facto de o avião ter feito escala nesta cidade, vinfo de Cali, e do assalto ter sido efectuado pouco depois de ter levantado de Pereira.

O aparelho encontra-se em Aruba e a indentidade dos assaltantes é, por enquanto, desconhecida.

A ironia de Nixon

REYKJAVIK, 31 (UPI-ANI) _ Quando o presidente Nixon entrou ontem à noite no palácio governamental de Reykjavik, para conversações com os dirigentes islandeses, um funcionário informou-o de que às quintas-feiras não há televisão na Islândia.

Nixon, irónico, perguntou: «Então, só lêem livros»? A Islândia diz ter a mais alta taxa de leitores do mundo, e afirmas que enquanto um norte-americano lê um livro, um islandês lê setenta.

PROVA DE FORÇA PERONISTAS-TROTSKISTAS NA ARGENTINA

BUENOS AIRES, 31 (FP) _ Menos de uma semana depois da subida ao poder do presidente Hector Campora, parece iniciada na Argentina a prova de força entre as autoridades justicialistas e as organizações militantes armadas da extrema esquerda.

Em dois comunicados difundidos na segunda-feira, o Exército Revolucionário do Povo, anunciava que não atacaria as novas autoridades mas que, nem por isso, deporia as armas.

Afirma-se, nos meios próximos da presidência que o presidente Hector Campora ficou contrariado com a difusão destes dois últimos comunicados. Segundo certas informações que não foram confirmadas, a Confederação Geral do Trabalho, que é dominada pelos peronistas ortodoxos, iria publicar um comunicado para denunciar «o procedimento dos provocadores da extrema esquerda». Para os observadores, a reorganização, à pressa, da Aliança Libertadora Nacionalista, ala armada do regime entre 1946 e 1955, assim como a de dois ou três grupos armados da direita «independência», da Frente Justicialista de Libertação, permitem pensar que os peronistas receiam um confronto sério com os trotskista

Estes fizeram grande propaganda de si próprios. No sábado passado, o presidente Campora indultou todos os presos políticos, entre os quais muitos membros do ERP, e esperava-se, de acordo com as promessas da organização clandestina, que depois disto, o contra-almirante fosse libertado.

Recorde do ouro

LONDRES, 31 _ (FP) _ O ouro atingiu 115 dólares a onça (novo record) nas primeiras transacções de hoje. O mercado londrino abriu em ambiente de calma dado que a maior parte das praças financeiras europeias se encontraram encerradas na Festa da Ascensão. Ontem encerrada a 114 dólares depois de se ter verificado uma alta de 7,5 dólares em dois dias.

CALEIDOSCÓPIO

PROTESTO DA LÍBIA _ O representante da Líbia na ONU enviou na quarta-feira uma comunicação ao presidente do Conselho de Segurança para protestar contra actos de agressão dos Estados Unidos à República Arabe Líbia, designadamente as actividades hostis da Sexta Esquadra americana no Mediterrâneo e as incursões de aviões dos EUA no espaço aéreo líbio em 21 e 30 de Abril passado. O Governo líbio não pede a convocação do Conselho de Segurança. (F. P.).

OS JUDEUS E A ESPANHA _ Cerca de sessenta mil judeus salvaram-se na Segunda Guerra Mundial graças à intervenção da diplomacia espanhola _ afirma o jornalista Frederico Ysart, no livro «A Espanha e os Judeus» distinguido com o «Quarto Prémio Mundo» e que ontem foi apresentado ao público. O autor declarou que a sua obra dá a conhecer documentação que até agora estava confinada aos arquivos do Ministério espanhol dos Assuntos Exteriores. Simultaneamente foi apresentado o livro «Cairá Allende?» do jornalista espanhol José António Gurriaran, no qual é analisada a via chilena para o socialismo e as suas dificuldades. (EFE/ANI).

EXPERIÊNCIAS NUCLEARES FRANCESAS _ Setsuo Yamada, presidente da Câmara de Hiroxima, a primeira cidade atingida por uma bomba atómica, dirigiu hoje um apelo ao presidente Pompidou para que cancele as projectadas experiências nucleares francesas no Pacífico. (R.).

Israel ameaça endurecer a sua posição

JERUSALEM, 31 _ (UPI-ANI) _ Israel não deixou margem para dúvidas de que se os Estados Unidos fornecerem novas armas á Arábia Saudita e ao Koweit, o governo israelita endurecerá a sua posição no tocante ás iniciativas de paz para o Médio Oriente.

Os dois principais matutinos do país publicam notícias semelhantes em que reflectem a apreensão de Governo a respeito dos acordos que actualmente estão a ser negociados em Washington.

De acordo com funcionários israelitas, tanto a Arábia Saudita como o Koweit receberão armamento no valor de 500 milhões de dólares, caso os acordos sejam concluídos.

«Israel terá de voltar a examinar as fronteiras de segurança que vai exigir para si próprio, considerando-as essenciais no âmbito de uma solução de paz com os Estados árabes» _ lê-se no «Haaretz». E mais adiante:

. «Em Jerusalém há esperança de que, se Israel mostrar teimosa resistência, Washington evitará entregar as armas mais modernas á Arábia Saudita e ao Koweit, especialmente no sector aéreo».

Por outro lado, o «Davar» salienta que o chefe do Governo, sra. Golda Meir, tem praticamente o apoio total do gabinete para a sua convição de que, se os referidos acordos forem concluídos «poderá ser considerada a posição israelita no que respeita ao problema das fronteiras defensáveis no âmbito de uma futura solução política».

VIETNAME: VIOLAÇÕES DO CESSAR-FOGO

SAIGÃO, 31 (R.) _ O Vietcong e o Governo de Saigão acusaram-se mutuamente de graves violações do cessar-fogo apenas dois dias depois do Canadá ter anunciado que abandona a comissão internacional de fiscalização por considerar que o acordo de cessar-fogo não está a ser acatado.

Um informador do Vietcong acusou a aviação americana de ter bombardeado regiões libertadas perto da fronteira do Camboja na terça-feira, ao passo que Saigão acusa os comunistas de terem utilizado, pela primeira vez, desde o início do cessar-fogo, tanques num ataque realizado na periferia de Hué.

O informador do Vietcong disse que aviõjs americanos efecturam quatro ataques contra o território controlado pelo Governo Revolucionário Provisório a 130 quilómetros a Noroeste de Saigão. O informador classificou esses ataques aéreos como uma grave violação do cessar-fogo.

É esta a segunda vez que o Vietcong acusa a Aviação americana de bombardear aquela área e de ambas as vezes os americanos desmentiram a acusação.

O comando militar sul-vietnamita afirmou por seu turno que as forças comunistas apoiadas por tanques atacaram ontem de manhã uma posição governamental 30 quilómetros a sudoeste de Hué, a mais isolada das fortalezas que constituem o perímetros defensivo daquela antiga capital imperial.

Um informador militar disse que o ataque foi repelido, tendo a aviação posto fora de combate seis tanques. Os comunistas deixaram no terreno 15 mortos.

No delta do Mekong, ao sul de Saigão, também se travaram ontem importantes combates em que os comunistas tiverfam 45 mortos. Fontes militares disseram que o Exército governamental sofreu sete baixas.

UM ROUBO AUDACIOSO!
UM LADRÃO DE NERVOS CONGELADOS!

VITTORIO DE SICA
NUM PAPEL PERFEITO
PARA O SEU ESTILO

O MAIOR ESQUIADOR DO MUNDO
JEAN-CLAUDE KILLY
NO SEU PRIMEIRO FILME

O GRANDE CABRIOLA

GRUPO D/18 ANOS

JEAN-CLAUDE KILLY in "THE SKI RAIDERS" · DANIELE GAUBERT · CLIFF POTTS · Also Starring VITTORIO DE SICA
arg. Ken Kolb and Jeffrey Bloom · Prod. Edward L. Rissien real. George Englund · Panavision® Technicolor®
Distribuido por COLUMBIA & WARNER

AMANHÃ, ÀS 21.45—ESTREIA NO ALVALADE

Prevenir acidentes, combater o absentismo

-CONCLUSÕES DO III CONGRESSO DE PREVENÇÃO DE ACIDENTES DE TRABALHO

«Reconhece-se a magnitude das questões levantadas pela Prevenção dos Riscos Profissionais e a actual insuficiência e dispersão dos meios e das estruturas estatais. Recomenda-se, assim, a criação de um órgão coordenador (...) ou, numa orientação mais integrada, de um Instituto Nacional com atribuições gerais de prevenção». Esta é a principal conclusão, no campo das medidas de organização, do III Congresso de Prevenção de Acidentes de Trabalho, recentemente encerrado no Porto.

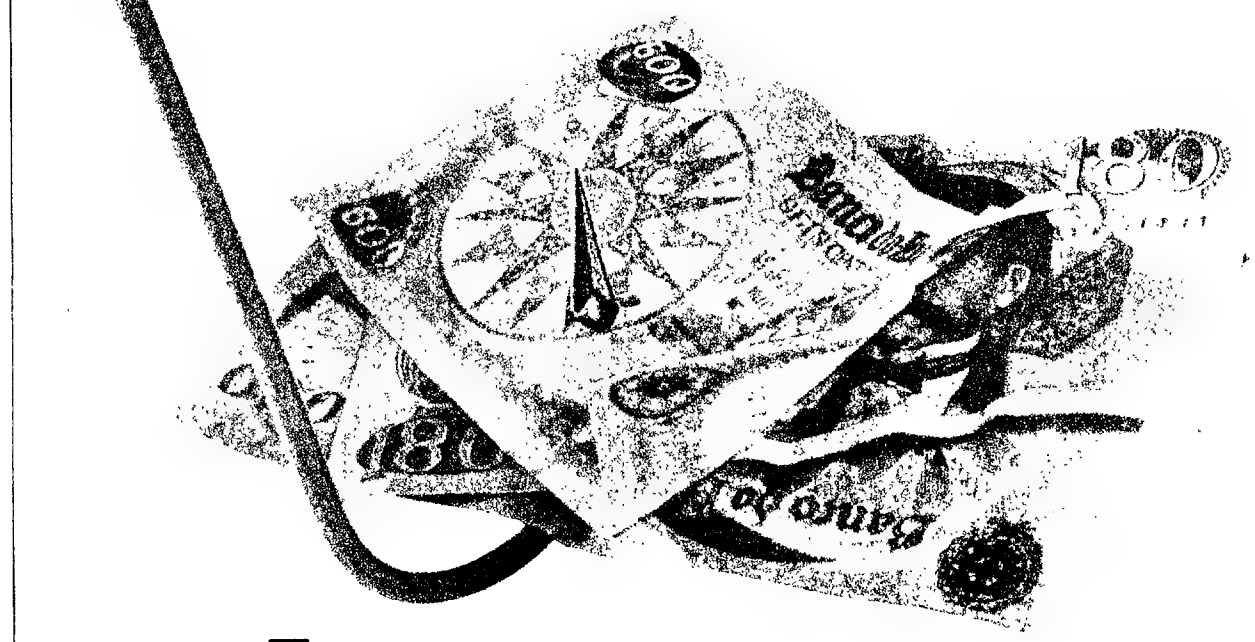
De uma forma geral, as conclusões deste Congresso são marcadas por dois aspectos. Por um lado, o reconhecimento da ineficácia do actual sistema de prevenção, por outro a formulação de medidas de transição ou adaptação em vista de uma reorganização geral do mesmo sistema. Assim, «reconhece-se a ineficácia actual dos processos de informação e formação no campo da prevenção e a consequente e frequente inoperância dos órgãos por eles responsáveis no nosso País». Reconhece-se «uma vez mais a insuficiência de dados estatísticos sobre sinistralidade laboral e doenças profissionais», bem como a dispersão das normas legais de prevenção. Ao nível das propostas, no campo da «formação e informação», sugere-se: a revisão urgente do sistema legal, apontando para «uma responsabilidade social directa»; a necessidade de «integração da formação preventiva na formação profissional», bem como a urgência de «mentalizar as administrações e gerências» sobre os problemas da Prevenção. Sublinhando que a «actividade preventiva e informativa só atingirá os seus objectivos se se afastar a noção generalizada de culpabilidade do sinistrado e do trabalhador como objecto passivo da Prevenção», as conclusões deste sector acentuam a necessidade duma nova regulamentação das Comissões de Segurança, que deveriam funcionar como órgão simultâneamente consultivo e deliberativo, tendo em conta «a necessidade de adequadas sanções pelo não cumprimento das normas de Prevenção», e propõem a sistemática introdução de cláusulas sobre segurança e higiene nas convenções colectivas.

DOENÇA E ABSENTISMO

No campo da «saúde ocupacional», depois de se salientar o condicionalismo sócio-económico do País, aconselha-se: a publicação urgente da lista das doenças profissionais; intensificar a implantação de serviços médicos de trabalho nas empresas; e «dada a não-cobertura médico preventiva específica dos trabalhadores rurais e grande parte dos trabalhadores das pequenas e médias empresas, pede-se uma acção prioritária no sentido de se efectivar essa cobertura». No sector das «Técnicas de higiene e segurança», no quadro duma revisão geral da legislação, frisa-se a necessidade de: «normas referentes a material de protecção e segurança, bem como de normas de avaliação dos riscos; proibir a utilização de máquinas sem dispositivos de segurança e anti-poluição; uma efectiva fiscalização do trabalho. Ainda neste sector, se aborda o problema da extensão do seguro escolar, a prevenção dos incêndios, a regulamentação do transporte automóvel, incluindo a questão dos horários de trabalho de motoristas e das condições de trânsito dos peões, a necessidade de intervenção estatal no domínio da prevenção de acidentes e doenças profissionais resultantes da poluição e do ambiente.

A par das muitas propostas e sugestões adiantadas nestas conclusões, focam-se alguns problemas cuja acuidade terá determinado o tom das intervenções e os apelos à tomada de medidas urgentes. Escreve-se no relatório das conclusões referentes à «saúde ocupacional»: **«Atendendo à gravidade médico-social e à incidência no absentismo e na economia nacional das doenças profissionais e de diversas doenças comuns dos trabalhadores, conforme foi documentado por vários trabalhos apresentados deste Congresso, propõe-se que seja dado maior incremento ao seu estudo e às medicinas de prevenção neste vasto campo da Patologia». «Reconhecendo a importância dos problemas de Saúde Mental nas empresas portuguesas sugere-se, sobretudo, a análise da Patologia de Empresa...» E, em conclusão final: «dada a importância do absentismo nas empresas portuguesas, reconhece-se a urgente necessidade de o estudar sob o ponto de vista epidemológico com o fim de determinar, entre nós, os seus principais factores causais e encontrar as respectivas soluções».**

a nossa isca



chama-se DINHEIRO!

Dinheiro mesmo. Dinheiro forte. Apesar da nossa politica de baixos preços, que significa autêntica oferta de dinheiro, seleccionámos para venda as marcas mais reputadas, os modelos mais recentes, e as mais modernas inovações técnicas.

Venha v. mesmo comprovar que Qualidade e Gosto não custam mais

AVENIDA DA LIBERDADE, 131
AVENIDA ALMIRANTE REIS, 124-B
RUA DE S BENTO, 53 57
PRAÇA DE LONDRES, 7-A E 7-B
RUA D ESTEFANIA, 193-D-E-F
RUA 1 DE MAIO, 146

Bardo
Electrodomésticos - Mobilias

Frigorificos · Máquinas de lavar · Televisão · Hi-Fi · Cine-Foto · Candeeiros

ANÁLISE DA ARTE PORTUGUESA

Integrado no ciclo de «Análise da Arte Portuguesa» o crítico de arte Egídio Alvaro fará, sexta-feira pelas 21 e 45, no IADE — Instituto de Arte e Decoração,Rua do Alecrim, 70 — uma palestra sobre os artistas Ana Vieira e João Dixo. Do ambiente ao objecto, da pintura à sua crítica, da escultura à sua ocultação, a obra destes dois artistas representa uma das tendências mais interessantes da actual arte portuguesa.

S. R.

FORÇA AÉREA

COMANDO DA 1.ª REGIÃO AÉREA

Conselho Administrativo

Concurso para Aquisição de Géneros para alimentação do Pessoal do Aeródromo Base N.º 1

Faz-se público que no dia *20* do mês de Junho de 1973, pelas *14H30*, no Conselho Administrativo do Comando da 1.ª Região Aérea, instalado no Quartel do Aeródromo Base N.º 1, na Portela, se procederá à arrematação de fornecimento dos géneros a utilizar na confecção da alimentação do pessoal (Oficiais, sargentos e praças) abonados pelo AB-1, durante o 2.º Semestre do ano de 1973.

As propostas serão entregues no mesmo Conselho Administrativo até às *16H30* do dia *19 de Junho*, em envelope fechado e lacrado e do modelo constante do caderno de encargos que se encontra patente no referido Conselho Administrativo todos os dias úteis das *10H00* às *12H00* e, das *14H00* às *16H30* excepto aos sábados que será das *10H00* às *12H00*.

Os depósitos provisório e definitivo são das importâncias constantes do mesmo Caderno de Encargos.

Lisboa, 25 de Maio de 1973.

O PRESIDENTE DO C. A.
Armando Pais Gaspar
Coronel I. C.

MERCADO DA PRIMAVERA
MOEDAS
Visite o nosso stand
Tel. 321677 LISBOA

CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA

PRESIDÊNCIA

EDITAL N.º 73/73

Eu, António Jorge da Silva Sebastião, Presidente da Câmara Municipal de Lisboa, faço saber que correm éditos de 30 dias, contados da data da segunda publicação deste Edital, intimando nos termos do Artigo 9.º do Regulamento Geral das Edificações Urbanas, LAURA JHONSON, residente em parte incerta, co-proprietária do prédio sito na Rua de S. Lourenço, 1, torneia Largo dos Trigueiros, 13/14 Beco dos Serradores, 32/34 e Calçada de S. Lourenço, 10, a iniciar no referido imóvel no prazo de 8 dias findo o dos éditos, obras de reparação e beneficiação geral, as quais deverão ficar concluídas nos 30 dias seguintes.

NOTA I: Nos termos do disposto no n.º 2 do artigo 1.º do Decreto-Lei n.º 166/70, de 15 de Abril de 1970, a obra a executar não carece de licenciamento municipal. Todavia, se ocupar a via pública com andaimes, amassadouros, caldeiras, tubos de descargas, apetrechos acessórios e materiais para obras, deverá munir-se de licença para o efeito. Deverá, ainda, juntar uma declaração de responsabilidade no caso de armar andaime, conforme dispõe o artigo 5.º do Decreto n.º 41 821, de 11 de Agosto de 1958.

NOTA II: Nesta data já se encontram intimados alguns dos co-proprietários, promovendo-se o expediente necessário para ser intimado o restante.

E, para geral conhecimento se publica o presente Edital.

Paços do Concelho de Lisboa, 21 de Maio de 1973.

O PRESIDENTE

António Jorge da Silva Sebastião

DL/GERAL

Condenado o tesoureiro da Câmara de Luanda

LUANDA, 30 . (ANI) Foi condenado na pena de quatro anos e seis meses de prisão maior João Guilherme Gomes de Oliveira, de 50 anos, natural de Santa Luzia, Funchal, tesoureiro da Câmara Municipal de Luanda, acusado de um desvio de 870 contos, praticado naqueles serviços.

O Réu, julgado no segundo Juízo Criminal de Luanda, tinha colocado, á ordem do tribunal, indemnizando assim a entidade lesada, o valor correspondente ao alcance. Por não se ter conformado com a sentença, recorreu, por intermédio do seu advogado, para o tribunal da Relação de Luanda.

Horário do comércio em Coimbra

COIMBRA, 31 Segundo o que foi aprovado pelo Conselho Municipal, e em cumprimento do decreto-lei 56/73, o novo regulamento de abertura e encerramento dos estabelecimentos comerciais deste concelho ficou assim estabelecido, nas suas linhas gerais:

Divide-se em cinco grupos de actividades: alimentar (supermercados e hipermercados, mercearias, charcuterias, talhos e salsicharias e outros estabelecimentos afins); vestir e calçar (lojas de fazendas, retrosarias, camisarias, chapelarias, sapatarias e outros estabelecimentos afins); de turismo (pastelarias, leitarias, confeitarias, floristas e outras onde se vendem artigos de artesanato e recordações, postais, revistas, artigos de fotografia e de cinema para amadores e produtos relacionados com o hábito de fumar); barbeiro e cabeleireiro e os não incluidos em qualquer dos grupos anteriores.

Os proprietários destes estabelecimentos poderão escolher para os mesmos e consoante o grupo, entre as 8 e as 21 horas; entre as 9 e as 20; entre as 8 e as 0 horas e entre as 8 e as 20. O período da abertura mínimo é de oito horas, excepto ao sábado e segunda-feira, em que poderá limitar-se ao período da manhã ou da tarde; e pode, ainda, o período de abertura ser interrompido para almoço, pelo tempo máximo de duas horas.

A entrada em vigor deste novo regulamento deve ser anunciada oportunamente.

Mortos em combate

O Serviço de Informação Pública das Forças Armadas comunica que morreram em combate na Província da Guine os seguintes militares: soldado do Recrutamento da Província n.º 820810/71, António Talibo Baio, natural de Farim, filho de Hanso Baio e de Sire Sanha; soldado do Recrutamento da Província, n.º 820702/72, Adulai Embalo, natural de Nova maru Balde e de Fatumata Buaro, casado com Ana Balde; desapareceu o soldado do Recrutamento da Província n.º 820438/72, Carlos Núncio Balde, natural de Bafatá, filho de Samba Balde e de Mancala Balde, casada com Genabo Balde; no Estado de Angola, morreu em combate o soldado do Recrutamento do Estado, n.º 607570/71 Ulisses Adão, natural de Latete, filho de Adão João e de Carga Francisco.

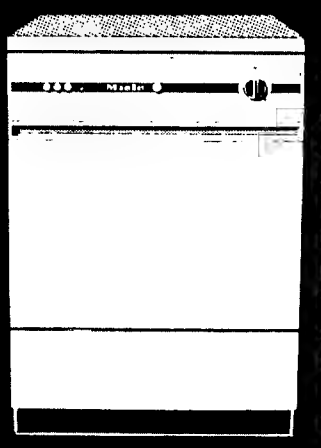
Vende-se apart. 5 divisões, Rua do Sol ao Rato, enorme terraço, resp. ao n.º 821.

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por António Leitão Tavares, R. da India Portuguesa, 13 BENAVENTE

JIVAGO
Alfaiates Camiseiros

comunica a todos os seus Clientes e Amigos que o seu estabelecimento mantém o horário das 9 às 19, não encerrando à hora do almoço. Nos meses de Julho, Agosto e Setembro encerra aos Sábados às 13 horas.

Máquina de lavar louça G 220 UNIBODY



"Unibody" — um novo sistema de fabrico da MIELE! Maior resistência, menos espaço, melhor isolamento térmico, mais silencioso e naturalmente máxima capacidade de lavagem.

Miele®

Agente oficial:

M. L. FERREIRA
RUA DE D. ESTEFÂNIA, 48-A
Telefone 58958 — LISBOA

CASCAIS

LOJA C/ CAVE todos os ramos
200 m² área — Telef. 28 38 20

FILMES CASTELLO LOPES 50 apresenta

O filme de
JEAN-LUC GODARD

masculino feminino
(masculin féminin)

com
JEAN-PIERRE LÉAUD MARLÈNE JOBERT
CHANTAL GOYA
—
GRUPO D - 18 ANOS

3ª semana
estúdio 444

ATENÇÃO: 6.ª e Sábado 4 Sessões Diárias
15.30 - 18.30 - 21.45 e 0.30

T L P

TELEFONES DE LISBOA E PORTO
INFORMA

Com a entrada em vigor da Lista Telefónica n.º 92 do Grupo de Redes de Lisboa, na noite de 31 de Maio para 1 de Junho proceder-se-á:

1.º — À alteração dos prefixos numéricos dos telefones dos seguintes assinantes:

Iniciados por:	«57»	—	alteram	para	«557»
»	«30»	—	»	»	«360»
»	«33»	—	»	»	«363»
»	«2418»	—	»	»	«28690»
»	«2419»	—	»	»	«28691»

EM CONVERSAÇÕES PARA ESTAS ÁREAS MARQUE SEMPRE O NÚMERO COMPLETO

2.º — Sofrem também alteração alguns dos números actualmente ligados às Centrais de:

ALMADA
AMADORA
ARRANHÓ
PORTAS DE BENFICA
PRAIA DAS MAÇÃS
AMOREIRAS
BELÉM
CASTELO
MARINHA DE CASCAIS
SACAVÉM
ALHANDRA

LEMBRE-SE DESTAS ALTERAÇÕES

CONSULTE A NOVA LISTA N.º 92

DL/DESPORTOS

Benfica no Oriente

O Benfica venceu por 5-1 a selecção de futebol de Caroline Hill, num encontro a que assistiram 10 000 pessoas, no Estádio de Hong-Kong. Ao intervalo: 5-0.

Os «Diabos Vermelhos» de Lisboa demonstraram amplamente a superioridade do seu jogo, tanto no aspecto individual como no colectivo, dominando em todos os sectores, sem se empregarem a fundo. A selecção de Caroline Hill, se bem que reforçada por Rodney Marsh e Ronnie MacKinnon (Manchester City), Bobby Clarke (guarda-redes escocês) e Don Rogers (Crystal Palace), não conseguiu evitar a pesada derrota, principalmente porque lhe faltou o sentido de ligação evidenciado pelo Benfica. Os recrutas vritânicos, com excepção de Clarke, estiveram, de resto, aquem daquilo que deles se esperava.

A equipa lisboeta impressionou sobretudo pela perfeição dos passes dos seus elementos, principalmente na transposição do jogo da defesa para o ataque.

Nené, Toni, Eusebio e Vítor Martins constituiram uma ameaça permanente para a defesa adversaria, «desmarcando-se, passando e rematando diabolicamente», na definição de um crítico local. Nene foi o autor de três golos e Eusebio e Toni fizeram os outros dois. O do Eusebio, de cabeça, em voo, deu conclusão condigna a uma jogada preciosa de Toni. O que este marcou teve todo o ar de retribuição de Eusebio ao «favor» recebido do seu companheiro.

Sentindo obviamente que a vitoria não lhe poderia fugir, o Benfica dispensou na segunda parte Nene, Toni e Eusebio, que Artur, Nelinho e Diamantino substituiram. Nota curiosa, foi a de Humberto Coelho ter saída da defesa para aparecer na linha avançada. Todas estas alterações enfraqueceram o poder de ataque dos portugueses, que nenhum golo marcaram no segundo tempo.

Merckx continua

O ciclista belga Roger de Vlaeminck ganhou a 1.ª etapa da «Volta a Itália», correndo os 230 quilometros do percurso, entre Lanciano e Benevento, em 6 horas, 58 minutos e 14 segundos.

Depois dessa etapa a classificação geral ficou como segue: 1.º, Eddy Merckx (Bel.), 59.25.17; 2.º, Battaglin (It.), a 6.39; 3.º, Gimondi (It.), a 7.27; 4.º, Motta (It.), a 7.56 e 5.º, Panizza (It.), a 8.23.

AGOSTINHO ATRASADO

O holandês Joop Zoetemelk venceu hoje a segunda etapa da prova ciclista Dauphine-Liberé.

Zoetemelk bateu Cyrille Guimard na etapa de 109 quilómetros corrida nos Alpes franceses.

Guimard, que ficou em segundo na primeira etapa, cotou-se apenas a um segundo do campeão holandês e subiu ao primeiro lugar da «geral».

Herculano de Oliveira, classificou-se em 55.º lugar com mais três minutos que o vencedor e Joaquim Agostinho em 77.º, a cerca de cinco minutos de Zoetemelk.

A. OLIVEIRA
ELECTRODOMÉSTICOS
Av. Almirante Reis, 91 A | Lisboa
Rua Angelina Vidal, 63

LUSTRES
preferidos pelas pessoas que amam as coisas belas. Fábrica: Av. 5 de Outubro, 203, r/c., Esq.º (Ao Campo Pequeno). Telefone 77 16 39.
VENDA AO PÚBLICO

MÁQUINAS DE LAVAR LOIÇA E ROUPA — FRIGORÍFICOS E APARELHOS DE ALTA FIDELIDADE,
A PREÇOS SEM CONCORRÊNCIA
VISITE-NOS PARA ACREDITAR
BLOCO ELÉCTRICO
ESTR. POÇO DO CHÃO, 55 — TEL. 70 81 47

TERMAS DE LUSO
Abertas de 1 de Junho a 15 de Outubro
Indicadas para o tratamento de insuficiência renal, litíase, infecções urinárias, hipertensão arterial, arterioesclorose incipiente, doenças de nutrição, reumáticas e alérgicas.
TRATAMENTOS DE: MECANOTERAPIA, FISIOTERAPIA E EMANAÇÃO
Para a sua estadia recomenda-se o
GRANDE HOTEL DAS TERMAS DE LUSO
Categoria • • •
Que lhe oferece todas as comodidades e ainda o
HOTEL DOS BANHOS
Categoria •
o mais central, junto ao Estabelecimento Termal, com excelente cozinha portuguesa e preços acessíveis.
PISCINA OLÍMPICA, BOITE, MINIGOLFE, TÉNIS E OUTRAS DIVERSÕES

Pasta Medicinal Couto
Evita e trata doenças da boca
PORQUE É MEDICINAL

ATLÉTICO — BENFICA
29.ª Jornada do Campeonato Nacional de Futebol da 1.ª Divisão
DOMINGO — 3 DE JUNHO
(TAPADINHA ÀS 16 HORAS)
DIA DO CLUBE: Avisam-se todos os sócios que devem adquirir o respectivo bilhete com a máxima antecedência para evitar aglomerações na hora do jogo.
BILHETES À VENDA NA SECRETARIA DO CLUBE

Sábado, 2 de Junho, no SHERATON HOTEL
JANTAR DE GALA
ÚNICA E SENSACIONAL APRESENTAÇÃO QUE NÃO SE REPETIRÁ ANTES DE 1974
DE
AMÁLIA RODRIGUES
E AINDA
DESFILE DE MODELOS DE ALTA COSTURA E ORQUESTRA DE DANÇA
BILHETES 1000$00 (COM JANTAR) E 500$00
AVISO: Em virtude do Peditório Nacional, que se realiza hoje o jantar ficou transferido para o próximo sábado 2.

ASSIM VAI O TOTOBOLA

PROGNÓSTICO DOS ORGÃOS DE INFORMAÇÃO PARA O CONCURSO N.º 39 DE 3 DE JUNHO DE 1973

Bondiazinho — 2x2 211 12x x1x1; Brado Africano Desporto x1x x11 12x 1x11; Brado Africano Ronga — 1x2 211 x21 1111; Cabine 2 Domingo x11 x11 x2x 12x1; Cabine 2 Semana — 11x x11 x22 1x21; Cidade 73 112 211 121 12xx; Domingo Alegre — 112 11x 121 x11x; Passatempo — 112 211 121 x21x; Rádio Desporto — 111 x11 121 1211; Revista Desportiva — x12 211 x2x 11xx; Roteiro Sonoro — 2x2 21x xx1 12x2; Terceiro Programa 112 111 121 xx1x; 20 Ponto D 11x 211 12x 1111; Beira Baixa — 111 11x x12 11x1; Boa Nova — x12 x11 122 1121; Boletim Desportivo — 212 x11 12x 11x1; Cardeal Saraiva x12 21x 12x 1121; Cavalgada do Ritmo — 212 211 xx2 x212; Comércio de Portimão — x12 211 122 112x; O Concelho de Estarreja — xx2 x11 22x 1121; Correio dos Açores — x12 x11 x2x 1121; Correio de Coimbra — 11x 111 122 1x21; A Defesa x1x 11x x22 1x11; Desportivo das Beiras — x1x 111 12x 12x1; Diário do Minho — 11x 111 222 1x2x; O Distrito de Setúbal — x12 111 122 11x1; Eco de Estremoz — 212 211 x22 112x; Ecos do Desporto — x12 x11 122 111x; Estrela da Manhã 112 111 122 x12x; Folha do Domingo x12 x11 12x 1111; Imagens Piedense — 1xx 11x 22x 2x1x; Época — 1xx x1x x22 1121; Jornal das Aves — 11x x11 x2x x121; Jornal do Barreiro — x12 211 x22 11x2; O Jornal de Felgueiras — xx2 111 222 1x11; O Jornal da Lixa — 212 211 222 1111; Jornal de Santo Tirso — 111 2x1 1x1 1111; Jornal de Viseu — 11x 211 x1x 1xxx; Miscelânea Musical — 212 211 x2x 1122; Montra do Êxito — 112 211 12x 11x2; O Norte Desportivo — x12 21x 22x 1221; Música e Desporto — x12 211 x2x 11xx; Notícias de Chaves — 112 211 222 1xx1; Notícias de Felgueiras — xx2 x1x x2x 1xx1; Notícias de Gouveia — x11 121 x1x 1221; Povo Algarvio — 112 x11 122 1x22; Programa da Manhã — xx2 x11 x22 1x21; A Rabeca — x1x x11 122 1111; Rádio Altitude 6 x12 211 x22 1xx1; Reconquista — 212 211 121 1111; Renovação — x12 211 122 111x; Revista de Som 212 x11 121 11x1; Só Rádio xxx 211 x21 x11x; Terra Alta 1x2 221 122 1x22; A Voz Desportiva — xx1 211 x22 1x11; A Voz do Domingo x12 111 1x2 11x1; Mundo Desportivo — 1x2 x11 x2x 1x21; República — 212 211 121 1x22; Peça que não maça — 112 x11 122 1xxx; Voz de Lamego 112 211 12x 1211; O Algarve x12 x1x x22 11x1; Auto Rádio 11x 111 x21 1xx1; Clube do Ar — x12 211 122 11x1; Colina Sagrada 122 x11 1xx 2x21; O Comércio de Leixões 112 x11 x22 1x21; Correio do Minho — x12 x11 12x 11x1; Correio do Vouga — 112 111 x22 11x1; Às 10 espere por nós — x1x 211 xxx 1x2x; Diário do Alentejo — 11x x11 222 122x; Diário do Porto — 212 211 222 11x1; Ecos de Cacia — x12 x11 221 1x11; Estúdio 64 — 112 x11 22x 1121; Eu Sei Tudo — x11 x11 122 2x11; Dos fracos não reza a história — 2x1 xx1 2x2 x1x1; Gazeta das Caldas — 112 211 x22 x1x1; Jornal do Fundão — 11x 11x 122 xx11; Jornal da Graça — 111 111 111 1111; Jornal de Notícias — xxx 211 x22 1xx1; Jornal de Sintra — x1x 211 122 111x; O Mensageiro xx2 211 x22 1221; Litoral x12 111 x22 1x2x; Maria da Fonte — x12 x11 122 1x2x; Notícias do Douro — x12 x11 x22 112x; Notícias de Guimarães — 11x x11 x22 1x2x; A Ordem 1xx 1x1 x2x 1x2x; Placard Desportivo — 11x 111 122 12x1; Placard Desportivo Açores 112 x11 x2x 1x21; Rádio Oceano — 2x2 x11 121 x121; Rádio Placard 111 111 111 1111; Repórter do Dia (Angola) — 112 211 122 1x11; Ritmo e Amizade 112 21x x22 1111; O Sorriso da hora do almoço — 122 22x x2x 2x12; A Voz dos Ridículos — 112 x11 122 12x1; Rádio Desporto 111 112 122 1111; Notícias do Totobola — 12x 112 21x 2xx1; A Nossa Chave — x12 x11 x22 1111; O Nosso Palpite — 2x2 211 x22 x121; Último Palpite x12 211 x22 1x1x; Apostolado — xxx 111 222 1121; Diário de Lisboa — 11x xxx 122 1x21; Voz do Casa Pia — x12 211 122 11x1; Notícias de Évora — x12 x11 122 11xx; Manchete Desportiva — x1x x11 1x2 1111; Penalti — 112 211 112 1211; O Primeiro de Janeiro — 2x2 x11 1x2 1xxx; Programa sem nome — 212 x11 222 x1x1; Quadrante Desportivo — x12 211 22x 1121; Quadrante Norte 1x2 211 122 1xx1; Rádio Sports 11x 111 121 1121; Resenha Desportiva 112 1x1 x22 x1x1; Jornal do Sul — x22 21x x21 1xxx.

	RESUMO			BOLAS			a)
	1	X	2	1	X	2	
1. BARREIRENSE-CUF	49	47	15	5	5	2	
2. SPORTING-BELENENSES	85	22	4	9	2	1	
3. UNIAO COIMBRA-SETÚBAL	11	27	73	1	3	8	
4. BEIRA MAR-PORTO	26	40	45	3	4	5	
5. BOAVISTA-UNIAO TOMAR	103	5	3	10	1	1	
6. LEIXOES-FARENSE	94	15	2	10	1	1	
7. MONTIJO-GUIMARAES	52	43	16	6	4	2	
8. ATLÉTICO-BENFICA	7	9	95	1	1	10	
9. OLHANENSE-ACADÉMICA	19	31	61	2	3	7	
10. VALENCIA-CASTELLÓN	91	15	5	10	1	1	
11. BURGOS-BÉTIS	56	40	15	6	4	2	
12. OVIEDO-ATLÉTICO BILBAU	35	38	38	4	4	4	
13. CELTA-MÁLAGA	74	28	9	8	3	1	

a) Nos termos do Artº. 10º. do Regulamento Geral dos Concursos se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades indicadas no presente mapa.

A chave lógica será:

112 211 122 11Xou21

AJAX-JUVENTUS:1-0

DL/DESPORTOS

Aí está John Rep, o marcador do único tento do Ajax-Juventus, em mais um lance de apuro para a defensiva italiana, representada por Furino e Salvadore. No solo, outro dos grandes jogadores do Ajax: Johan Neeskens

CAMPEÕES... E DECEPÇÕES

Verdadeira decepção para os adeptos do «desporto rei» causaram Juventus e Ajax na final da «Taça dos Campeões Europeus» ontem disputada em Belgrado. Se a vitória dos holandeses (por 1-0) se ajusta ao desenrolar do encontro, não é menos verdade que do valor das duas equipas muito mais haveria a esperar. O Juventus teve por duas vezes, nos pés do veterano Altafini, a hipótese de alterar o marcador. Não o conseguiu. E mantendo invioláveis as suas redes o campeão da Holanda, da Europa e do Mundo (de clubes) acabou por justificar a vitória. Nisto de futebol os golos contam muito ...

O Ajax manteve o título mais apetecido do futebol europeu a nível de clubes sagrando-se vencedor da Taça Europeia pela terceira época consecutiva.

Todavia o Ajax — o primeiro clube a ganhar o troféu por três vezes consecutivas desde o tremendo «record» do saudoso Real Madrid que o ganhou de 1956 a 1960 — manifestou pouca garra e um jogo incaracterístico.

O golo do Ajax surgiu muito cedo, aos 4 minutos, marcado por John Rep, e daí para diante o encontro não teve praticamente outra história a não ser o Ajax a procurar defender esse magro resultado. E, de facto, conseguiu defendê-lo porque o Juventus nunca pos realmente em perigo o extremo reduto dos holandeses.

O golo foi bonito e de excelente concepção. Horst Blankenburg desenvolveu uma jogada no flanco esquerdo, mudou a bola de pé e aumentou a velocidade para tornear um defensor do Juventus e cruzar a bola em diagonal: Rep surgiu como uma flecha, elevou-se mais alto do que os defensores do Juventus e com uma excelente cabeçada mandou a bola para o fundo das malhas.

O Ajax dominou completamente a primeira metade da partida com o ataque fluente, mas a passo, enleando os italianos. A baliza do Juventus correu perigo por mais duas vezes quando Cruyff, numa das suas arrancadas habituais, atirou a bola a rasar um dos postes e quando o defesa central Suurbier desferiu um potente remate que o guarda-redes Dino Soff parou com dificuldade.

Durante os primeiros 45 minutos o Juventus nunca encontrou o ritmo certo embora Roberto Bettega e Pietro Anastasi brilhassem em lances individuais, mas afinal sem perigo algum para o Ajax.

Na segunda parte as coisas modificaram-se, os italianos regressaram das cabinas com mais decisão e começaram a exercer pressão sobre o meio campo adversário.

Pareceu, nessa altura, que os holandeses acusavam o seu longo programa nacional e internacional porque se mostraram sem «garra» e sem «pernas».

Todavia, o Juventus, embora com um jogo bonito e eficaz a meio campo, nunca foi capaz de penetrar na bem organizada defesa do Ajax, no famoso sistema holandês de tudo a atacar e tudo a defender, podendo-se exemplificar que o guarda-redes Stuy defendeu muito, mas ... a passes de companheiros.

Aos 63 minutos os italianos fizeram entrar Helmut Haller, um excelente jogador de nacionalidade alemã, que deu mais vivacidade ao jogo da sua equipa mas que não conseguiu por em perigo as redes holandesas.

Sob a arbitragem do jugoslavo Milivoje Gugolovic, as equipas alinharam:

AJAX: Hein Stuy, Wim Suurbier, Ruud Krol, Johan Neeskens, Barry Hulshoff, Horst Blankenburg, John Rep, Arie Haan, Johan Cruyff, Ger Muehren e Pief Keizer.

JUVENTUS: Dino Zoff, Giampietro Marchetti, Silvio Longobucco, Giuseppe Furino, Francesco Morini, Sandro Salvatore, José Altafini, Franco Causio, Pietro Anastasi, Fabio Capello e Roberto Betega.

— REUMATISMO ...
— DIABETES ...
— ARTERIOSCLEROSE ...

ALI-ZAFER

Um produto alemão em cápsulas de óleo de alho crú
Pedido de Literatura

PESTANA & FERNANDES LDA.

LISBOA — Rua da Prata, 153, 2.º
PORTO — Rua do Almada, 83-2.º-F

NEVES DE SOUSA

O repto de Rep

Inédito: Mas um «tri», como? Esse tal de Rep a imitar Alhinho, a vir do outro lado dar de testa para o viveiro. Sonho ou pesadelo? O susto ou a cerveja fresca que se saboreia para começo de conversa?

Depois, foi um correr do calendário, minuto, hora, tudo a dar o fora: Ajax a chutar (mal), «Juve» a defender (bem).

Os jornais de hoje gritam que o campeão é da Holanda. Certo. Correcto. Mas para lá disso, que outra verdade se esconde? Uma «Juve» de pé firme contra um Kovaksjax de sorte até à medula. Um coriáceo Hulshoff e um Salvadore muito tímido.

Nem isso. Tudo e nada. Mis-en-scène com o hino soletrado entre soluços. Itália ao alto! Voz embargada e golo de testa: a cabeça, meus filhos, sempre mandou nos punhos e nos pés.

Arbitro: a discrição em pessoa. Seis-quatro no computador dos cantos. Por Deus, dêm-nos outro Sunderland! Tal como na política a direita italiana baixa a ponte levadiça e deixa entrar os cavaleiros demagogos.

Vês-uns sobre Turim. Capello, o melhor da barricada. Cruyff: o rato na armadilha. Pausa. A dificuldade que existe em meter uma bolinha num rectângulo enorme.

Anastasi: excelente. Haller: a revolta. Kovacs: os $$$ na conta suíça. E vão três. Só eu não dormi tranquilo: ao repto de Rep ninguém replicou. Homem de uma figa, todas as Sabinas montaram na garupa do seu cavalo.

O grande colar da ordem do susto fica aqui no peito. Livra!

Um tipo por cá, três semanas depois de pisar o chão de Belgrado não se liberta com facilidade: ferro é ferro, cortina é cortina.

E isso. Lógico. Contra a força, resistência não conta.

Senhoras e senhores: eis o Ajax.

ORLANDO DIAS AGUDO

Ajax: uma casa desarrumada

Nem sequer foi desilusão...

Depois da já famosa final da «Taça de Inglaterra», e da não menos falada final da «Taça da U.E.F.A.» a verdade é que não esperava, do embate de ontem, uma partida de igual quilate: porque, se de um lado estava um Ajax poderoso, de outro encontrava-se um Juventus de futebol puramente defensivo, esperançado nos frutos dos seus contra-ataques venenosos. E daqui, nada de positivo, no campo do futebol-espectáculo, poderia advir.

Tive uma esperança: que os italianos conseguissem esquecer-se da sua tradicional forma de jogar, se lançassem ao ataque e conseguissem marcar primeiro. Mas a minha esperança foi traída logo ao minuto terceiro: e nunca pensei que o desafio viesse a ter outro desfecho daquele que teve.

Em função disto, resta-me falar do Ajax: uma casa fortemente desarrumada, pois não estou habituado a ver o n.º 12 a defesa-direito, o 16 na linha média nem o 14 a avançado-centro. Dentro do esquema tradicional, julgo mesmo que nenhum jogador holandês é dono da camisola com o número convencional. E tudo isto por culpa do seu treinador, que deitando para trás das costas os modelos «standardizados» do futebol dito de moderno, prefere semear pelo relvado os seus jogadores, numerados a seu belo-prazer. A equipa do Ajax surge-nos, assim, como que uma casa fortemente desarrumada, mas terrivelmente prática na conquista das vitórias. O que (uma vez mais) me leva a crer que não é por se jantar na cozinha, que se é menos rico em qualidades.

DANIEL REIS

De Belgrado, caladinho

Quando o palavroso e radiofónico Freitas entrou a delirar com o **ambiente de febre**, mais não sei quê **emoção, vida e alegria,** enfim, o habitual chorrilho adjectivesco, estive vai não vai para lhe cortar o pio. Mas o belo espectáculo das centenas de mãos frenéticas, empunhando bandeiras axadrezadas, listadas, quadriculadas, num permanente esvoaçar, reteve-me por momentos nos olhos toda a agudeza dos sentidos. Deixei de ouvir os irritantes lugares-comuns do comentador de serviço e recordando Alves dos Santos (a quem as frequentes inexactidões não roubam a aceitação popular, nem retiram o prestígio de autêntico «homem do futebol») concentrei-me no espectáculo como um dos 400 milhões de tele-entusiastas anónimos do pontapé na bola. Só vim a desesperar, a título definitivo, iam decorridos 4 minutos de jogo, quando me insistiram de Belgrado que Rep marcou um gooooooolo **verdadeiramente frio,** momentos depois de Cruyff ter levado a bola a embater num poste... Aí, fui-me ao televisor e rodei até ao fim da escala o botãozinho milagroso. Há certos casos, em que considero suficiente a minha própria insuficiência.

Cada qual é para o que nasce, é bem certo e nem todos gozam do privilégio de terem quem lhes pague a mediocridade. Cruyff, Keizer, Stuy, Neeskens e companhia, nasceram para o chuto. E nisso são geniais. Mas o Ajax jogou mal. Exemplo: Altafini, com 36 anos em cima, bateu por duas vezes os adversários em corrida, falhando depois a concretização. No entanto, a superior capacidade futebolística dos holandeses chega para tudo. E bem vistas as coisas, tenho para mim (pese, embora, a categoria que reconheço nos outros) que Hulshoff é mais **responsável** pela inviolabilidade da sua balisa, que Freitas pelos milhares de «pequenos écrans» desapoiados de som, que ontem, como raras vezes terá acontecido, envolveram num mar de silêncio os **alegres** serões televisivos do povo português. Assim, na vida, tudo tivesse uma **solução honrosa.**

ALEXANDRE PAIS

Futebol, Coca-Cola e o resto

Cada vez me convenço mais da vocação internacionalista do futebol. E também que dentro das quatro linhas do rectângulo verde se fundem as contradições e verdades, as frustrações e os sonhos do homem de hoje. Tudo aquecido ao calor da multidão, bem caldeado por quem manda nisto e no resto (o deus dinheiro, com certeza...) dá, por vezes, a mistura explosiva que choca os mais sensíveis. Ontem não deu, mas estavam lá os condimentos todos, que fazem do futebol um jogo sem igual.

As «contradições» da Jugoslávia de Tito, tentando aproveitar-se, ao máximo, do entusiasmo dos 50 mil forasteiros. Facilitaram-lhes a vida na alfândega, para lhe arrancar couro e cabelo até à última lira e ao derradeiro florim... Até de «whisky» se fez uma encomenda especial, para matar (?) a sede aos visitantes.

As «frustrações» de quem passa o ano inteiro submetido ao império do comendador Agnelli (patrão do Juventus) e sua família produzindo latas ambulantes nas linhas de montagem de Turim, para embarcar a raiva, a greve e o grito em dia de feriado concedido no camião oferecido e ir a Belgrado, desabafar mágoas em forno da Juve...

O sonho consubstanciado nas bandeiras que o vento agita, na multidão que ondula nas bancadas, nos rostos das duas donzelas que seguem ao longe as habilidades de um garoto traquinas a lidar a bola.

A «verdade»: 22 trabalham (suando e sofrendo), 100 mil assistem e alguns (menos) aproveitam, estando lá muito bem representados: os latifundiários holandeses (Holland Tomaten), os fabricantes alemães («Küchen» qualquer coisa), a tecnologia japonesa (Sony), cerveja francesa (Stella Artois), petróleo americano (Texaco) e o «Scotch» que o mundo bebe. Já não falando dos bancos, electrodomésticos e, suprema ironia num país não capitalista, a imprescindível Coca-Cola.

E quanto à vocação internacionalista do futebol? Na assistência, 100 mil: metade de jugoslavos e o resto em proporções diversas, de italianos e holandeses... até ao Xá da Pérsia; no relvado, nove italianos, dez holandeses, um alemão (Blankenburg) naturalizado holandês, outro (Haller) a enriquecer na Itália (depois de ser o segundo marcador do Mundial-66 logo depois do português Eusébio) e o impagável Altafini, que nasceu no Brasil e como tal ganhou o Mundial de 58, foi do Milan e venceu uma Taça da Europa (ao Benfica), foi do Nápoles e não ganhou nada, tem 36 anos e deixou no Brasil, como sucessor na selecção um jogador de nome Pelé.

Para fechar o quadro, o regente era jugoslavo (o árbitro Gugulovic) e os ensaiadores da Roménia (Kovacs, treinador do Ajax) e da Checoslováquia (Vycpalek, do Juventus).

TEATRO
GIL VICENTE
CASCAIS — Tel. 280919

AS 22 HORAS
FUENTEOVEJUNA
de LOPE DE VEGA
NATÁLIA CORREIA

Ptr. J. T. Costa do Sol
Subs. F. do Teatro
e F. C. Gulbenkian

Domingos só às 17 horas
2.ª feira descanso da C.

(Adultos)

A MUNDIAL

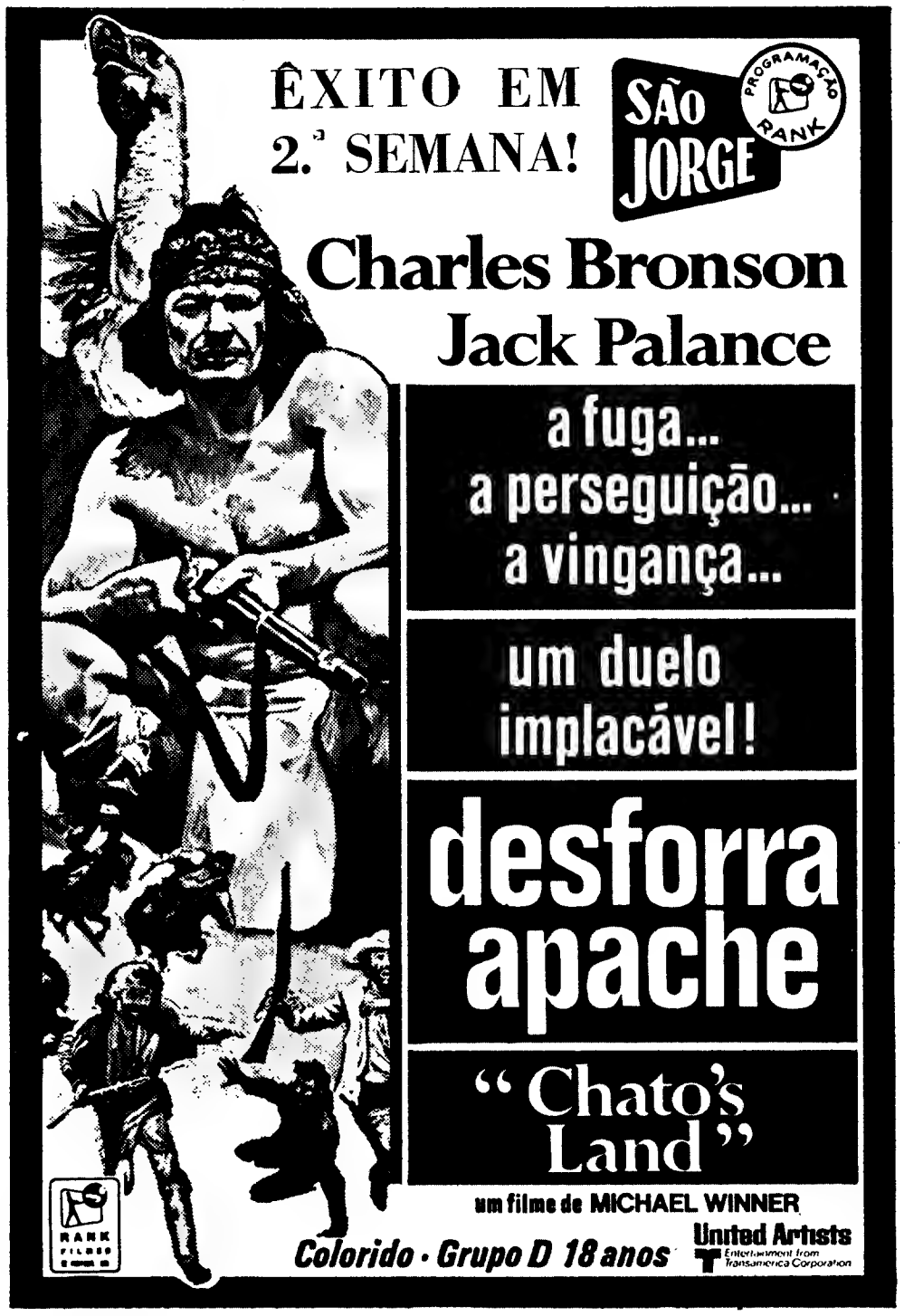
COMPANHIA DE SEGUROS, S.A.R.L.

Assembleia Geral Ordinária de 30 de Março de 1973

Rectificação:

«EM DEVIDO TEMPO SE DECLARA QUE A DENOMINAÇÃO COMPLETA DE NAVERIL, LIMITADA, ATRÁS INDICADA COMO TENDO SIDO ELEITA PARA ADMINISTRADORA, É «NAVERIL SOCIEDADE BELGO-PORTUGUESA DE COMÉRCIO INDUSTRIAL, LIMITADA».

a) Tito Castelo Branco Arantes
(PRESIDENTE DA MESA)



SOCIEDADE POLLUX, LDA.

RUA DOS FANQUEIROS, 270 - 276

— E —

PALHA & MONTEIRO, LDA.

RUA DOS FANQUEIROS, 278 - 5.º

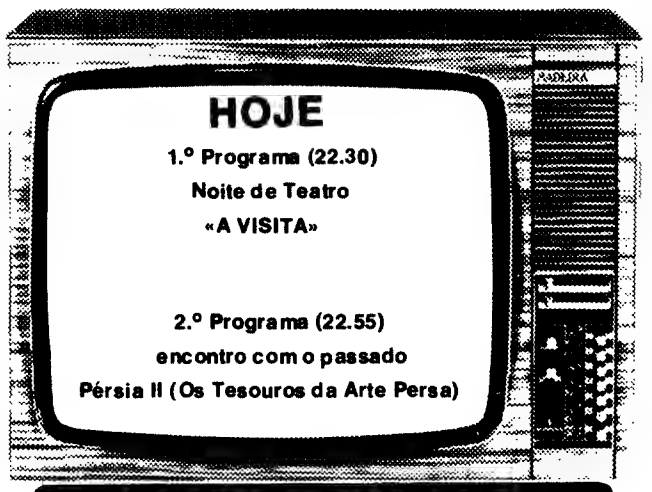
Comunicam a todos os s/ estimados clientes, fornecedores e público em geral, que os horários dos s/ estabelecimentos, a partir do próximo dia 1 de Junho, passam a ser os seguintes:

MANHÃ DAS: 9,30 ÀS 13,30
TARDE DAS: 15,30 ÀS 19,30

Nos meses de JUNHO a SETEMBRO encerramento aos sábados às 13,30.

Estes novos horários foram elaborados de comum acordo com os colaboradores das respectivas firmas.

televisão



HOJE

1.º Programa
1.º Período

12.45 Abertura e desenhos animados Beatles Show
13.00 Varia
13.15 Por favor não comam os malmequeres
13.45 Telejornal 1.ª edição
14.00 Um dia com Adriano Mesquita
14.15 Logo à noite

2.º Período

14.40 Ciclo preparatório TV
19.00 TV educativa Educação Musical
19.30 Telejornal 2.ª edição
19.40 Sangue na Estrada
20.00 «Woobinda»
20.25 Cinema 73
21.30 Telejornal 3.ª edição
22.05 Histórias da musica
22.30 Noite de teatro
23.45 Telejornal 4.ª edição
23.50 Meditação e fecho

2.º Programa

20.30 Abertura e desenhos animados Beatles Show
20.45 Um dia com Adriano Mesquita
21.00 Por favor não comam os malmequeres
21.30 Telejornal 3.ª edição
22.00 Os vingadores
22.55 Encontro com o passado Pérsia-II Os Tesouros da Arte Persa
23.40 Fecho

AMANHÃ

1.º Programa
1.º Período

12.45 Abertura e desenhos animados
13.00 Feminino singular
13.20 Os meus genros e eu
13.45 Telejornal 1.ª edição
14.00 Conheça o Portugal desconhecido
14.15 Logo à noite

2.º Período

14.40 Ciclo Preparatório TV
19.00 TV educativa física moderna
19.30 Telejornal 2.ª edição
19.45 Cartaz TV
20.00 Presença do Brasil
20.20 Portugal além da Europa
20.50 Cinemateca
20.55 Cinemateca
21.30 Telejornal 3.ª edição
22.05 Noite de estreia «O Caso da Jovem Perdida»
23.30 Telejornal 4.ª edição
23.45 Meditação e fecho

2.º Programa

20.30 Abertura e desenhos animados Abbot e Castello
20.45 Vária
21.00 Os meus genros e eu
21.30 Telejornal 3.ª Edição
22.00 Canzonissima
22.50 Encontro com o mundo «Curriculum Vitae»
23.20 Fecho

urgência

Emergência	115	Judiciária	53 5380
Bombeiros	32 2222	Intoxicações	76 1176
C V P	56 5342	Aeroporto	71 1397
H de S José	86 0131	C R G E	53 7021
H de S Maria	73 0231	C Aguas	36 1361
P S P	36 6141	Combóios	32 6222

Situação do tempo

09.00 H.

Em Portugal Continental o céu estava geralmente muito nublado, o vento era fraco, havia neblina em alguns locais e chuviscava junto à costa ocidental a norte do Rio Douro.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H.

PORTO	16º
P. DOURADAS	14º
COIMBRA	16º
PORTALEGRE	15º
LISBOA	16º
FARO	20º
FUNCHAL	19º

TEMPERATURAS EXTREMAS

ELVAS
Máxima **31,5º**

PORTALEGRE
Mínima **9,6º**

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Água do mar	15,6º
Atmosfera	17,4º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR	BAIXA-MAR
3.02 3,8 m	8.46 0,7 m
15.27 3,9 m	21.14 0,6 m
Dia 1	
3.54 3,9 m	9.32 0,6 m
16.16 4,0 m	22.02 0,5 m
Dia 2	
4.46 3,9 m	10.18 0,7 m
17.06 4,1 m	22.50 0,6 m

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Ceu muito nublado; vento fraco ou moderado de noroeste; períodos de chuva fraca junto ao litoral Oeste; nevoeiros locais durante a noite e madrugada; deminuição de neblina para a tarde de amanhã

AMANHÃ

NASCER ÀS 6.13
OCASO ÀS 20,56

DIA 1 DIA 7 DIA 15 DIA 23

rádio

EMISSORA - 1.º Programa

16.00 Noticiário
16.05 Ao encontro da melodia
16.30 Convívio, programa da juventude
18.05 A convidada de hoje. Lani Hall espectáculo-teatro, por Figueiredo de Barros
18.40 Música portuguesa
19.10 Selecção da zarzuela «Molinos de Viento» (P. Luna)
20.00 O conjunto East of Eden
20.30 18.º episódio do folhetim «Iaia Garcia»
20.50 Melodias
21.00 Momento 73
21.20 Música, só música
21.50 Dia a dia com a ciência, pelo dr Marques da Costa
22.10 Fados por José Freire e Julieta Estrela
22.30 Ritmos de todo o mundo
23.05 De um dia para o outro, por Armando Correia
00.30 Diário sonoro
00.45 Escala na madrugada, por Júlia Maria
02.00 Fecho

2.º Programa

16.00 Que quer ouvir
18.00 Música portuguesa, obras de António Fragoso
19.00 O canto e os seus intérpretes, por M.ª Helena de Freitas
20.00 Diário sonoro
20.30 Quinteto em si bemol maior, op 34 (Weber) pelo Quarteto de Câmara Drolo e o clarinetista Heinrich Geuser
21.00 Arias de ópera pelo baixo-barítono Paul Schoffler
21.20 Tempo literario
21.45 Rapsódia romena n.º 2 em ré maior op. 11 (Enesco)
22.00 Teatro dos nossos dias, pelo dr Leopoldo Araújo
23.00 Emissão em línguas estrangeiras
01.15 Fecho

Programa Estereofónico - MF 2

21.00 Musica ligeira variada
22.00 Intercâmbio musical: concerto preenchido com música de Max Reger (gravações cedidas pela Rádio do Hess)
23.22 Preludios e fugas (do cravo bem temperado) (Bach)
23.47 Sinfonia n.º 9 em ré menor op 125 (Beethoven)
01.00 Fecho

RÁDIO CLUBE - Onda Média

16.00 Noticiário
16.04 Programa CDC
18.02/21.00 Programa Movimento
21.00/24.00 Quadrante 2-9-0
21.03 Diálogo
21.08 Serão musical
21.30 Quando o telefone toca
22.03 Antiquário
22.30 Quando o telefone toca
23.05 Mensagens biblicas
23.19 Grandes orquestras
23.30 PBX
02.00 A noite é nossa
06.00 Diario rural
07.00 Talismã

Modulação de Frequência

16.00 Noticiário
16.04 Programa CDC
18.02 O nosso programa
19.04 Vertice
21.02 Boa noite em FM
22.02 Programa à gô-gô
23.00 Noticiário programa à gô-gô (cont.)
00.02 Em órbita dois
01.02 Banda sonora Sonipol
02.00 Perspectiva
03.00 Fecho

RÁDIO RENASCENÇA

15.00 Noticiário
16.05 Radiorama
18.00 Canções da Península Ibérica
18.23 Boletim litúrgico
18.30 Terço e benção da Basilica dos Mártires
19.00 (jornal de noticiários e reportagens de Rádio Renascença)
19.30 Página 1
21.04 Meditando
21.07 Poesia é diálogo
21.15 Poente
21.30 Curso de Língua Alemã
21.45 Pentagrama
22.00 Quando o telefone toca
22.30 Esquema 13
23.05 A 23.ª hora

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA

CLUBE RADIOFÓNICO DE PORTUGAL
Das 6 00 às 10 00 e das 22 00 às 2 00

RÁDIO VOZ DE LISBOA
Das 10 00 às 12 00 e das 19 30 às 22 00

RÁDIO PENÍNSULAR
Das 12 00 às 14 30

RADIO GRAÇA
Das 14 30 às 19 30

LISBOA

TURNO H-1

(ATÉ ÀS 22 HORAS)

AJUDA
Lopes, R. do Cruzeiro, 117 (T 633288)
ALFAMA
Arnali, R. das Escolás Gerais, 56-C (T. [illegible]40)
ALTO DE S. JOÃO
Nova Luz, R. Domingos Jardo, 28-A (a Praça D. Afonso III) (T 843439)
ALVALADE
Alvalade, Av. da Igreja, 18-A (T 712070); **Gasparinho**, R. dr. Gama Barros 54-A (T 710465); **Olinda**, Av. João XXI, 13-A (T. 726848)
AVENIDAS NOVAS
Cosmos, Av. João Crisóstomo, 44-C (T. 40592); **Miranda**, C. Pequeno, 36-B (T. 770776); **Universal**, R. Actor Taborda, 5 (T. 44158)
BAIRRO ACTORES
Nobel, R. Actor Vale, 53 (à Fonte Monumental) (T 842152)
BAIRRO DAS COLÓNIAS
Colonial, R. Forno do Tijolo 40 (T. 841122)
BAIXA
Centro Farmacêutico, R. das Portas de S. Antão, 86 (T 321211)
BENFICA
Sousa, E. de Benfica, 429-A (T. 780027/789985)
CAMPO PEQUENO
Miranda, C. Pequeno 36-B (à Av. Sacadura Cabral) (T 770776)
CAMPO DE OURIQUE
Ivone, R. Silva Carvalho, 232-C (T. 650760)
ESTRELA
Paivas e Parente, R. de S. António, 98 (T 665196)
LAPA
Silva, R. S. João da Mata 72 (T 661010)
LUMIAR
Alameda, Al. das Linhas de Torres, 201-B (T. 790942)
MARVILA
Maevila, R. Direita de Marvila, 25 (T. 381612)
OLIVAIS
Higiéne, R. Cidade Vila Cabral, Lote 43 (Olivais-Sul) (T. 310026)
PICHELEIRA
Mariuz, C. da Pichéleira, 140-B/C (T. 720703/728395)
REGO
Pratas e Mota, R. da Beneficencia, 91 (T. 773728)
RESTELO
Tanara, R. Rodrigo Teinel, 3-A (à encosta do Restelo) (T 611814)
SANTO AMARO
Lisbonense, R. Leão de Oliveira, 2-B (T. 637020)
S. MAMEDE
S. Mamede, R. da Escola Politécnica, 82-B (T. 660280)
SOCORRO
Tavares, R. da Palma, 194 (T 863350)

TURNO H-2

(TODA A NOITE)

AJUDA
Boa Hora, R. dos Quarteis, 25 (T. 637777)
ALTO DO PINA
Zional, R. Morais Soares, 56-C (T. 847708)
ALVALADE
Neorotépia, C. Grande, 138 (T. 774682); **Ideal**, Av. Alm. Gago Coutinho, 49-A (T. 712803)
ANJOS
S. José, R. dos Anjos, 41 (T. 50730)
AREEIRO
Vera Cruz, P. Afrânio Peixoto, 2-B (à Av. João de Deus) (T. 724941)
ARROIOS
Oriental de Lisboa, R. de Arroios, 215 (T. 45079)
AVENIDAS NOVAS
Cordeiro, Av. Duque d'Ávila, 32-C (esquina da Av. da Rebublica) (T. 43495)
BAIRRO AMERICA
Martins, R. Fernao de Magalhães, 33 (T. 849448)
BAIXA
Unifa, R. da Vitória 21 (T 323793)
BENFICA
Benfica, E. de Benfica 678-E (T 702532)
CAMPO DE OURIQUE
Porfírio, R. Francisco Mendrass, 59 (T 663349)
CAMPOLIDE
Central, R. General Taborda, 17 (T 680304)
CARNIDE
Leal de Matos, R. Neves Costa, 33(T 780181)
CONDE REDONDO
Salutar, R. Conde Redondo, 9-A (a Gomes Freire) (T 533411)
LUMIAR
S. Tomé, E. do Desvio Lote 12-C (T. 790704)
OLIVAIS
S. Paulo, R. José Campos, Lote 823 (à E. de Moscavide), Olivais-Sul (T 310711)
RESTELO
Ocidental, R. D. Jerónimo Osório, J.P.M. 3 (T 610256)
S. BENTO
S. Bento, R. dos Poiais de S. Bento, 73 T 679673)
S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA
Sagres, Av. Luis Bivar 69 (T. 97213)

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Miraflores R. António Granja, 2 (Tel 213'6)
CAXIAS
Nova Rua Bernardim Ribeiro, 1-A (Tel 242839)
PAÇO DE ARCOS
Trindade Bras R. Costa Pinto, 186 (Tel 2432034)
ORIRAS
Godinho R. Cândido dos Reis, 98 (Tel 2430090)
PAREDE
Aisir A. Gago Coutinho B° das Caixas de Previdência (Tel 2472948)
S. PEDRO DO ESTORIL
S. Pedro (Tel 263052)
ESTORIL
Parque Arcadas do Parque, 3 (Tel 260191)
CASCAIS
Misericordia R. Regimento 19,41 (Tel 280141), **Cascais** R. Conde de Monte Real, B° Caixas (Tel 282407)

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Dias Av. Marquês de Pombal, lote 9 (Tel 934589), **Campos** R. Elias Garcia, 185 (Tel. 930072) **Clabel** R. António Sardinha, 23-D (Tel 938551)
DAMAIA
Confiança Est. Militar, Lote D (Tel. 971023)
VENDA NOVA
Girassol R. Elias Garcia, 17-C (Tel 974161)
QUELUZ
André; Av. Elias Garcia, 151 (Tel. 950043); **Queluz** André Av. Miguel Bombarda, 123-A (Tel. 951841)
CACÉM
Central R. Elias Garcia, 55 (Tel. 2940034)
MEM MARTINS
Quimia Est. de Mem Martins, 285 (Tel. 29100 12)
S. PEDRO DE SINTRA
Valentim (Tel. 980456)
SINTRA
Misericórdia L. Dr. Gregório de Almeida, 2 (Tel. 980391
COLARES
Colares Abreja (Tel. 299088)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Gameiro L. António dos Santos Jorge, 15 (Tel 234100)
ALHOS VEDROS
Portugal Av. da Bela Rosa, 8 (Tel 224250)
ALMADA
Nuno Álvares Av. D. Nuno Alvares Pereira, 39 (Tel 270504)
BAIXA DA BANHEIRA
Nova fátima Est. Nacional, 221-B (Tel 224141)
BARREIRO
Higienica
R. D. Manuel I 78 (Tel 20730 7)
COVA DA PIEDADE
Rainha Santa Est. das Barrocas, 50 (Tel 2760182)
MOITA
União Moitense Av. dr. Teófilo Braga 239025)
MONTIJO
Giraldes R. Almirante Reis 45 (Tel 230008)
SESIMBRA
Lopes R. Cândido dos Reis, 67 (Tel 229028)
SETUBAL
Soromenho P. Machado Santos (Tel 22691), **Alice** P. do Quebedo (Tel. 23743)
SEIXAL
Soromenho R. Paiva Coelho, 38 (Tel 2218560)

PORTO

4.º TURNO

SUB-TURNO A

Boavista (da), Rua da Boavista, 601 **Cosme**, Rua Costa Cabral, 584 **S. Diniz**, Rua S. Diniz, 428. **Soeiro**, Rua Santos Pousada, 71 **Vitalia**, Praça da Liberdade, 34-37

SUB-TURNO B

Alberto Ferreira, Rua da Estação, 100. **Antero de Quental** Rua Antero de Quental, 520. **Antunes**, Rua do Bonjardim, 485. **Cardona dos Santos**, Rua D. Manuel II, 90. **Herculano**, Rua Alex. Herculano, 384

COIMBRA

TURNO J

Machado, R. Bernardo de Albuquerque (Tel. 23767); **Sitália**, Largo da Sé Velha 13-14 (Tel. 23234); **Luciano e Matos**, R. da Sofia, 7-11(Tel. 22147)

cinemas

CINEMA CASTIL (Tel 530 94)
15.00 - 17.00 - 19.00 e 21.45
Grupo D - 18 anos
Eastmancolor. Realização de Wars Hussen «A OBSESSÃO DE JOEL DE LANEY» com Shirley MacLaine Miriam Calone e Michael Harden

POLITEAMA (Tel 326303)
ESTREIA 21.45
Grupo C - 14 anos
Eastmancolor Scope. Peter Lee Lawrence e Rossana Rovers em VIVA SABATA»
5.15 e 8.15 (Grupo D - 18 anos) «CRIMES NA ESCURIDÃO» Ciclo Terror a meia-noite. Às 00.30 H. Grupo D - 18 anos. Amanhã QUANDO OS DINOSSAUROS DOMINAVAM A TERRA»
Hoje 500 CONVITES PARA A MORTE

CONDES (Tel. 322523/326710)
14.00-16.30-19.00 e 21.45
(Grupo B-10 anos)
A alegria, a melodia, o luxo de Viena e de Johann Strauss. 8.ª Semana «GRANDE VALSA» c/ Harst Buchholz, Mary Costa, Nigel Patrick, Yvonne Michel e Rossano Brazzi

VOX (Tel 720808)
21.45
ESTREIA Technicolor
Grupo D (18 anos)
«AS SERVAS DE DRACULA» com Peter Cushing. Hoje as 15.30 - 8.30 - Ultimas exibições do filme «CÃES DE PALHA» de Sam Peckinpah
(Grupo D - 18 anos)

CINEARTE (Tel 660446)
15.00 e 21.00
(Grupo D - 13 anos)
Um filme empolgante de «suspense» «TRÊS DEGRAUS PARA A MORTE» e em complemento «OS CAVALEIROS DA ESTEPE» com Omar Sharif e Jack Palance

CINEMA LONDRES (Tel 731313)
14.15-16.30-18.45 e 21.45
2.ª Semana
Grupo D (18 anos) colorido. Oscar da Academia para o melhor filme estrangeiro 1973. O filme de Luis Buñuel «O CHARME DISCRETO DA BURGUESIA»
Snack-bar - Pub «The Flag» o melhor encontro gastronómico

IMPERIAL (Tel 821933)
15.00 e 21.00
Grupo D - 18 anos
«O AMOR ÀS 3 DA TARDE». Em complemento «A ADOLESCENTE E O QUARENTÃO»
(Metropolitano Arroios - P. Chile)

ODEON (Tel 326283)
15.15 - 18.15 - 21.30
(Grupo D - 18 anos) 2.ª Semana
Alfredo Landa (o Delicadinho) e Conchita Velasco em EMPRESTA-MA POR QUINZE DIAS. Mais audaciosa nunca se viu em fazer um comum marido a mulher e o novo dela

BERNA (Tel. 776098)
15.15 - 18.30 - 21.45
(Grupo D - 18 anos)
Technicolor - Violento! Implacável! Explosivo! Lee Van Cleef [illegible] Lollobrigida
«VAMOS TER SARILHOS»

CASINO ESTORIL
17.00 e 21.30
Grupo D - 18 anos
Colorido «MALPERTUIS» [illegible] son Weltes, Susan [illegible] Michel Bouquet

MUNDIAL (Tel 538743)
15.15 - 18.30 e 21.45
(Grupo D - 18 anos)
Eastmancolor «AMANTE INFIEL» Stefania Sandrelei - Robin Phillips

S. JORGE (Plateia 54'53 Balcão 54'54)
15.15 18.15 e 21.30
(Grupo D - 18 anos)
2.ª semana
Charles Bronson e Jack Palance DESFORRA A PACHE» um duelo se tréguas

ALVALADE (Tel 717480)
15.15 e 21.30
(Grupo D-18 anos)
2.ª Semana
«CASA SEM FRONTEIRAS» Geraldine Chaplin, Tony Isbert

RESTELO (Tel 610375)
21.30 (Grupo C - 14 anos)
«AEROPORTO» Panavision e Technicolor com Burt Lancoster Dear Martin, Jean Seberg e Van Heflin

TIVOLI (Tel. 50595)
15.15 - 18.30 - 21.45
Technicolor
(Grupo C - 14 anos)
Burt Lancaster «ULZANA O PERSEGUIDO» de Robert Aldrich

APOLO 70 (Tel 763319)
15.15 e 21.45 2.ª semana
Technicolor - (Grupo D - 18 anos)
Um filme saudável como vitamina! «JERRY ENFERMEIRO SEM SIPLOMA» com Jerry Lewis
Hoje às 18.30 Festival de cinema (Grupo D - 18 anos) «ALFREDO, ALFREDO. ALFREDO de Pietro Germi
Hoje às 24.00 Clássicos a meia-noite (Grupo D - 18 anos) «ISADORA com Vanessa Redgrave

ESTUDIO 444 (T[illegible]
5.30 - 8.30 - [illegible]
(Grupo D - 18 anos)
3.ª semana
MASCULINO [illegible]zação de J[illegible] [illegible]lene Jobert
Amanhã [illegible] sessão [illegible]nema Foram [illegible] anos) «MASC[illegible]

IMPERIO (T[illegible]
[illegible]
[illegible]
[illegible]
[illegible]
[illegible]

MONUMENTAL
[illegible] 5. 21.0[illegible]
Grupo D - 18 anos
[illegible] Semana
D. ADRA[illegible]
[illegible]

SATELITE (T[illegible]
15.30 - 18.30
(Grupo D - 18 anos)
Um [illegible]mes de Amor
[illegible]los PERDI[illegible]
Cunha, Maria [illegible]
cas e Nuno Martins

AVIZ (Tel 47163)
15.30 e 21.45
2.ª Semana
CONTINUARAM A CHAMAR-ME TRINITA» Guion [illegible]
Milena Dravic

ESTUDIO (Tel. [illegible]
15.30 - 18.30 - 21.45
(Grupo D - 18 anos)
Color [illegible]
«MULHER À DERIVA» [illegible]
Milena Dravic

ROMA (Tel 727778)
15.30 e 21.45
(Grupo B - 10 anos)
Technicolor «DOM CAMILO E OS JOVENS DE HOJE» [illegible]schini e Lionel Stander

EUROPA (Tel. 661016)
15.15 - 21.30
(Grupo D - 18 anos)
5.ª semana «THE GETAWAY» (Roubo de escape) Steve McQueen e Ali MacGraw num filme [illegible] Peckinphan

EDEN (Tel. 320768)
15.30 - 18.30 - 21.45 [illegible]
Grupo D (18 anos) Realização de Cheng Chang Ho
A MÃO DE FERRO Realização de Cheng Chang Ho

ROYAL (Tel. 865037)
15.00 e 21.00
(Grupo D - 18 anos)
OS INTRUSOS» Em complemento «ENCONTRO COM A DESONRA»

outros espectáculos

LISBOA/Teatros

B.V.L.
R. Camilo Castelo Branco, 33)
21.45 (18 anos)
«A Comédia Moscheta» de Ruzarte.

MARIA VITÓRIA
20.45 e 23.00 (18 anos)
«Cá vamos pagando e rindo»

CASA DA COMEDIA
22.00 (18 anos)
«A Dança da Morte em 12 Assaltos»

GIL VICENTE
22.00 (18 anos)
«Fuenteove juna»

CAPITÓLIO
21.45 (18 anos)
«Sexo, Nunca! Somos Britânicos»

A.B.C.
20.45 e 23.00 (18 anos)
«Pró menino e prá menina»

PRIMEIRO ACTO
R. Eduardo A. Pedroso, 16-A Algés
21.45 (18 anos)
«As aventuras do Zé Pateta» O bom cidadão, nos entrefolhos do treme, treme

LISBOA/Cinemas

PARIS
21.00 (18 anos)
«Um assassino pelas costas»

PROMOTORA
21.30 (10 anos)
«Quando os Dinossauros dominavam a Terra»

JARDIM CINEMA
21.30 (18 anos)
«Encontro com uma mulher de 30 anos»

MOSCAVIDE
21.00 (18 anos)
«A Casa dos desejos»

RESTELO
21.30 (18 anos)
«Aeroporto»

S. JOSÉ
Sacavém
21.00 (18 anos)
«Segue-me querido»

ALHANDRA
SALVADOR MARQUES
21.15 (14 anos)
«O Regresso do Pirata Negro»

MAYER
21.00 (18 anos)
«O Altar do Diabo»

OLIMPIA
19.00 (14 anos)
«Um Fantasma em Bikini»

CINEARTE
21.00 (18 anos)
«3 degraus para a morte»

LINHA DE CASCAIS

OEIRAS
Oeiras-Cine
21.00 (18 anos)
Quatro mosqueteiros de Vinagre»

PAREDE
Royal-Cine
21.15 (18 anos)
A morte e mulher

ESTORIL
Casino
17.00 - 21.30 (16 anos)
Maipertuis

Palacio
21.30 (18 anos)
Vidas Cruzadas

Esplanada
21.30 (6 anos)
«O Ladrão de Bagdad»

CASCAIS
S. José
21.30 (18 anos)
«A Chave do cinto da castidade»

LINHA DE SINTRA

DAMAIA
D. João V
21.30 (18 anos)
«Um marido infiel»

QUELUZ
Queluz-Cinema
21.15 (18 anos)
«Este difícil amor»

MEM MARTINS
Cine-Chaby
21.30 (18 anos)
«O Cântico da navalha»

SINTRA
Carlos Manuel
21.30 (18 anos)
«Três homens em fuga»

OUTRA BANDA

COVA DA PIEDADE
União Artística
21.15 (18 anos)
«Fim-de-Semana alucinante»

ALMADA
Incrivel
21.15 (18 anos)
«As cicatrizes de Dracula»

Academia
21.15 (18 anos)
«Passos na escuridão»

TRAFARIA
Pavilhão Jardim
21.15 (14 anos)
«Que importa morrer» e «A viúva que não casou»

LARANJEIRO
Instrução e Recreio
21.30 (14 anos)
«Encontro em Bray

AMORA
Operaria Amorense
21.15 (14 anos)
«Fuga para a Liberdade»

PORTO/Teatros

ANTONIO PEDRO
21.45 (18 anos)
Vitimas do Dever

SA DA BANDEIRA
21.45 (18 anos)
Sua Excelencia o pendura

PORTO/Cinemas

BATALHA
21.30 (18 anos)
A mão de ferro

S. JOAO
21.30 (18 anos)
«Desencontro»

ÁGUIA D'OURO
21.30 (10 anos)
«Continuaram a chamar-me Trinitá»

COLISEU
21.30 (18 anos)
«Que fizeram à Solange»

JÚLIO DINIZ
21.30 (18 anos)
«A noite do terror cego»

PASSOS MANUEL
21.30 (18 anos)
«O Amor às 3 da tarde»

VALE FORMOSO
21.30 (18 anos)
«A Conspiração»

OLIMPIA
21.30 (14 anos)
«O Lobo Vermelho»

RIVOLI
21.30 (18 anos)
«O circo de vampiros»

TRINDADE
21.30 (18 anos)
«Um rato na ratoeira»

ESTÚDIO
21.30 (18 anos)
«Fatalidade viscosa»

TERÇO
21.30 (18 anos)
«A Virgem e o Cigano»

CARLOS ALBERTO
21.30 (10 anos)
«O Pirata Vermelho» Toda a Cidade Acus..

COIMBRA

GIL VICENTE
21.00 (18 anos)
«Mulheres sem marido»

TIVOLI
21.30 (10 anos)
«Continuaram a chamar-me Trinita»

AVENIDA
21.00 (18 anos)
«Roma e Fé»

SOUSA BASTOS
21.30 (14 anos)
«Requiem por [illegible] Inocente»

BARS BOITES

HIPOPOTAMO Com Heider Reis. Encerra aos domingos. **Av. António Augusto de Aguiar, 5-A. Telef. 48384**

FANTASMA-Dancing Caveau com as vedetes Maria Helena, Odete Maria, Domingos Ramos e o fabuloso Sanchez e Garcia e o seu conjunto. **R. Gomes Freire, 145-b** Aberto das 18 h. às 21 e das 22.30 h. às 05.00 h.

CASINO ESTORIL Jogo autorizado. Variedades internacionais. **Telefones 26461, 264526, 264596, 264621 e 264946**

NINA Dancing com atracções. **Rua Paiva de Andrade, 7-13. Telef. 34859-365167**

SOLAR DA HERMINIA Herminia Silva hoje e sempre. **Largo Trindade Coelho, n.º 10 e 11** Encerra aos domingos. **Telef. 320164**

SEICIDE Dancing com variedades e o conjunto «X 4». **Rua Bernardo Lima, 18-A** (ao Conde Redondo). **Telef. 560538.**

CACO Dancing com musica ambiente com singular quarteto. **Rua Camilo Castelo Branco, 23-A**

TAMILA Marão e seu conjunto «Matinées» todos os dias. Encerra aos domingos. **Avenida Duque de Loulé, 69. Telef. 534117**

LUSO Grande [illegible] fadista de Lisboa [illegible] Augusta Ermida e José Luis [illegible] fadista de Coimbra por Amorim Silva. Em fado castiço Cristina Maria. **Travessa da Queimada, 10 Telef 362889** Aberto todos os dias

SAN-PAYO Bar-boite com musica constante. Aberto até às 5 h. da madrugada. **Rua Rodrigues Sampaio, 34. Telef. 561422** (Ar condicionado)

DL

RENASCENÇA GRAFICA S A R L.
PROPRIETARIO DO
DIARIO DE LISBOA
ADMINISTRAÇÃO GERAL
REDACÇÃO E PUBLICIDADE
RUA CASTILHO, 185 1.º 2.º E 4.º
TELEF 654531/2 3 4
SERVIÇOS TECNICOS
RUA LUZ SORIANO, 44
RUA DA ROSA 57
END TEL DIBOA TELEX 1363
LISBOA - PORTUGAL

AGLOMERAÇÃO NO ROSSIO

Um Rossio sem automóveis foi local de aglomeração, ontem, às 14 e 40, quando um jovem decidiu afixar dois cartazes no pedestal da estátua de D. Pedro IV expondo os problemas que o afectam.

A intervenção de dois guardas da secção de Trânsito da P.S. P., que se encontravam próximo, deu origem a que o jovem fosse transportado para a esquadra do Nacional, arrastado pelos braços, pois nem favoreceu a detenção nem reagiu em acompanhar os guardas, antes fazendo o corpo morto.

Entretanto os cartazes que diziam: «Não consigo arranjar emprego nem posso estudar. Tudo porque tenho 20 anos. Quanto tempo ainda esperarei? Quem me alimentará até lá?» foram retirados por um engenheiro que passava, e se mostrava indignado com a acção do jovem, gerando-se viva discussão entre alguns presentes e o guardador de cartazes. Ao fim de um quarto de hora, a multidão que se juntara em redor da estátua tinha dispersado, enquanto o jovem detido era transferido para o Governo Civil.

Fundação Calouste Gulbenkian
SERVIÇO DE MÚSICA

AUDITÓRIO DOIS
Amanhã e Sábado
às 18.30 h.

ESTÚDIO COREOGRÁFICO
do
GRUPO GULBENKIAN DE BAILADO

HAENDEL, OP. 1 N.º 15
Coreografia:
VASCO WELLENKAMP

PRIMEIRO ENCONTRO
Coreografia:
JIM HUGHES
Música:
NORTON SUBOTNIK

CARTA BRANCA
Coreografia:
PATRICK HURDE
Música: DONIZETTI

PROPOSTA PARA UMA COREOGRAFIA
Coreografia:
ANTÓNIO RODRIGUES
Música:
KAZUO FUKUSHIMA

ÚLTIMA DANÇA PARA MEU PAI
Coreografia:
PATRICK HURDE
Música: Canções de
DORIS PREVIN

ESTUDO DE TEXTURA
Dirigido por
IRINA COMPTON

GRUPO B — M/ 10 anos

ANGOLA
MOÇAMBIQUE

Sinta-se EXPLORADOR usufruindo todas as comodidades, tomando parte num SAFARI. Fique conhecendo PORTUGAL ULTRAMARINO

Maio a Dezembro
Consulte e Reserve na
WASTEELS EXPRESSO

Avenida António Augusto de Aguiar, 88 C
Tel. 42185 LISBOA

1973-6º CENTENARIO DA ALIANÇA LUSO-BRITÂNICA
VERÃO BRITÂNICO 73
VIAGENS EM GRUPO
LONDRES INGLATERRA E ESCÓCIA
De Julho a Setembro de 1973
Viagens de 4, 5, 6, 7 e 10 dias
PARTIDAS SEMANAIS
* Modernos autocarros de turismo (BAC II Serie 500) especialmente fretados
* Hoteis de 1 classe
* Todos os quartos com banho
* Viagens acompanhadas
PREÇOS A PARTIR DE
3.100$
bónus especial

TRATAMOS DE PASSAPORTES
VIAGENS RAWES
LISBOA Correspondencia R Bernardino Costa 47
Expediente Trav do Corpo Santo 15 Tel 370231
FARO — Rua Conselheiro Bivar 72 Tel 23195/6

DL/NACIONAL

A VISITA DO PRÍNCIPE FILIPE

Alterações ao trânsito na zona do aeroporto

Por motivo da chegada, no próximo dia 5, ao aeroporto da Portela, do Duque de Edimburgo, a P. S. P. vai adoptar as seguintes medidas excepcionais no que se refere ao trânsito naquela zona:

Quanto a estacionamento de veículos

Será interdito a partir de 4 do corrente, pelas 19 horas, nas seguintes artérias:

a) Parque de estacionamento superior do Aeroporto da Portela e arruamentos que imediatamente o circundam ou a ele conduzam incluindo a Av. de Berlim entre a Av. Cidade do Porto e o parque de estacionamento inferior ao aeroporto e a Av. Gago Coutinho entre a Rotunda do Relógio e o já referido parque superior.

b) Arruamento nascente da Praça Afonso de Albuquerque.

Quanto à circulação

A partir das 13 horas do dia 5 e até à desconcentração das forças militares que se encontram postadas ao longo da faixa poente da Av. Gago Coutinho no troço compreendido entre a Rotunda do Relógio e o parque de estacionamento do Aeroporto será interdito de veículos na faixa referida.

Conselhos úteis

a) O trânsito que se dirija para o Aeroporto da Portela poderá circular livremente na faixa nascente da Av. Gago Coutinho no troço compreendido entre a Rotunda do Relógio e o Aeroporto e ainda pelo acesso da Av. de Berlim.

b) O trânsito de saída do Aeroporto será orientado para o parque de estacionamento inferior em direcção à Av. de Berlim.

c) Pretende-se dar o maior brilho às solenidades o Comando da P. S. P. de Lisboa apela para a maior compreensão e boa vontade de todos os automobilistas e público em geral no sentido de acatarem escrupulosamente as indicações que lhe forem dadas pelos agentes de autoridade.

Encerrou o Congresso da CCMIE

Com a exposição de problemas de emigrantes portugueses na Alemanha, Bélgica e Holanda, encerrou hoje a 30.ª reunião da Comissão Ctólica para as Migrações Intra-Europeias (CCMIE), em que participaram cerca de 100 congressistas de vários países europeus. Segui-se um debate e a marcação de data e local para o próximo encontro.

Os participantes deste congresso, deslocam-se amanhã e dia 2 à diocese de Coimbra, local onde foi efectuado o inquérito monográfico sobre os motivos e como vivem os emigrantes regressados.

OEIRAS

Funcionários da Câmara intoxicados com peixe do mercado municipal

Desconhece-se a causa da intoxicação alimentar de 37 funcionários da Câmara Municipal de Oeiras, uma vez que o peixe que ontem ao almoço ingeriram não foi submetido a qualquer análise. De facto, tudo leva a indicar que a intoxicação fosse devida ao estado dos filetes de peixe cujo sabor foi estranhado por alguns comensais que, pouco depois, se sentiram indispostos. Contam-se entre eles algumas crianças que se sentiram particularmente afectadas.

Segundo nos foi dito, é a primeira vez que tal acontece. O refeitório não é explorado por nenhuma empresa particular, mas sim pelo Centro de Alegria no Trabalho (C.A.T.) que adquire os alimentos no Mercado Municipal, «partindo do princípio que a qualidade dos produtos ali vendidos é suficientemente vigiada». Ao que parece não é.

As vítimas da intoxicação — felizmente não muito grave — foram transportadas de urgência em veículos da Câmara ao Hospital de S. José, onde receberam tratamento, tendo regressado alguns deles, nessa mesma tarde aos seus postos de trabalho.

ASSEMBLEIAS SINDICAIS

Decorre esta noite, a partir das 21 e 30, a assembleia geral extraordinária da 10.ª Secção de Actividade «Indústria Química» do Sindicato Nacional dos Profissionais de Escritório do Distrito de Lisboa destinada a informações diversas e à discussão da revisão dos Estatutos do Sindicato. A assembleia decorrerá nas instalações da Rua do Alecrim.

No centro social do Sindicato Nacional dos Empregados dos Serviços Administrativos da Marinha Mercante, Aeronavegação e Pesca efectua-se também esta noite, a partir das 21 e 30, uma assembleia geral extraordinária destinada a rectificação e eventual aprovação de alguns artigos do Projecto de Estatutos, bem como eliminação de um outro.

Um cinema do Porto prestou homenagem a Picasso

PORTO, 31 — Muitas vezes os exemplos vêm de onde menos se pode esperar. Pablo Picasso morreu nos princípios de Abril deste ano. Até agora, no Porto, não houve uma associação cultural — nem a «Arvore», Cooperativa de Actividades Artísticas — que se lembrasse de promover uma qualquer manifestação de homenagem ao grande pintor. A iniciativa partiu, subitamente, esta semana, de... um cinema.

Pois é verdade — e honra lhe seja feita — o cinema Passos Manuel deu um exemplo invulgar: Promoveu uma homenagem a Pablo Picasso, dedicando toda a primeira parte dos seus espectáculos de sábado, domingo, segunda e terça, deste fim de mês, à exibição de curtas metragens (de Luciano Emmer) sobre parte da obra imensa de Picasso — trinta e cinco minutos de divulgação — evocação, que puseram o público em contacto com criações de que, em muitos casos, deve ter ouvido falar mas tão mal conhece (e nem sempre respeita). Gesto oportuno e demonstrativo de que um cinema pode não ser apenas a loja onde se vendem espectáculos.

O exemplo do Cinema Passos Manuel não tem precedentes e por isso se assinala. Junto com o programa da sessão foi distribuída uma folha com dados biográficos de Picasso. Esta iniciativa teve a colaboração (ao que nos informam desinteressada) da firma detentora dos filmes exibidos.

Quinta-feira da espiga

Hoje é **Quinta-feira da Espiga** (celebração litúrgica da Ascenção), dia quel antigamente, se festijava com ruidosa alegria dionisíaca em livre convívio com a Natureza, comendo, bebendo, cantando e dançando ao ar livre. E apanhava-se o ramo de espigas, flor de oliveira e flores silvestres, estalando as papoilas de rubro — tudo simbolizando fartura no açafate e exultação da alma popular.

Hoje, os ramos vendem-se pelas ruas e acabaou o bródio fora-de-portas. Mas restam a saudade dessas sádias evasões para a liberdade compestre e ganas de voltar a essas alegrias pagãs — mesmo neste dia melancólico, de céu enevoado e Sol escondido.

Os militares no activo e o Congresso

Foi publicada na «Ordem do Dia» das unidades militares da Metrópole a decisão do ministro da Defesa que proíbe os oficiais, sargentos e praças no activo de se inscreverem no Congresso dos Combatentes do Ultramar. Esta proibição já vigorava há alguns dias, embora só agora deixasse de ser confidencial.

NOTAS POLÍTICAS

VÁRIAS INAUGURAÇÕES DA MISERICÓRDIA

O 475.º aniversário da Santa Casa da Misericórdia, cujas celebrações se iniciaram ontem, teve a assinalá-lo a inauguração de novos serviços de saúde e assistência na Musgueira, Bairro da Rotunda do Relógio, Alto do Pina, Campolide e na Parede.

A estas cerimónias inaugurais esteve presente o ministro da Saúde e das Corporações, dr. Baltazar Rebello de Souza, além dos provedor e vice-provedor da Misericórdia de Lisboa, drs. António Lino Neto e Carlos Dinis da Fonseca, do presidente da Câmara Municipal de Lisboa, coronel Silva Sebastião, D. Raquel Ribeiro, director-geral da Assistência, presidentes da Federação das Caixas de Previdência e do Conselho Superior da Acção Social e dos Serviços Médico-Sociais e muitas outras individualidades ligadas quer a organismos afins, quer à própria Santa Casa.

Assim, no Bairro da Musgueira, foram inauguradas, pelas 16 horas, um dispensário e posto clínico. Seguiu-se a inauguração do Centro Social da Musgueira Sul, do dispensário materno infantil de São João, do posto farmacêutico e das novas instalações do Posto de Coordenação e Assistência da Misericórdia, na Rua de Sol a Chelas, de um jardim de Infância na Rotunda do Aeporto, de um outro dispensário em Campolide e finalmente do Internato Infantil da Parede.

DEFESA NACIONAL

O general Câmara Pina, director do Instituto de Altos Estudos da Defesa Nacional, reuniu-se ontem com os jornalistas para lhes comunicar os objectivos e o programa do II Curso de Defesa Nacional, que se inaugura amanhã, às 9 e 30, nas instalações do Instituto de Altos Estudos Militares, em Pedrouços.

COMBATENTES DO ULTRAMAR

No Palácio Nacional de Belém foram recebidos pelo Chefe do Estado, ontem, os mais representativos dirigentes do I Congresso dos Combatentes do Ultramar, que terá início amanhã no Porto e se prolongará até ao próximo domingo.

GOVERNADOR DE ANGOLA

Chegou ontem, ao fim da tarde, a Lisboa, em avião da Força Aérea, o eng. Santos e Castro, governador-geral de Angola, que se desloca à Metrópole por motivos particulares.

DIÁLOGOS CONFIDENCIAIS

JOÃO ABEL MANTA

Miguel de Cervantes.....
Miguel Torga.
Miguel de Unamuno.....

SUPLEMENTO LITERÁRIO

ACERCA DA "ENTREVISTA DE ALBERTO FERREIRA COM O IMAGINÁRIO"

De um leitor que assina Eduardo Matos, mas cuja completa identificação é do nosso conhecimento, recebemos a carta que a seguir publicamos, precisamente porque, tal como se reconhece, «não é apanágio deste jornal (nem deste suplemento, acrescentamos) defender a visão unilateral e estagnante de certas realidades». Preferimos, de facto, «de algum modo» (o qual, por via de regra, coincide com os limites do possível), actuar com «espírito dialógico». Na verdade, permita-se-nos mais este aditamento, todos andamos bem precisados dele: a quem aproveitará, realmente, a falta de diálogo?

Foi publicado, em 17 de Maio de 1973, no «Suplemento Literário» do «Diário de Lisboa», um texto de Alberto Ferreira intitulado «Entrevista com o imaginário ou da necessidade de pôr cobro a um certo número de coisas a claro». Acordo inteiramente com essa necessidade. Neste momento e neste país, é útil e necessário não deixar passar em branco certos erros e certas afirmações sem a conveniente correcção, a justa análise e a correspondente integração num espaço e num tempo determinados e definíveis.

Por isto me resolvi solicitar a V. Ex.ª me permita roubar-lhe, em tempo e em espaço, o necessário a essa clarificação com a publicação desta carta — já que não creio ser apanágio do «Diário de Lisboa» defender a visão unilateral e estagnante de certas realidades, antes actuando, de algum modo, com espírito dialógico.

Um esclarecimento preliminar: não me movem intuitos polémicos que provêm, a maior parte das vezes, da ociosidade que certos intelectuais, na expressão de classe que assumem, vivem e significam. Pelo contrário — é meu desejo mostrar como esse sector de classe, neste caso concreto pela pena de Alberto Ferreira, realiza em palavras essa mesma ociosidade, essa mesma expressão de classe, de classe eminentemente ociosa de que provém e que, afinal, de uma maneira ou de outra, ajuda a sobreviver.

De facto, esse sector de classe que acima referi, essas pessoas — deixaram de falar, deixaram de escrever. Abdicaram de uma certa construção do homem no mundo. Não que pratiquem o gesto, tantas vezes salutar, do silêncio — pelo contrário: usam o **excesso** da palavra, escrita ou falada, para lhe anular o significado. Não tem sentido aquilo que dizem. São o lugar-comum que adopta uma decisão formal: **é preciso não falar, por isso falemos.** Como à linguagem cabe, no acto de ser falada ou escrita, o ir-se desvelando na sua nudez, na sua significação, é preciso que ela seja negada por seu próprio intermédio, usando-a ao contrário. A linguagem não poderá ser, para esses senhores, a consciência que se assume enquanto tal, mas a consciência será uma forma de, no lugar-comum, na tertúlia, no grupinho, no sector, na rodinha, eliminar e diluir a linguagem e todo o seu possível peso.

O texto em causa é uma longa série de palavras monolíticas, mais ou menos ligadas e articuladas, que não têm outro sentido para além de não terem sentido algum; não é um texto onde apareça **o** homem, mas **um, aquele** que ali constrói a sua imagem à imagem e semelhança do que para si imagina e se imagina. É um contínuo **linguarejar**, uma gratuidade perfeita mas premeditada, que consiste em eliminar, profundamente, qualquer significado real do discurso como discurso, como forma de objectivar a consciência para fazer aparecer tão-só o **nome** do autor ou do falador, nome esse, de si, já mitificado, pois os **linguarejadores** não se fazem: fazem o seu nome e trabalham para ele, como quem ergue, lentamente, forçosamente, uma pesada e lustrosa estátua. O que aparece para lá dos signos escritos é a opacidade em sombra dessa estátua, que se sugere, que se vai sugerindo, como estátua, texto a texto, palavra a palavra, pedra a pedra.

Vejamos agora, na referida «Entrevista»...», como o processo acima descrito se mostra. Qual é o «pretexto» para A. F. falar de si? José Gomes Ferreira, um autor que, desde sempre, falou de si. Desde sempre com uma certa complacência, sustentada e justificada por igual complacência que, a partir de certa altura, o seu público lhe tributou. Porém, J.G.F. sempre falou de si de uma maneira muito especial: integrado no mundo e no lugar, entre as coisas e as pessoas a que dá existência real com a juventude de que é suporte da sua alegria de estar vivo, de estar no meio de pessoas com a consistência que se atribui, de ver, de imaginar, de sentir a carne e o sangue de um modo activo.

A.F. serve-se, pois, demagogicamente do poeta, para falar de si. Motivo: o caos. Exemplo: o caos de J.G.F. é diferente do de A.F.; A.F. organiza o caos, J.G.F. cria o caos; se bem que «rigorosamente o meu (de A.F.) processo é equivalente ao caos de que falava J.G.F.» (1).

O que é o caos, o que é o tremendo erro do historiador, do filósofo, do intelectualista, do racionalista, ou o quer que A.F. pretenda vestir ante o olhar do leitor, veremos mais adiante num pequeno apanhado histórico.

Antes disso, e lembrando a frase de Guerra Junqueiro: «A vaidade é o orgulho dos imbecis e o orgulho é a vaidade dos génios» (2), vejamos de que modo se outorga A. F. o direito de falar de si, de que modo usa a linguagem para não falar, de que modo a aliena (3): **«como sabem, ou talvez não,** nunca abandonei a atitude reflexiva»; (a propósito do tal caos veremos, adiante, de que modo assume A.F. a atitude reflexiva, com que leviandade o faz; para já, retenhamos a segurança com que A.F. afirma **como sabem** — sim, como não conhecer tão ilustre personagem? — e o quase desprezo, a quase censura com que vergasta, num entrevírgulas seco, sisudo, os que **talvez não**); «Há quem me considere um escritor com potencialidades respeitáveis. Isso foi escrito, foi-me declarado, foi-me **insinuado de mil maneiras**»; (se foi escrito, nós devíamos ler, devíamos ter lido, essas respeitáveis potencialidades com que o consideram; mas isso não era o bastante: é preciso que todos nós fiquemos a saber que **de mil maneiras**, certamente centenas — ou mesmo até um milhar — de imponentes personalidades, para além das que abertamente lho disseram, lhe insinuaram essas potencialidades; parabéns! Mil parabéns! Isso é o que se pode chamar uma autocrítica objectiva, um sereno autoconhecimento; assim vai-se longe em literatura e são, realmente, respeitáveis — se bem que no pior sentido — as potencialidades que essa brilhante tirada põe a nu); «acabava de perder o meu emprego (...) (episódio grotesco que **me inspirou um romance inédito e que não público** (...)»; (A.F. é a primeira pessoa — e isso o deve, seguramente, honrar — que se sente inspirada para escrever um romance inédito; não é qualquer escritor que assim do pé para a mão consegue escrever inéditos, muito menos com base em episódios grotescos; regra geral o escritor entra na tipografia, escolhe o tipo de letra que lhe interessa, que vai mais ao seu gosto ou ao seu capricho, e vai de principiar a compor o seu romance, o seu teatro, o seu poema, que de imediato se tornarão públicos, anunciados e vendidos de improviso, de rompante, às centenas ou aos milhares; mas um romance inédito — quem se atreve a tentar essa aventura? Quem vai arriscar nisso a sua inspiração, quiçá, até, a sua carreira? Mas há mais: A.F. inspirou-se, tomou fôlego e balanço, escreveu um romance inédito e **não o publica**: não é birra, é talvez uma ameaça velada, mas que, por outro lado, mostra a grandeza de carácter do inédito autor — que, além de abdicar da possibilidade de compor o romance numa tipografia, o que seria fácil dadas as mil insinuações diversas de respeitáveis potencialidades, nem mesmo publicará o fruto do seu suor e do seu esforço; limita-se, como pai extremoso, a anunciar a existência do bem-amado filho, que vai embalando no caseiro berço); «deu-me para redigir o seguinte trecho que expulsei do romance (por conselho de Namora)» (segue-se o trecho); (e Namora aconselhou-o a publicar o trecho separadamente ou foi isso um heróico gesto de sua lavra? Ou, no fundo, não acreditou muito no que o Namora disse e ficou à espera da primeira oportunidade para atirar com o trecho, que afinal não era tão mau quanto isso, à cara dos descrentes?); «Costa Dias, que **me** devotava amizade e **relevada admiração**»; (Costa Dias passou-lhe procuração de elogio? Não é abuso elogiar-se, auto-elogiar-se, assim, pela boca dos outros, um inédito romancista que tão modesto se tinha manifestado na sua abdicação?); a «Seara Nova» (...) vindo em 1971 a ser editora do **consagrado** «Diário de Édipo» (é o autor que usa a expressão, que classifica o seu próprio livro; vale a pena tecer comentários? Presunção e água benta, cada qual toma a que lhe permitem); depois de falar numa carta que enviou, em 1966, ao professor Allain Guy, da Faculdade de Ciências Humanas (e de Letras) da Universidade de Toulouse, escreve A.F.: «Eis a parte que **reputo mais interessante** da **epístola** ao **meu coríntio amigo:**» (segue a dita parte reputada de mais interessante); (afinal, A.F. não escreveu ao seu coríntio amigo: isso não passou de um pretexto para guardar uma copiazinha para usar, mais tarde, em situações como esta; o autor do romance inédito não quer deixar inéditas as epístolas — que, afinal, não escreve a ninguém em concreto, mas para a posteridade); cita, depois, A.F., os estímulos amigáveis de Urbano Tavares Rodrigues, Nuno Teixeira Neves, Mário Sacramento, Augusto da Costa Dias, José da Cruz Santos, José Marinho, sem esquecer seu pai.

Estes, **alguns** extractos em que A.F. se exibe; não todos, evidentemente, pois na «Entrevista...», de página inteira, limita-se A.F. a falar de si e de quem de si fala, a citar-se e a citar quem o cita, numa extensa gabarolice, num imenso exibicionismo, numa extrema falta de pudor.

Da fotografia publicada, na qual um rosto anguloso, de traços bem marcados, se salienta num busto obliquamente colocado no espaço, ao texto escrito, tudo é uma tentativa de se erigir em mito, de se glorificar em estatuária, de se mostrar impante, com seus ademanes culturais, em alto relevo para a posteridade.

Se, porém, se permite a quem quer falar de si fazê-lo do modo que pretende, se nenhuma voz se resolve mostrar o retrato ridículo que certos indivíduos ostentam e, por força, querem impingir aos outros, não me parece que se deva deixar um pseudofilósofo (ou pseudoliterado exibir a sua ignorância com foros de certeza, de verdade, de correcção. A vaidade leva, de facto, às consequências mais imprevisíveis.

Depois de focar que nunca abandonou a atitude reflexiva que, segundo Demócrito, tem três vantagens, a saber: pensar bem, falar bem e agir bem, afirma que disse «não à filosofia sem a renegar». E é com base nessa filosofia não renegada que se permite afirmar, a propósito de Anaximandro: «a noção do caos ou apeiron é discutível. A mais segura parece ser esta: o caos é um indeterminado incriado, infinito, denso de onde teriam emergido todas as coisas por um princípio lógico (sic) ou ontológico (sic) de determinação (sic) que, nas sua expressão mais simples (!), se pode designar por divisão».

Com a superficialidade que o caracteriza, fala A.F. dos **caos** e do **apeiron, identificando-os**! Diz: «A noção do caos ou Apeiron... **Ou** apeiron! Comete o autor dois erros, um cronológico, outro de sentido.

De facto, enquanto o termo **caos** aparece muito antes de Anaximandro (Hesíodo: «Antes de todas as coisas surgiu o **Caos**; depois a **Terra Gea** de vasto seio...;» «No princípio existiam o **Caos** e a **Noite**, o negro **Érobo** e o profundo **Tártaro**...»; relativo aos órficos; «Acusilau quer que no caos primordial surgissem todas as coisas...» (4); destes, Hesíodo, por exemplo, é muito anterior a Anaximandro — nascido em 610 ou 609 a.C. — sendo os órficos, provavelmente, do início do século VI a.C., segundo Abbagnano (5), é Anaximandro o introdutor da noção de conceito de **arché**, ligada a **apeiron;** no único fragmento dele conhecido nos nossos dias:

O ilimitado (apeiron) é a origem dos seres. E a fonte da geração das coisas existentes é aquela na qual a destruição também acontece, segundo a necessidade; porquanto pagam castigo e retribuição uns aos outros, pela sua injustiça, de acordo com o decreto do tempo como ele se exprime, nestes termos um tanto poéticos (frg. Diels)»(6). M.H. da Rocha Pereira, traduzindo **apeiron** por «indeterminado» ou «indefinido», acrescenta, relativamente ao fragmento acima transcrito, que «só as palavras fora dos parêntesis rectos se consideram originais» (7).

O erro cronológico não é, porém, o mais grave. De facto, há uma diferença sensível entre as duas noções; e, ainda que o substracto fosse o mesmo, que o mesmo fosse o fundo representativo, tinha-se operado um «salto qualitativo» entre as duas noções; e esse salto não era o «milagre grego», já suficientemente desmitificado, mas o começo de uma transição entre duas formas de compreender e representar o mundo: a transição do mito para a filosofia, para a Razão, estas na sua forma mais primitiva e elementar.

O Caos aparece definido, ao mesmo tempo, como «uma ameaça à conversação do Cosmos» e «uma mistura geral de todas as coisas» (8).

Quanto ao **apeiron**, porém, são diferentes as interpretações: «Os esforços dos milésios, no sentido de determinar a causa primordial, única, do mundo, conduziram, já com Anaximandro, a transcender a experiência com a construção de um conceito metafísico do «infinito», e desviaram, assim, a ciência da análise dos factos para reflexões conceituais.» (9); Anaximadro «disse que o princípio e elemento primordial dos seres é o infinito, sendo o primeiro que introduziu este nome de «princípio» (arché) (10); Anaximandro «teve o mérito de colocar o elemento primitivo no infinito ou ilimitado (apeiron)» (11); «o mérito principal cabe ao espírito criador de Anaximandro e aos pioneiros que o precederam: com efeito, tiveram a intuição genial de um mundo que não se assemelha a um caos mas é edificado segundo um sistema bem ordenado» (12).

Se, por um lado, fica demonstrada a sensível diferença, no tempo e no modo, entre **caos** e **apeiron**, por outro lado temos que «as coisas» não teriam emergido do «caos ou apeiron» (...) por um princípio lógico ou ontológico de determinação»; nunca este conceito foi expresso pelos autores mencionados até ao introdutor da noção de **arché**; diz Abbagnano, relativamente a Anaximandro: «Não concebe ele o princípio infinito como uma amálgama (migma) dos vários elementos corpóreos em que estes estejam compreendidos cada um com as suas qualidades peculiares; mas preferentemente como uma matéria em que os elementos não estão ainda distintos e que por isso, além de infinita, é ainda indefinida (aòriston) (Diels, A9a). (...) o carácter indeterminado da substância primordial, que não se identifica com nenhum dos elementos corpóreos, na medida em que permite conceber melhor a derivação destes elementos como outras tantas especificações e determinações dela, suprime na substância todas as características de verdadeira e própria corporeidade e faz dela uma simples massa quantitativa ou extensa. Sendo a corporeidade de facto ligada à determinação dos elementos particulares, o **apeiron** não pode distinguir-se destes senão nos seres privados das determinações que constituem a sua corporeidade sensível e por isso na redução ao infinito espacial. (...) o processo por meio do qual as coisas derivam da substância primordial (...) é a **separação**» (13).

É, sim, Heraclito («floresceu por alturas de 504-501 a.C.») que vem caracterizar o **logos** — nunca Anaximandro ou «os pioneiros que o precederam»». «Heraclito lamentava que os homens, não obstante terem escutado o **logos**, ou voz da razão, se esqueçam dele nas palavras e nas acções, pelo que não sabem o que fazem no estado de vigília, como não sabem o que fazem no estado de sono (fr. 1, Diels)». «Estes **logos** é como a lei para a cidade mas é ele próprio a lei, lei suprema que tudo rege (...), ele é (...) não só a **racionalidade** mas o próprio **ser** do mundo» (14). «Existe uma coerência das coisas que se exprime pelo **logos**. O **logos** é para ele (Heraclito) tanto a lei eterna de todas as coisas, como a condição de possibilidade do seu conhecimento pela **psyche** humana, como ainda a linguagem que exprime as relações entre a razão e a realidade das «coisas» físicas e das «acções humanas»(15).

Nem vale, já a pena dissecar o sem sentido de «princípio lógico ou ontológico de determinação que, na sua expressão mais simples se pode designar por divisão»; para além de isto querer dizer nada, em história da filosofia, era preciso um longo percurso desde a análise do conceito **«separação»** (e não divisão) ás diversas aporias relativas ao problema da predicação que só mais tarde se manifestam.

A não ser que se aceite a interpretação de uma época atribuindo-lhe conceitos de outra ou outras — isto é negando a história e o seu devir dialéctico — é, de facto, incrível que um escritor que nunca abandonou a «atitude reflexiva» consiga num só período tanta confusão, tanto erro, tanta desordem que levam a concluir — segundo Demócrito — que pensou mal, falou mal e agiu mal isto é, abandonou a atitude reflexiva com que se havia caracterizado.

Abandonou-a — mas fingiu que não. Quis iludir os leitores. Quis iludir-se a si e aos leitores, esquecendo que quanto mais falsa erudição se pretende ostentar mais fácil é cometer torpes erros ou violências históricas.

Mas esta falsa erudição está afinal ao serviço de quê? Ao serviço de quem? Do lugar-comum e da autopublicidade, pura e simplesmente. O compilador, organizador, comentador, etc., do «Bom Senso e Bom Gosto» obra que a «contragosto» elaborou segundo disse, revela que nem um nem outro foram a sua preocupação: nem o bom senso nem o bom gosto.

Depois de abusivamente se comparar a José Gomes Ferreira, depois de se citar de falar dos amigos que de si falam, que lhe escrevem que o estimulam, fala da sua obra: publicada, a publicar, e até!, a ficar inédita; aborrece-se com editores e editoras (ou, por outras palavras, foi — é? — um incompreendido); acusa agências de publicidade (desempregaram-no, puseram-no em crise, etc.. «sem dó nem

Continua na pág. nove

UM EXTRAORDINÁRIO LIVRO DE POESIA DE
RUY BELO
•
TRANSPORTE NO TEMPO
•
«CÍRCULO DE POESIA»
MORÆS
EDITORES

COMO TRABALHAM OS NOSSOS ESCRITORES?

MARIA VELHO DA COSTA: "NO MANEJO DA PALAVRA NUNCA BUSQUEI OFÍCIO NEM CARREIRA"

Das perguntas conhecidas fizemos um molhinho que entregámos a Maria Velho da Costa, a autora (convém que seja dito por mínima embora escusada apresentação) de «Maina Mendes», romance que mais se toma por carvão ardente, tão de largo a crítica lhe pegou. Desfez Maria Velho da Costa o molho de perguntas, desprezou umas tantas, misturou as restantes, que igualmente veio a lançar fora, e, tudo isto (des)feito, não respondendo respondeu, como adiante se vai ver, agora que acaba esta introdução, em estilo parente, que algum trabalho deu ao «Suplemento Literário».

Já o tentei dizer por vários modos e sítios, umas vezes chãmente e sem fazer força, outras com o inteiriçamento que me torna os dizeres obscuros (parece que): não sei que é isso de ser escritor, não creio que o que parecem crer que é isso me convenha. E como se por esse nome **escrever de escritor(a)** o acto de me sentar num espaço fechado com um papel em frente e um lápis na mão **o método** perdesse por legalidade o que só ganho tem de coisa mágica e oculta transgressão em voz baixa, própria, impública. A pesagem cuidadosa da palavra, do andor da frase, o trabalho de caldeirar cadinhos, alquimia de ouvir ver o estando sendo escrito numa pressa tremente duma justeza que não se sabe porquê, todo esse serviço é, me é, travado por quem me nomeia dona e sabedora do que acontece quem sou, como faço, que acho assim e assado. Quem melhor me leu foi quem sabe que no manejo da palavra nunca busquei ofício nem carreira, nem sequer sentido, **strictu** senso estreito. Talvez o parto. Onde o que limita, ainda que bonitamente ordenado a harmonia a lei da fala, do entendimento facilitado, ainda que mentido, amputado a Lei encontra a licença, o desejo desnomeado, o júbilo que dissolve, o livre (dis)curso. O português de agora é uma fala muito boa para isso, parece-me. Não é preciso morrer ou estar demasiado longe de tudo para a desatar. Basta ver diferenças de destinos de Joyce e Guimarães, Rosa.

Mas para voltar ao que deu aso a estas coisas não tenho escrito o que ando a trabalhar, falante, indo sabendo. Nem ando a arrecadá-lo dizendo-o que é só porque não posso. Talvez um dia breve venha que eu de novo ordene e desordene, quieta, quieta, na grande agitação da caça ao que é já feito, passado, a caça à visão nova do já visto mudando pela escrita em novo ter que demandar de coisas a que a escrita não (me) é saber. Talvez vá entendendo que não é por mal que me dizem «tu, escreve». É só pelo susto que dá ver que quem não faz seu lugar certo, nele cai ou dele avoa, coisas ambas muito terríveis. E susto não é maldade, resistir-lhe é que sim. Acho que tenho progredido, pois.

UM LIVRO NA FEIRA DO LIVRO OU A HISTÓRIA DE UM MONO

..De súbito, sinto-me a suar. Ou devo dizer, a transpirar, não é?, de acordo com a hierarquia cultural que me distingue?

..Há muito tempo, há anos talvez, que não apanhava sol: estou fraco e sinto-me tonto; as folhas. tremem-me. Mal posso erguer a minha capa, atingida pelos raios fortes do sol. De aqui a nada, quando o sol se esconder para além das árvores, a sombra passará uma mão muito doce pelo meu dorso. E então virá a noite.

..Quando vim para aqui, pensei morrer. Mãos grosseiras (perdão) pegaram-me como se eu fosse um objecto qualquer, esquecidas que dentro de mim há talvez lágrimas secas de olhos que ainda não se abriram para a luz. Porque há dentro de mim uma história, como há outra história fora de mim.

..Desde as garatujas do homem que me concebeu até ao chumbo manejado pelo tipógrafo e, depois, à forma rectangular em que acabei por me transformar — sou a história de um objecto que aquele primeiro homem agarrou como se eu fosse qualquer coisa que valesse mais do que dinheiro — e ainda existirá esse homem que gastou noites sem conta para me tornar possível? Se ainda existe, onde estará agora? —, agarrou com aquela tristeza de quem não espera grande coisa da vida e muito menos daquele peito seco que eu era... Este objecto que é, como tal, a história de um itinerário, de vários itinerários: o do eucalipto que se transformou em pasta e, a seguir, em papel que as minhas letras viriam a encher de gritos silenciados; o itinerário de uma máquina, itinerário que vai até ao sr. Gutenberg ou ainda mais longe, muito mais longe, até aos chineses milenários; o itinerário de um operário filho de operário, que só operário podia ser, e sorriu uma vez ou outra ao ler o que sou — qualquer coisa como um conto fútil contado por um louco, como escreveu, mais ou menos, um senhor muito importante num livro, meu fabuloso irmão mais velho, conforme o meu criador transcreveu na minha primeira página. Um dia, já lá vão uns anitos, a minha história acabou. Eis-me numa montra a ver os que passavam e me olhavam interessados, indiferentes. O mais interessado era, claro, o homem que dera vida à minha história. Passava pela montra e olhava para mim como as crianças olham os balões coloridos (onde aprendi isto? Talvez dentro de mim).

..Outra pessoa que estava bastante interessada na minha existência era o meu novo dono que queria passar-me rapidamente a patacos. Mostrava-me a um e a outro, e nada. Uns, pegavam em mim, viam o que eu era. Só quando sabiam o preço, desistiam, um pouco tristes, ao que me parecia. Outros viravam a cara, com um suspiro de enfado. O homem dizia coisas: e que mais isto, e que mais aquilo. E nada: eu continuava ali, primeiro numa mesa, depois numa estante. Sentia que, verdadeiramente, ainda não começara a viver. Que para isso era necessário que alguém abrisse as minhas páginas e entrasse no meu corpo. Me desse o sangue do seu tempo e a luz do seu entendimento para que eu pudesse realmente viver em toda a plenitude do meu ser nventado por um outro, mais do que inventado — arrancado aos seus ossos, à sua pele, ao seu sofrimento, aos seus sonhos.

..Sentia-me oprimido, melancólico, sem razão para existir. Sentia que sobre mim ia caindo lentamente o ódio — seria ódio, ou estarei a exagerar? (não reparem: o meu vocabulário não é muito extenso — é só o das palavras que me dão forma) — o ódio do homem que me comprara para me vender. Desci da prateleira, deixei os lugares mais iluminados, permaneci por longo tempo num sítio inacessível Entre outros, como eu, senti a tortura demasiado humana da solidão.

..Um dia fui arrancado brutalmente e atirado para um caixote que pensei ser o da morte. Sentia a minha pele rasgar-se mas resisti, ainda cheio de esperança numa vida nova. Foi então que vim pela primeira vez para este mesmo lugar. Conheci novas, embora insignificantes e passageiras, alegrias. Sentia o sol, ouvia música, respirava. Mãos pegavam em mim com alguma ternura. Mais raramente dois olhos pousavam em algumas das minhas palavras, e soletravam-me. Sentia-me nesses momentos tão excitado...

..Os anos foram passando e eu, continuava a sofrer, fechado na minha solidão, aguardando já sem esperança que um dia a luz de uns olhos desse luz às minhas letras negras, olhos sem luz.

..Já nem sequer estava onde sempre estivera. Fora metido no canto escuro de uma casa velha onde dormia sempre em sobressalto por causa dos ratos.

..Nunca mais vi aquele que me trouxe no seu pensamento, ou lá onde foi. Até que voltei aqui. Voltei ao sol, aos miúdos, ao ruído da vida que sinto á minha volta.

..Tenho uma história para contar. Quem quererá escutá-la? Não tenho ilusões. Sei que estou velho, que tenho a pele amarelecida e cheia de rugas, que aparentemente já nem valho o pouco dinheiro que agora pedem por mim.

..E apesar disso, continuo a ter esperanças. Desde que voltei para aqui, para o sol, para o ar livre, precisamos tanto de ar livre, voltei a ter esperanças.

..Estou certo que um dia virá alguém e pegará em mim para me levar. Sinto que há nas minhas páginas uma história de amor, de raiva, de morte, uma história que fala de coisas que nem me atrevo a contar, e que essa história merece ser conhecida.

..Talvez agora, quem sabe, neste momento exacto em que alguém me agarra, me aperta com força como se já não pudesse ,largar-me, como se encontrasse finalmente qualquer coisa que tivesse perdido há muito, uma palavra (de esperança?) que estava esquecida há demasiado tempo...

CARLOS PORTO

A C. P. INFORMA:

CARRUAGEM-CAMAS Barreiro-Vila Real de Santo António e vice-versa

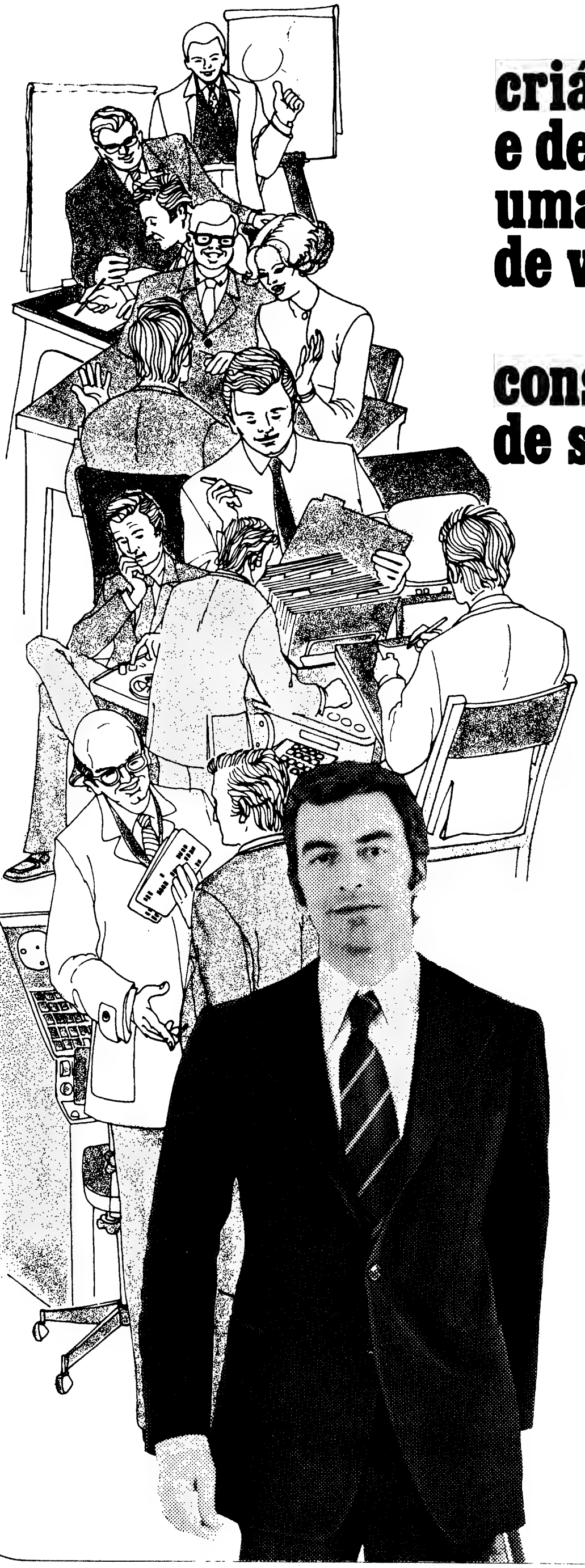
A partir das noites abaixo mencionadas, é restabelecida, nos dias que, para cada caso, se determinam, a circulação de uma carruagem-camas entre Barreiro e Vila Real de Santo António e vice-versa, nos comboios n.os 9021 e 9022:

Sentido Barreiro-Vila Real de Santo António:

Noites de sexta-feira para sábado, com início na noite de 1 para 2 de Junho.

Sentido Vila Real de Santo António-Barreiro:

Noites de domingo para segunda-feira, com início na noite de 3 para 4 de Junho.



criámos e desenvolvemos uma profissão de vanguarda:

consultor de segurança Império

Este homem é um Consultor de Segurança Império.

Na vida moderna pensar em segurança é um dever social — para si próprio, para a família, para a empresa.
Mas pensar em segurança obriga à utilização de conhecimentos técnicos, à interpretação de leis, a raciocinar em termos económicos e fiscais.
Gerir os seus interesses da forma mais adequada de acordo com as necessidades de futuro é, de facto, tarefa que necessita do apoio de especialistas.
Tal como na electrónica, na saúde ou em finanças existem especialistas para o assistir, a Império criou e está desenvolvendo uma profissão de vanguarda:

Consultor de Segurança.

Um profissional especializado para lhe aconselhar um plano global de segurança à sua medida.
Um homem que tem a apoiá-lo a organização que a Império representa no espaço português.
Um homem seguro para lhe falar de segurança.

Comece com uma entrevista confidencial.

**O Consultor de Segurança Império é um profissional rigorosamente preparado.
Está apto a estudar, a conhecer o seu problema, a aconselhar.
A Império orgulha-se dos seus homens.**

AO SEU SERVIÇO
IMPÉRIO
a sua seguradora

PENTA-CSI-CS1-73

Folhetim-artístico

ANUNCIANDO A EXPOSIÇÃO TURNER

Será inaugurada dentro de dias na Fundação Gulbenkian e organizada pelo seu museu, uma exposição de Turner. O centenário ou aliança luso-britânica explica o facto assim inserido em comemorações de vários tipos — e culturais também.

A Fundação Gulbenkian, cujo subsídio permitiu ao Arts Council organizar, de 1960 a 1965, a notável colecção de obras contemporâneas, verdadeiro e significativo museu de criação britânica nesses anos de charneira, que já vimos em Lisboa, recebe agora da Tate Gallery a exposição mais indicada — «The right exhibition», no momento culturalmente exacto.

Exacto na medida em que, como recentemente se viu em Londres, a passagem dos dois séculos é tema que apaixona hoje cientificamente a cultura europeia — e a exposição que o ano passado os ingleses levaram oficialmente a Paris, em estratégica «entente cordiale», mostrando o seu próprio romantismo, abrangia também os séculos de Setecentos e de Oitocentos. Ora Turner é, na pintura inglesa, o artista que garante essa ligação ou, melhor, essa passagem.

Pintor difícil de «ler», já que difícil é situar os homens que se colocam entre duas situações aparentemente definidas. Neste caso, um fim de século academizado neoclassicamente e um princípio de outro procurando e achando uma postura romântica. O facto de esta vir de trás complica enormemente as coisas — e Turner é o exemplo mais vivo, na cultura europeia, dessa complicação ou dessa ambiguidade.

Um exemplo inglês, situado num contexto muito diferente daquele que a França comandava então na Europa com atrasos arcaizantes, nacionalismos de isolamento, e avanços criativos de longa repercussão. O fenómeno Turner foi as três coisas e por isso os seus comparativos tanto o valorizam; por isso também o seu entendimento nos é continentalmente difícil...

Possuímos, evidentemente, as chaves da sua formação «flamenga» como convinha à tradição e ao gosto colorista inglês: mares pontuados por barcos um tanto irreais, agitados por procelas, cenas e paisagens, uma cor que invade o desenho, num projecto «pictural» imediato que Veneza tinha proposto e os Países Baixos desenvolvido. Entre o extremo da criação de Bellini e Rembrandt estabelece-se uma corrente que, mais do que ninguém, Turner pôde aproveitar, lembrando-se também de Claude Lorrain nos seus portos e barcos mastreados.

Tivesse ficado por aí, quase em termos de formulação, Turner não nos interessaria hoje, como não interessaria aos pintores do terceiro quartel do século XIX — por razões muito diferentes, aliás. Um conjunto de condições de gosto explicam amplamente a primeira parte da pintura de Turner. Mas, como professor, ele deu-se à busca das consequências da sua própria arte, e à sua sistematização para científica, numa teoria de cores que é importante considerar e que anuncia ou prevê necessidades «visuais» futuras que então eram dele só.

No momento crítico de 1824, no quadro do Salon parisiense, não coube a Turner qualquer papel na medida em que a sua arte havia de se projectar para além dos limites do escândalo que os seus compatriotas ali provocaram. O seu momento pessoal é ligeiramente posterior: em 1828, e em Roma, onde expôs no «atelier» que ali tivera durante alguns meses. Ali se tornam mais agudas, ou insuportavelmente agudas, e portanto mutáveis, as influências aceites. Não sei se o quadro «Orvieto» virá a Lisboa mas estou em crer que sim, obra charneira que é, nesse momento que será continuado, com um empenho obsessivo, no resto da carreira londrina do pintor. Uma exposição em Inglaterra logo depois, mostrará obras começadas ou esboçadas em Itália — e, daí em diante, Turner seguirá o destino da sua pintura, confundir-se-á com ela, mergulhará nela, como um banho total. E tão total que ninguém nele se pode molhar...

Artista impar, portanto, nestes anos 30 de um romantismo liberal, respeitoso de um «establishment» que era visual também — Turner esperou sem nada poder esperar. As suas «impressões» fascinariam os impressionistas trinta anos depois — mas os impressionistas não podiam ser fascinados, bons naturalistas que eram, queriam e tinham de ser... O equívoco cresceria à volta da sua obra, confundindo-se física e metafísica e só um século depois, uma notável exposição programática de «Antagonismos», em Paris, poderia lembrá-la, em termos dinâmicos, para além da muita literatura ruskineana que entretanto à sua custa se escrevera.

Pintor setecentista, Turner é um problema da história da arte ocidental — que, com certeza, não vai resolver-se em Portugal. Aqui, porém, poderá um público novo dar-se da sua existência, ou da existência da problemas complexos para além das classificações escolares ou cronológicas. Vindo após a exposição Rodin (e vindo esta depois da de António Carneiro) muito terreno de meditação ficou lavrado. Semeado, talvez, também...

E importante seria poder ver-se, ao mesmo tempo e, se possível, perto dos quadros de Turner, as quatro composições que Sequeira pintou em Roma, ao fim da vida, depois de ter visto o Turner. Pertencem à casa Palmela, que gentilmente as mostrou no Grémio Literário, por ocasião do centenário do pintor, em 1966; falei então de Turner a seu propósito. Bom seria falar agora de Sequeira a propósito de Turner — não para os confundir (coisa que aliás já está feita...) mas para distinguir à vista o sentido das suas «démarches», para elucidar semanticamente comum.

Possa ou não possa ser assim a exposição Turner do Museu Gulbenkian vai receber muitos milhares de visitantes. Que eles sejam levados a algumas das interrogações acima sugeridas é o que poderia desejar o próprio Turner. O auto-retrato que nos deixou e que durante muitos anos me fascinou na Tate Gallery, ao fundo de uma sucessão de salas, no eixo das portas de acesso, fitando-nos desde longe, vendo-nos aproximar, acolhendo-nos ao fim, e continuando a olhar para além de quem o aproximasse, corpo breve de uma realidade de maior (e sem fim) outra coisa nos não diz.

Se a Tate mandar o retrato a Lisboa, muito ajudará ele a entender os quadros da exposição e quem os fez emblema necessário de uma diligência que, por vias picturais extremas, atingiu uma situação insuportavelmente magica...

de José-Augusto França

OPINIÕES CRÍTICAS

LUSCO-FUSCO

PABLO LA NOCHE

Neste livro, a ficção começa na própria capa. Não pelo facto de o autor ter escolhido um pseudónimo (embora bizarro) X; mas por esse pseudónimo ser o nome de um dos heterónimos da personagem que narra o livro e que é, sem dúvida, ficção. Na contra-capa, porém, o editor encarrega-se de desfazer essa primeira leitura: aí se anuncia, em jeito promocional, ser **este romance... uma revelação na moderna literatura portuguesa**. Logo a seguir ao frontispício, uma nota do editor (indicada como tal) repõe as coisas: aí se conta que a obra que se vai ler aparecera, por entre os manuscritos que o editor costuma receber, enviada por uma senhora Ingborg Moacyr. O editor desconhece (três anos são passados) tanto o paradeiro da pessoa que enviara o manuscrito como o nome do autor.

Segue-se uma Introdução, assinada pela tal senhora Ingborg Moacyr, que descreve a forma como o manuscrito do romance de Pablo La Noche chegara às suas mãos, como conhecera o autor e assistira à sua morte.

O romance «Lusco-Fusco» — título que se refere à zona de indecisão, de ser e não-ser em que o autor persistira em viver — é, como se imagina, a memoralização dos acontecimentos que marcaram a existência da personagem de ficção que é, como vimos, Pablo La Noche. Esses acontecimentos são, ao mesmo tempo, de ordem particular (o narrador conta como esteve num seminário e dele escapou, entre outras coisas) e de ordem geral (descrição de passagens da guerra civil espanhola cuja reportagem o narrador fora encarregado de fazer); e pontuam, ao mesmo tempo, um itinerário individual (o narrador nasce numa aldeia serrana portuguesa e vai morar numa cidade perdida do Brasil, tendo passado por Espanha e por França) que se cruza com outros itinerários (o do ex-companheiro de seminário que vive uma aventura queirosiana; dos anarquistas da guerra de Espanha; das mulheres que o narrador amou, ou, pelo menos, pensou ter amado).

Como já se entendeu é variada a paisagem humana e geográfica de Pablo La Noche. Melhor diria: pretende ser variada porque o esboço de uma e outra é demasiado tosco para ser convincente. O autor, porém, não se fica por aí: de passagem, o narrador confidencia-nos as suas ideias, bastante prolíficas e inconscientes, sobre a vida, a política, a religião, etc. Temeroso de que o leitor não se aperceba da filosofia que a personagem reflecte através do seu comportamento, fá-lo ciente das suas constantes e repititivas congeminações.

Num dos primeiros volumes do seu «Diário», Miguel Torga tem um desabafo em que diz pouco mais ou menos o seguinte (cito de memória): «Para que há-de um pobre escriba gastar o seu latim se por meia dúzia de escudos pode ter na sua mesa de cabeceira um romance de Charles Morgan? Creio que todos os candidatos a escritores deviam meditar seriamente neste trecho antes de se resolverem a **gastar o seu latim**.

O romance de Pablo La Noche identifica-se com um modelo de literatura que hoje é insuportável. A meu ver, a ficção no nosso tempo só poderá interessar se conseguir transmitir-nos uma funda, irredutível e original experiência humana; ou se nos oferecer uma meditação sobre a problemática sociopolítica; ou se consistir numa reinvenção da linguagem romanesca. Não precisarei de acrescentar que a obra de génio implica a existência da literatura a esses três níveis. Ora, nem a experiência humana de Pablo La Noche é tão interessante como o autor parece imaginar, nem a meditação que pretexta tão original e certeira como seria de exigir. E, o que é mais grave, a sua linguagem não passa de uma série de clichés (como, aliás, reconhece, e muito bem, a pretensa apresentadora do romance), clichés que se sucedem ao longo de 400 páginas (formato grande) e se situam ao nível da prosa menos imaginativa que se possa imaginar.

Incapaz de criar personagens que ultrapassem a dimensão de sombras chinesas; revelando uma perigosa superficialidade ao manejar temas como os da interpretação materialista da história ou da guerra civil de Espanha; preocupado, afinal, com um só problema (o da existência de Deus) — Pablo La Noche acaba por despertar algum interesse apenas pela franqueza com que nos abre a sua mediocridade, a sua ausência de qualidades (que, claro, nada tem a ver com o romance de Musil). Indivíduo avarento, egoísta, cobarde, incapaz de um verdadeiro amor, seja a um ser, seja a uma ideia, como ele próprio reconhece, dificilmente Pablo La Noche poderia escrever um romance que não fosse à sua imagem e semelhança. A não ser que fosse efectivamente um grande escritor e aquelas marcas de carácter surgissem apenas numa leitura em segundo grau.

Terminado o livro, o leitor olha com certa nostalgia a estante dos mestres, ou nem isso: os Camilos, Aquilinos, Eças, Dostoievskis, Prousts, Redois, Virgílios Ferreiras, Cardosos Pires, etc. — não por pensar que todos os escritores são obrigados a ser mestres (mais ou menos) mas por pensar que o acto de escrever ou é um acto perigoso — e por isso existe a literatura de vanguarda ou a literatura militante ou não vale a pena.

CARLOS PORTO

RETRATO DE GRUPO COM SENHORA

HEINRICH BOLL

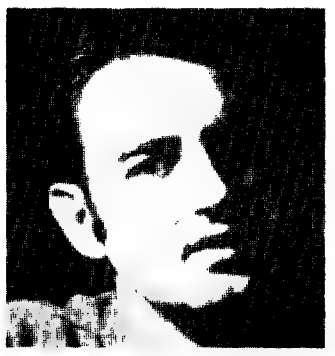
O título é desde logo muito significativo, uma vez que a palavra **grupo** («grupos são massas de pessoas em contacto ou comunicação regular e possuindo uma estrutura reconhecível», segundo informam os sociólogos) nele ocupa o primeiro lugar. A «Senhora» vem depois, embora surja, no «retrato» que o escritor pretende dar-nos, num plano destacado, ocupando as primeiras páginas com uma quase matemática nitidez: «A primeira figura feminina da primeira parte é uma mulher de 48 anos, alemã: mede 1,71 m, pesa 68,8 kg (em roupa de andar por casa), tendo, portanto, apenas cerca de 300-400 gr menos do que o peso ideal; tem olhos entre o azul-escuro e o preto, cabelo ligeiramente grisalho, muito espesso e louro, solto, muito liso, que lhe cinge a cabeça como um capacete». Mas serão os outros, os que formam o grupo que melhor fornecerão os verdadeiros traços dessa criatura cuja vida se sucede em extremos, cuja fome de sagrado atinge as raias da sensualidade, onde «afinal talvez se pudesse descobrir e desenvolver o espírito de uma grande mística», que não compreendeu as dimensões políticas do nazismo, que é quase perfeita, orgulhosa, generosa, ingénua, por quem o autor declara ter paixão e simpatia, que «será consolação para todos estes homens que sofrem por causa dela; e curá-los-à a todos». No grupo se incluirão os elementos desse sub-grupo que é a família de Leni (a Senhora): os Gruytens, com a sua tendência suicida e a sua prodigalidade de bens materiais, caracterizando exemplarmente Henry — o irmão e Hubert — o pai; as freiras que acompanham a infância e a adolescência da Senhora e, entre elas, a irmã Rahel, biologista-socislista-pacifista de origem judaica que diagnostica o estado geral das alunas pelo exame das suas feses e, após a sua morte, cria enormes problemas à ordem eclesiástica em que professou, a braços com um assustador problema de (não) canonização, Margret, Marja Van Doorn, o dr. Herwerg Schirtenstein, Lotte Hoyser, o dr. Henges, Heinrich Pfeiffer, Alois, o episódico marido de Leni, Edward e Boris, os dois homens que fugazmente preenchem a vida da Senhora, alguns outros: o próprio autor, «alma de pequeno burguês» dedicando-se a uma tarefa existencial, Lev, o filho de Leni, nascido num cemitério e, muito esbatido, Mehmet, o emigrante turco que se há-de tornar pai do segundo filho da Senhora. Na Alemanha de antes da guerra de 39 até aos nossos dias circulam essas massas de pessoas. E eis-nos, enfim, perante a perspectiva humanista de uma sociedade, isto é, ainda sociologicamente, de «uma colecção de indivíduos unidos por certas relações ou modos de comportamento que os diferenciam de outros que não entram nessas relações ou que diferem deles em comportamento». Deparamos então com os interesses que movimentam esse aglomerado de indivíduos, com as determinantes que os condicionam, os libertam ou destroem, com as carências que os oprimem a também com as peculiares virtudes que os definem. Ao fazer o retrato deste grupo, desta sociedade, Heinrich Boll que, há cerca de três anos, durante a Semana da Fraternidade realizada em Bona, proferiu um discurso em que lastimou o facto de os organizadores, em vez de personalidades célebres, não terem convidado minorias socialmente marginais como «hippies», associais, vagabundos, mendigos, operários, até um preso.

Põe-nos perante múltiplas opções, variadas tomadas de posição e consciência face ao seu universo literário e sociológico. Dá-nos assim uma pintura objectiva e patética, desmistificadora e pungente da sua pátria, através do inquérito, devassa ou processo feito à existência de uma rapariga que sem nunca ter compreendido o nazismo foi considerada «a jovem mais alemã da cidade», de uma adolescente apaixonada por um primo-poeta devorado pela auto-destruição que a caracteriza também, de uma mulher que amando, entre sepulturas, um prisioneiro russo, se entrega, perto dos cinquenta anos, a um operário turco que se ajoelha à sua frente.

ANTÓNIO REBORDÃO NAVARRO

10.º FESTIVAL DE ROYAN

Por MÁRIO VIEIRA DE CARVALHO



Tomás Marco

A MÚSICA EM ESPANHA:

"POR AGORA, ESTAMOS APENAS A CAMINHO..."

Cristobal

«Abertura» foi a palavra de ordem escolhida para o X Festival de Arte Contemporânea de Royan. Abertura a quê ou a quem? Harry Halbreich que, com a participação de Paul Beusen, sucedeu a Claude Samuel na direcção artística do Festival (depois duma crise que conduziu a uma muito provinciana rivalidade entre cidades vizinhas e fez nascer as concorrentes Jornadas de La Rochelle, onde o mesmo Claude Samuel agora pontifica) procura definir essa «Abertura». Fala de Gustav Mahler e da veneração com que os jovens músicos de todos os países se lhe referem. Observa que, ao fim de quinze anos dum certo «terrorismo serial», se ultrapassou «felizmente» a fase de formalismo excessivo que surgira como reacção contra «a facilidade generalizada das correntes neoclássicas de entre as duas guerras». Nega a existência duma arte «pura», na época actual. Insurge-se contra o dogmatismo dos que pretendem «reduzir a arte musical àquilo que eles gostariam que ela fosse». Verifica o regresso à grande forma e à orquestra sinfónica, depois da concisão, da «sístole», do «goulot» webernianos. E conclui que nos próximos quinze ou vinte anos, enquanto a evolução musical não sofrer um novo impulso, um novo surto de rigor, a tendência é para «a riqueza e o ecletismo», para «a consolidação e assimilação das conquistas de há pouco», para a «diástole».

Por tudo isto, a **vanguarda** diluiu-se, se é que alguma vez existiu como arte. Logo: nada de circunscrever artificialmente a uma determinada corrente, ou a um determinado feixe de correntes o privilégio da modernidade. Nisto consiste a Abertura para Harry Halbreich, organizador principal do Festival deste ano.

Em termos de **gerações**, a consequência foi o aparecimento no festival de bom numero de compositores com mais de quarenta anos, ou mesmo com perto de setenta; em termos de qualidade estetica, foi o aparecimento de maior número de obras acabadas, onde a fusão entre componentes formais e expressivos transcendeu os limites da pura experimentação ou da contestação só para «epater».

Entretanto, deu-se aos compositores de vinte anos, muitos deles certamente ainda na fase de formação escolar, a oportunidade de ouvirem a sua própria musica e de a discutirem em publico. Boris Vinogradov com o Ensemble Ars Nova» e Claudio Scimone com I Solisti Veneti» foram os seus interlocutores altamente qualificados, de resto. Os chamados ateliers» de jovens compositores, abertos a qualquer principiante, tiveram assim uma dupla função, pedagogica e de prospecção, representando uma outra face da **abertura:** a abertura aos que procuram, ensaiam, experimentam, tenteiam os seus próprios caminhos, aos aprendizes do ofício de compor.

PRESENÇA DA ESPANHA

Seria impraticável fazer, agora, dum festival tão densamente preenchido como este, a crónica diária e pormenorizada. Importa sim tentar apanhar-lhe as grandes linhas, os acontecimentos que ficaram mais vivamente gravados na memória.

Entre os muitos critérios possíveis para organizar estas notas há um que se impõe para alguns dos nucleos de artistas representados: o da nacionalidade. Sem querer estar a tirar precipitadamente ilações de ordem estética dando como certa a existência duma marcada individualidade nacional nas respectivas musicas direi que esse foi o caso dos compositores espanhois. O denominador comum **Espanha** aglutinou claramente os nomes de Luís de Pablo, Cristóbal Halffter e Tomas Marco. Assim como a Donatoni, Aldo Clementi e Sinopoli, ou a Dallapiccola, Berio e Maderna sempre associei a **Itália**. Começarei, pois, por este critério e começarei pela Espanha.

Luís de Pablo fez-se representar com três obras: **Je mange, tu manges** (1971), **Comme d'habitude** (1970-71) e **História Natural** (1972). Pelo jogo fortuito dos horários do festival perdi a primeira e a ultima. A título informativo, registo, quando à primeira, que é concebida como prolongamento instrumental muito flexível duma banda magnética pré-existente e que, segundo o autor, ela se assemelha a «uma conversa espontânea dum grupo de amigos reunidos à volta duma mesa». Daí o **Eu como, tu comes** que lhe serve de título. Quanto à ultima, foi uma encomenda das semanas culturais de Munique por ocasião dos Jogos Olímpicos: trata-se dum espectáculo audio visutal produzido com a colaboração do artista plastico Jose-Luís Alexanco.

Comme d'habitude, obra para um pianista e dois pianos, foi apresentada em primeira audição francesa por Gérard Frémy. O emprego dos dois pianos visa fazer de cada um deles «o espelho deformador» do outro, cabendo ao pianista pôr em evidência este processo de deformação que é a substância da finalidade da peça». O título diz ainda o autor «corresponde a uma tomada de posição perante certos acontecimentos contemporâneos da composição da obra, acontecimentos particularmente dolorosos» para ele.

Não se me proporcionou encontrar Luís de Pablo, para lhe perguntar que acontecimentos foram esses. Mas, pelo que respeita ao resultado propriamente musical, percebi que um dos pianos estava afinado uma fracção de tom abaixo do outro mas não me pareceu que o tal efeito deformador» sobressaísse para além disso. Fico na dúvida sobre se devo assacar responsabilidades à obra ou ao intérprete, embora me pareça Gérard Fremy um pianista superiormente apetrechado para a música contemporânea. Em todo o caso, **Comme d'habitude,** apesar de inegáveis rasgos de imaginação pianística, não tem talvez substância musical que justifique a utilização de dois pianos. Não chega, na verdade, para os justificar, a ideia de um ser o «espelho deformador» do outro.

De Tomás Marco ouviu-se em primeira audição absoluta um **Concerto para violino e orquestra**, subintulado **Os Mecanismos da Memória** (1972). Como era de esperar, o autor ressalva que não se trata dum concerto no sentido tradicional do termo, mas antes no sentido duma obra cujas flutuações de densidade vão do solista à massa orquestral». O subtítulo explica-se pelo facto de, para o autor, a musica ser uma arte sem existência física independente do tempo e cuja forma não pode ser entendida através do mecanismo psicologico (e não acustico, nem físico) da memória humana». Do ponto de vista estético, e uma obra nitidamente inserida na linha de «Rosa, rosae» do mesmo Tomás Marco, procurando como esta reverter ao material sonoro mais simples, na busca da própria essência da musica. Objectivo tão ambicioso é de difícil alcance e embora este concerto para violino e orquestra me tenha cativado, sobretudo pelo humor com que tal «programa é nele equacionado, não se me afigura tão importante nesse percurso (porque veio depois) como a outra obra que acabei de referir. A interpretação foi da Orquestra da Radiodifusão do Sarre, sob a direcção de Hans Zender, sendo solista Agustin Léon-Ara.

Aobrasuscitou-mealgumas questões que tive ensejo de pôr ao próprio Tomás Marco. Donde resultou o seguinte diálogo:

ENTREVISTA COM TOMÁS MARCO

M.V.C. Quando são apresentadas obras tuas, noto, duma maneira geral, que tens a preocupação de explicar rigorosamente num texto as linhas da sua construção. O rigor da construção (a sua coerência interna) é para ti na música o mais importante, o fim último da actividade criadora?

T. M. **Para mim, a música é um método de comunicação e também um método de conhecimento. Por conseguinte, todos os dados que se puderem facultar ao auditor para este aceder a esse conhecimento ou comunicação serão úteis. Entre eles, figura principalmente a linha geral da construção, na medida em que a forma numa obra musical é muito significante. Penso que a construção** só por si **não é o fim último da actividade criadora, mas sim o seu veículo principal.**

M.V.C. Como compositor, a que público pretendes dirigir-te nesta obra?

T. M. **O ideal seria um compositor dirigir-se a todo o público possível, à humanidade inteira. Na prática não acontece assim, mas não por culpa principal do compositor. Em todo o caso penso que a minha música se dirige a toda e qualquer pessoa capaz pela sua sensibilidade de se enriquecer espiritualmente com ela de alguma maneira, de lhe dar uma resposta activa, ainda que seja negativa.**

M.V.C. Podes explicar duma forma clara e acessível, para o público dum jornal diário, o sentido do título «Os mecanismos da memória»?

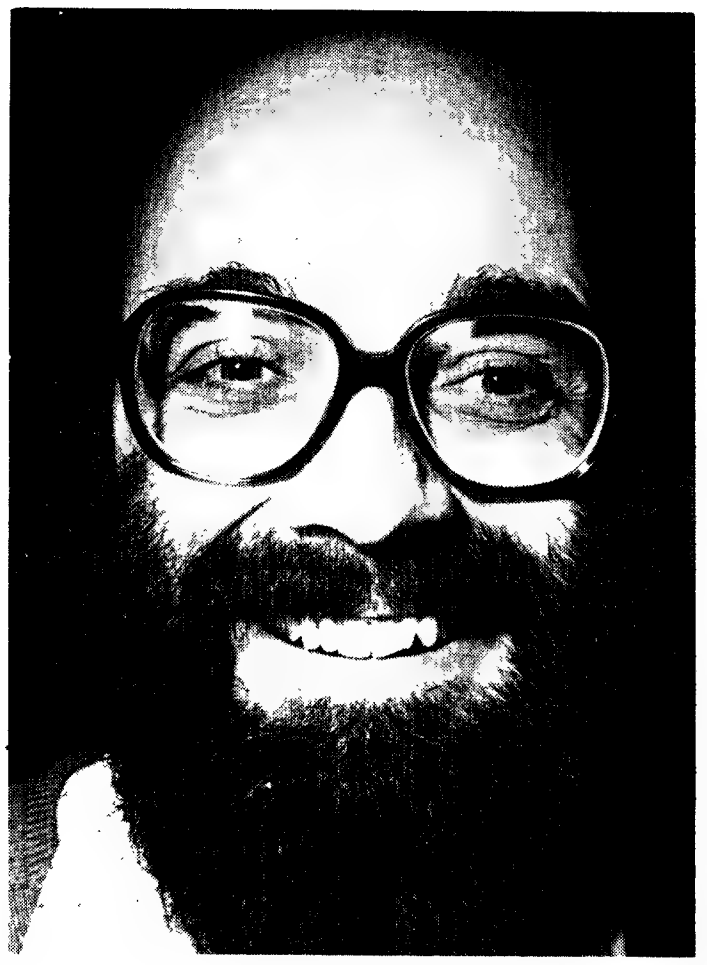
T. M. **Para mim, a música é uma arte que depende exclusivamente do tempo. Não tem uma forma física no espaço como as artes plásticas e inclusivamente a literatura, já que uma partitura não é a música mas apenas a sua representação e a música como tal só existe quando a ouvimos. Mas durante a audição não percebemos a obra instantaneamente na sua totalidade. A nossa percepção é constituída por uma série de instantes que ganham unidade conceptual graças à memória humana. Além disso, a memória interfere, com os seus processos e experiências, no material dado. Investigar os mecanismos da audição através da memória humana foi a minha preocupação nesta obra. Daí o título.**

M.V.C. Quais as dificuldades mais difíceis de superar que se te deparam como compositor **espanhol?**

T.M. **Uma das principais dificuldades está no menor volume de actividade musical espanhola em relação a países como a França ou a Alemanha. Também o menor nível de formação e informação do público. Em comparação com o estrangeiro, a relativa falta de apoio oficial. Mas isso compensa-se com a satisfação de poder fazer alguma coisa no próprio país, com um material humano que tem um grande interesse potencial.**

M.V.C. Que tipo de responsabilidades estas disposto a assumir, nesse contexto?

T.M. **Não me deixar absorver pelo meio, antes tentar influenciá-lo com o meu trabalho em todos os aspectos. Trabalhar e tentar melhorar a vida musical do País, ainda que pudesse viver melhor ou mais comodamente no estrangeiro. São estas as responsabilidades que quero assumir.**



Luís de Pablo

UM REQUIEM PELA LIBERDADE IMAGINADA

Dos três compositores espanhóis presentes em Royan, Cristobal Halffter foi quem teve representação mais considerável. Agustin Léon-Ara tocou a **Sonata para violino solo** (1958); Montserrat Alavedra (soprano) com Jean-Pierre Drouet e

Halffter

de produzir, em sobreposição com os subsequentes, nunca o ouvi tão subtilmente aproveitado. A própria ressonância da Igreja de Talmont belo exemplar da arquitectura romântica do século XII agiu em benefício da obra. Mais diferenciada na sua textura, mais **humana** do que a anterior, até mesmo o autor nota que procurou suprimir nela «o carácter místico que o poeta quis conferir às suas palavras», ao contrário precisamente do objectivo visado na outra. Este esclarecimento faz justiça ao ofício de compor de Cristóbal Halffter, que domina com mestria os meios expressivos de que pode dispor em função dos objectivos estéticos que pretende alcançar.

Mas foi no **Requiem pela Liberdade imaginada** que Halffter verdadeiramente me impressionou, num sentido vivencial que extrasava já os limites duma fria análise crítica. Seria demasiado simplista ajuizar da obra por parecer simpático o «programa». No entanto, convém percebê-lo: «O título é suficientemente eloquente, se pensarmos nas circunstâncias de tempo e de lugar que determinam a minha personalidade e mesmo toda uma geração, para que seja necessário pormenorizar qual foi a minha intenção íntima ao escrever uma tal obra». O mínimo que se pode dizer é que a música traduziu com vigor, e ao mesmo tempo contenção dramática, a **mensagem** implícita no título. Donde resultou, para mim, pelo menos, força e sinceridade isentas de demagogia. Foi das obras do festival mais carregadas de conteúdo humano, das raras em que a articulação de clímaxes e anti climaxes se produziu por necessidade interna do desenvolvimento das ideias musicais, das que conquistaram por mérito próprio o direito a uma **duração** exacta, incompatível com a muito cultivada composição a metro».

A obra criou-me uma expectativa a respeito da personalidade de Cristobal Halffter que não resisti a sondar numa entrevista. Em que medida é que essa expectativa foi correspondida? Deixo-o ao juízo do leitor:

ENTREVISTA COM CRISTÓBAL HALFFTER

M.V.C. Consideras-te um artista «engagé»?

C. H. **Não me considero de forma alguma um artista «engagé». Como compositor, a única coisa que pretendo, umas vezes conscientemente, outras inconscientemente, é reflectir o tempo em que me foi dado viver. Se é a isto que se chama «engagé» aceito-o, se se pode chamar qualquer outra coisa aceito-a igualmente.**

M.V.C. Será lícito afirmar, a respeito de **todas** as tuas obras, ou da **maior parte** delas, ou apenas das mais recentes, que pretendem transmitir uma **mensagem**?

C.H. **Creio que em todas as minhas obras há uma mensagem porque creio que a música é comunicação. Por vezes, esta comunicação realiza-se através de obras puramente abstractas, já que esse «abstraccionismo» é produto dum ser humano que vive e realiza a sua obra em tempo e lugar determinados, o que quer dizer que incorpora as circunstâncias de tempo e de lugar que tornam possível a**

Continua na pag nove

Silvio Gualda (percussão), e as pianistas Katia e Marielle Labèque interpretaram respectivamente **Noche pasiva del Sentido** (1969-70) e **Noche activa del Espiritu** (1972-73), com a colaboração do autor e de Jean-Étienne Marie na regência electro-acústica; ao Quarteto Parrenin coube o **Quarteto II «Memória 70»**; finalmente, a Orquestra Filarmónica da ORTF, sob a direcção de Gilbert Amy, deu em primeira audição francesa o **Requiem por la Libertad imaginada** (1971).

Refiro-me apenas às obras que pude ouvir completamente, pelas mesmas razões acima apontadas, ou seja, as **Noches** e o **Requiem**. As primeiras fazem parte de **Noche oscura de l'Alma**, ciclo em quatro partes em curso de composição, sobre textos de São João da Cruz (1542-159'), que Halffter considera «sem duvida, o mais importante poeta da língua espanhola». Trata-se dum ciclo em que o compositor procura criar uma atmosfera musical místico-contemplativa que traduza a substância dos poemas. Consegue-o duma maneira depurada, mas muito tributária de experiências semelhantes (místico-orientalistas) de Stockhausen, na **Noche activa del espiritu**. Nesta obra, o diálogo entre os dois pianos (com o timbre tradicional modificado) processa-se com extrema lentidão, eterniza-se, requinta-se em longas suspensões. Pressupõe, por parte do auditor, uma atitude de adesão quase religiosa, o que está absolutamente fora das minhas coordenadas mentais: para mim, a música tem de ser libertação autêntica e jamais religião.

A presença da voz humana na obra que precedeu esta última a **Noche pasiva del Sentido** deu-lhe um cunho diferente. Todo o material me pareceu aí rico tratado com mais imaginação. O efeito de reprodução diferida (através dum sistema de magnetofones e altifalantes) de acontecimentos sonoros acabados

INQUÉRITO

A CRISE DA ORQUESTRA GULBENKIAN

DEPÕE ÁLVARO MACHADO

A deterioração do ambiente de trabalho da Orquestra Gulbenkian, que ultimamente se tem manifestado em processos disciplinares e na saída de alguns músicos, força o inquérito. Começamos pelo caso de Álvaro Machado, que foi até há pouco tempo fagote solista «alternanti» daquela orquestra.

Em primeiro lugar procurei tomar alguns apontamentos biográficos. Disse-me Alvaro Machado:

«Pertenço a uma família de músicos. Comecei a estudar com o meu pai e o meu avô. Tinha 17 anos quando entrei no Conservatório do Porto para estudar clarinete. Entretanto, um grupo de alunos pretendia formar um quinteto de sopro e era necessário um fagote... Foi nessa altura que mudei para este instrumento. Ainda chegámos a fazer algumas audições escolares».

Depois veio a carreira profissional

«Em 1961 vagou o lugar de 1.º fagote da Orquestra Sinfónica do Porto. O maestro Silva Pereira convidou-me para substituir o antigo titular (um francês que decidira regressar ao seu país). Estive na Orquestra do Porto até 1968, data em que ingressei na Orquestra Gulbenkian».

Também por convite?

«Não. Ouvi várias vezes a Orquestra Gulbenkian no Porto e agradou-me bastante. Como eu queria vir para Lisboa, entrei em contacto com o Serviço de Música da Fundação, sondando as hipóteses do meu ingresso. Fui aceite imediatamente».

A Orquestra Gulbenkian proporcionava, naturalmente, melhores perspectivas de realização profissional. Era o que pensava Alvaro Machado:

«Tratava-se duma orquestra mais equilibrada, de nível bastante superior à do Porto...»

Mas, em que medida e que essas perspectivas foram ou não desmentidas pela prática?

«Durante os cinco anos que estive na Orquestra Gulbenkian (desde Janeiro de 1968 até há poucos dias) aprendi muito. Mas em contrapartida vim encontrar tremendas dificuldades, no plano das relações pessoais e funcionais, entre os membros da orquestra ou entre estes e o Serviço de Música da Fundação. Um dos aspectos mais graves, que cria um grande mal estar no interior da orquestra é a discriminação com que os estrangeiros são tratados relativamente aos portugueses. Aqui, quero ressalvar a atitude dos meus colegas estrangeiros que, na maior parte dos casos, são inteiramente alheios a essa política de regalias discriminatórias exercida pelo Serviço de Música. Encontram esta situação quando para cá vêm e, evidentemente, não são responsáveis por ela».

Alvaro Machado fala, concretamente, das grandes diferenças de remuneração

«Basta dizer que um instrumentista estrangeiro das primeiras estantes pode ganhar 15 (quinze) contos por mês, ao passo que eu, que ocupava na orquestra idêntica posição, nunca ganhei mais do que 11 (onze) contos. Além disso, quando a Gulbenkian organiza «tournées» com a orquestra é muito mais frequente convidar estrangeiros para solistas nos concertos do que portugueses. Isso representa um «cachet» suplementar que vem somar-se à remuneração normal. Para o Serviço de Música, os artistas portugueses, mesmo quando sejam comprovadamente melhores do que alguns estrangeiros por ela contratados, são tidos por amadores».

Dos motivos que podem levar um músico a não aceitar bolsas da Gulbenkian:

«O Serviço de Música ofereceu-me várias bolsas (quase sempre para pequenos cursos de férias com a duração de um mês) que entendi não dever aceitar. As relações de dependência que o Serviço de Música cria a quem aceita uma bolsa tornam-se extremamente onerosas, não direi no plano material, mas no plano ético. Imagine o que é um músico trabalhar onze anos na Orquestra Gulbenkian, dar o melhor do seu esforço, aceitar uma bolsa, e, mais tarde após ter sido obrigado a demitir-se por elementares razões de verticalidade artística e profissional ver, atirarem-lhe a cara os benefícios que a Fundação lhe proporcionara durante esses onze anos (em documento assinado pelo Presidente do Conselho de Administração). Refiro-me ao caso do Manuel João Afonso, que acabou por trocar a Orquestra Gulbenkian pela IBM. Será que perante a Gulbenkian os músicos portugueses não têm a dignidade de artistas profissionais, de trabalhadores? Será que para a Fundação eles não passam de uns «pobres diabos» que têm de ficar eternamente gratos pelas esmolas que lhes concedem?»

Alvaro Machado tem razão. Na verdade, a Gulbenkian, sempre que abre mão de um «benefício», pensa que faz um favor, e fica muito escandalizada quando lhe dizem que se limitou a cumprir um dever. Mas se há alguém a quem ficar grato é ao fundador, Calouste. Aos que executam a sua vontade, não há que agradecer: há que fiscalizar e há que exigir. Não fazem mais do que a sua obrigação, quando respeitam os estatutos e realizam os fins institucionais da Fundação.

Voltando à Orquestra e ao seu regime de trabalho, pus a Alvaro Machado a questão de saber se a orquestra, como entidade colectiva, tinha participação activa no seu próprio destino, se era ouvida, auscultada, tanto no plano artístico como no profissional. Eis a resposta.

«De maneira nenhuma. Chegou a haver uma comissão eleita encarregada de representar os interesses dos músicos da orquestra perante o Serviço de Música, mas tal comissão nunca conseguiu fazer valer os seus pontos de vista e acabou por se extinguir. Houve, por exemplo, uma decisão tomada por unanimidade de que o Serviço de Música fez letra morta: tratava-se da proposta de afastamento de determinado funcionário administrativo, denominado «encarregado» da orquestra, que criava (e cria) mau ambiente de trabalho. A resposta foi que a orquestra precisava dum «cão de fila» e que o referido funcionário correspondia a esta exigência».

Mas há mais

«A inexistência de estruturas, que defendam os nossos interesses de músicos profissionais, permite ao Serviço de Música as maiores arbitrariedades no próprio terreno da legislação do trabalho. Durante uma «tournée» ao Norte do país, chegámos a trabalhar onze dias seguidos, o que representa infracção a várias disposições legais: falta de descanso ao sétimo dia, ou falta de pagamento de horas extraordinárias pelo serviço ao sétimo dia, acrescido do não cumprimento da regra de um dia de descanso nos três dias subsequentes».

E de esperar que o acumular destas situações conduza ao conflito. No caso de Alvaro Machado...

«...Tudo começou quando, numa reunião da orquestra com um representante da Administração, eu intervim para reclamar um direito meu e dos meus colegas, ou melhor, quando fiz uma objecção a uma «decisão superior».

Estranhei que na Fundação fosse assim tão grave fazer objecções a actos dos administradores:

«No meu caso, pelo menos, é o que se conclui. Mas eu explico: em 1970 perante a recusa da orquestra em aceitar as condições que lhe propunham para uma digressão em África, reuniu connosco um Administrador que nos demoveu da nossa atitude, prometendo que de futuro não voltariam a repetir-se tais condições, por nós consideradas injustas».

Um parêntesis para explicar quais eram as condições:

«A Gulbenkian, durante a digressão, oferecia aos músicos «dinheiro de bolso» e nós pretendíamos «ajudas de custo». A diferença entre os dois regimes é que, no primeiro, todas as despesas de alojamento e alimentação nos eram pagas, sendo-nos distribuída além disso uma pequena importância para despesas ocasionais (logo os músicos instalados em hóteis de luxo ficariam beneficiados em relação aos outros) ao passo que, no segundo regime, todos nós tínhamos as mesmas ajudas de custo, podendo administrá-las conforme muito bem entendêssemos e tirando partido ou do alojamento e alimentação, por serem melhores, ou do dinheiro que poupássemos, quando tivessemos de nos sujeitar a piores condições. Aliás, note-se que, mesmo assim, as ajudas de custo dos músicos da orquestra são as que correspondem aos mais baixos salários pagos a funcionários da Fundação».

Fechando o parentesis, e retomando a promessa do administrador de que, futuramente, passaria a vigorar nas digressões o regime das ajudas de custo:

«Dois anos depois dessa reunião, nas vésperas de nova «tournée», voltou a pôr-se o mesmo problema e a Fundação voltou a insistir no regime antigo, que já tínhamos condenado. Fez-se nova reunião plenária e então perguntei ao representante do Serviço de Música (desta vez, não estava presente o administrador): «E a promessa do Administrador? Será que ele mentiu?» Esta pergunta é que deu origem ao processo disciplinar que me foi mandado instaurar pelo Serviço de Música. Mas havia razões de sobra para insistirmos no regime das ajudas de custo, pois ainda tinhamos bem gravados na memória os acontecimentos dramáticos que rodearam a nossa «tournée» na Sicília, onde, certo dia, pelas quatro da madrugada, e debaixo de temporal, eu e mais quatro colegas, entre as quais uma colega grávida, andámos de um lado para o outro a procurar hotel, por não podermos aceitar a «espelunca» que nos calhara na distribuição. O resultado mais lamentável foi a nossa colega ter abortado, em consequência disso, ficando retida em Itália mais uns dias, após o regresso da orquestra».

Algum tempo depois da instauração do processo disciplinar, Alvaro Machado apresentou o pedido de demissão.. Quis saber a relação que existia entre os dois factos:

«O que me levou a apresentar em dada altura o pedido de demissão não foi o processo disciplinar. Aconteceu, sim, que a partir de certo momento deixaram de ser observados os meus direitos contratuais, pois, sem o meu consentimento passaram a destinar-me na orquestra sempre a parte de 2.º fagote, quando tinha um contrato de 1.º fagote solista «alternanti». Para justificar esta alteração ao contrato, o Serviço de Música invocou o pretexto de eu ter um processo disciplinar pendente».

Em face de tudo isto, impunha-se perguntar: quem é que tem efectivamente poder sobre a orquestra? E o maestro, é o Serviço de Música, é uma pessoa dentro do Serviço de Música é um Administrador da Fundação, é o Conselho de Administração?

Resposta de Alvaro Machado:

«Tem poder sobre a orquestra a pessoa que no momento convier ao Serviço de Música. Se for o caso do maestro, é ele quem manda. Quando o maestro não convém, o Serviço de Música chama a si todas as decisões. Isto quer dizer, em última análise, que tudo na orquestra depende do Serviço de Música, ou da sua directora: toda a correspondência que tenho da Fundação relativa a problemas da orquestra vem assinada pela directora do Serviço de Música. Até se diz que o Serviço de Música é o único dentro da Fundação em que as remunerações e os aumentos de vencimentos dos funcionários são arbitrariamente decididos pela directora».

Seguidamente pus à consideração de Alvaro Machado duas hipoteses: enquanto músico, teria sentido que a Fundação se comportava em relação a ele como entidade mecenática, cujo papel, estatuariamente definido é fomentar a cultura, proporcionar as melhores condições possíveis aos artistas, - dar-lhes um estímulo efectivo (1.ª hipotese), ou como entidade empresarial, de tipo lucrativo, com o estilo de actuação típico de quem estabelece uma relação de antagonismo com os musicos que para ela trabalham (2.ª hipotese)? O fim da pergunta era tirar uma conclusão do exposto.

«Isso é o que se chama pôr o dedo na ferida. Porque é efectivamente na segunda alternativa que se enquadra o estilo de actuação da Gulbenkian relativamente aos seus músicos, e até, duma maneira geral, relativamente aos músicos (portugueses) que não estão funcionalmente ligados à Fundação. Sei que há empresas privadas de carácter lucrativo onde as relações de trabalho decorrem num clima muito mais saudável e confiante do que o criado no âmbito das relações entre a Gulbenkian que é uma Fundação! e os seus músicos».

Assim terminou o meu breve encontro com Alvaro Machado, artista que ocupa agora uma das estantes de fagote da Orquestra Sinfonica da Emissora Nacional. O inquérito prosseguirá.

ENTREVISTA CONDUZIDA POR MÁRIO VIEIRA DE CARVALHO

«JAMBON EN CROUTE»
SERÁ O QUE HOJE O
RESTAURANTE CHEZANNE
LHE PODERÁ GOSTOSAMENTE
SERVIR
R. Barata Salgueiro, 28, Telef. 56 36 47
GALERIAS AGORA

O ALENTEJO

COMPANHIA DE SEGUROS

AVISO

AO PÚBLICO

VIMOS PELO PRESENTE INFORMAR TODOS OS NOSSOS AMIGOS E CLIENTES QUE, A PARTIR DO PRÓXIMO DIA 1 DE JUNHO OS NÚMEROS DOS TELEFONES DESTA COMPANHIA, 30303 A 30307, SERÃO ALTERADOS.

A NUMERAÇÃO PASSARÁ A SER 360303 A 360307, NÚMEROS CONSTANTES DA NOVA LISTA DE ASSINATURAS A VIGORAR DESDE AQUELA DATA.

ÚLTIMAS EDIÇÕES

BANDEIRANTES E PIONEIROS
(Paralelo entre duas Culturas)
Vianna Moog

Uma obra corajosamente polémica que estuda as diferenças fundamentais entre a civilização brasileira e a norte-americana. Uma obra relevante que interessa tanto a brasileiros como a portugueses.

Colecção «LIVROS DO BRASIL»
Preço: 75$00

O CASO DA BONECA MALICIOSA
Erle Stanley Gardner

As excepcionais qualidades de argúcia e penetração, colocam-nos diante de um romance policial de alto nível em que o «suspense» e o imprevisto acompanham o leitor da primeira à última página.

Colecção «Vampiro»—Livro de bolso—Preço: 15$00

À VENDA NAS LIVRARIAS
E TABACARIAS
edições
LIVROS DO BRASIL
Rua dos Caetanos, 22 — LISBOA
Rua de Ceuta, 80 — PORTO

motor revista

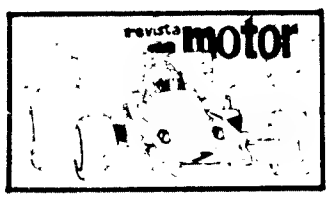
I Ciclo do Teatro Espanhol

Alguns dos maiores nomes da cena do país vizinho estarão presentes em Lisboa, durante o I Ciclo do Teatro Espanhol, que decorrerá a partir de 6 de Junho. O ciclo, que constitui o início da concretização, por parte de Vasco Morgado, da ideia de trazer até nos, todos os anos, o que de melhor se representa em palcos espanhois, abrirá com a companhia do Teatro Nacional Maria Guerrero. Esta apresentara, nos dias 6 e 7 do próximo mês, no Teatro Monumental, a peça «Misericórdia», de Benito Perez Galdós, em adaptação de Alfredo Mañas Navascues.

Desnecessário se torna sublinhar o interesse cultural desta iniciativa que prosseguirá nos dias 4 e 5 com El Anuncio de Nathalia Gainsborough, pela companhia de Aurora Bauptista, 27 e 28, com Manzanas para Eva, peça baseada em contos de Tchekov, pela companhia de Maria José Goyannes, e em 2 e 3 de Julho, com Mirandolina», de Goldoni, pela companhia de Nuria Torray. Esta última peça foi transformada pelo encenador num impressionante festejo popular, com bailes e muitas canções, pertencendo a versão e a direcção a Juan Guerrero Zamora.

Estão previstas mais duas companhias, a designar oportunamente, podendo acrescentar-se desde já que uma delas deverá apresentar o espectáculo «Queijo», que de momento se exibe no Teatro das Nações em Paris, com enorme sucesso.

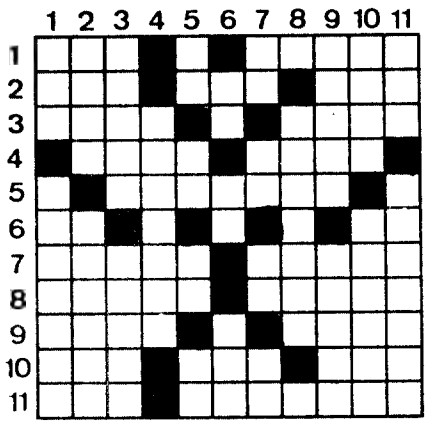
ÚLTIMOS DIAS
HOJE, às 21,45
e só até Domingo
«Os Bonecreiros»
representam
«A COMÉDIA MOSCHETA»
B. V. Libonenses — Rua Camilo Castelo Branco
Grupo D



PASSATEMPO CRUCIGRAMA

COM PROVÉRBIO

PROBLEMA N.º 10443



HORIZONTAIS:

1 Nome de jogo. Vila e sede de concelho (Lisboa)
2 Suspiros. Preposição. Gritos aflitivos.
3 Murmure (fig.). Homem de baixa estatura.
4 Senhoras. Prende-m.
5 Afastar.
6 Contracção da preposição de com artigo definido. Rio de Itália.
7 Ave do Perú. Rua da Etiópia. Amparar.
8 Antiga língua das Gálias, pertencente ao ramo celtico. Acrescentara.
9 Branca. Grande afecção.
10 Rio de Portugal. Pronome pessoal oblíquo. Enquanto. Dois ampros.
11 Pechos (as asas para descer mais depressa (inv.º). Dois ampros.

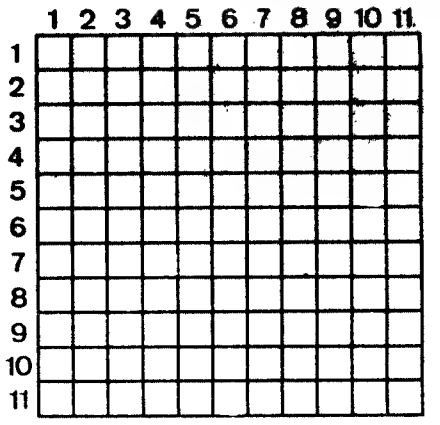
VERTICIAS

1 Oxido de cálcio. Golpe de adaga.
2 Braços de mar. Sacudi.
3 Género de moluscos acefalos comestiveis. Puros.
4 Região da Italia antiga, colonizada pelos gregos.
5 Artigo definido. Saudavel. O sono das crianças. Platina (s. q. inv.).
6 Pronome pessoal. Mulher criminosa. Vai para fora.
7 Dois mil em romano. Atomo. Falsa Nota musical.
8 Artigo definido. Carregada.
9 Murchar. Aperfeiçoa.
10 Zombem. Camarinha de orvalho.
11 Guarneço de asas. Habitaram.

Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO ne e inscrito.

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 6660



HORIZONTAIS:

1 Argila. Coxo.
2 Planta umbelifera. Verdadeiro.
3 Freguesia do concelho de Penafiel. Um dos pontos cardeais. Mil e quatro em romano.
4 Letra grega. Dais pios. Nesse lugar.
5 Página. Oceano.
6 Ratara. Inunda.
7 Ilha do estado da Baía. Governante.
8 Grande Patria. Espécie de mata.
9 Satélite de Jupiter. Ramagens. Atmosfera.
10 Cidade de Espanha.
11 Jogo dianteiro das carretas de artilharia. Simplório.

VERTICAIS:

1 Untar. Canastra.
2 Homem de baixa estatura. Metal precioso de cor amarela.
3 Troças. Célebre residência real construída num dos píncaros da serra de Sintra. Samário (s. q.).
4 Reis. Um dos estados do Brasil. Mãe de Rómulo e Remo.
5 Persiga. Tanque de jardim.
6 Pronome possessivo. Mamifero ruminante da família dos Cérvidas.
7 Cidade do Peru. Nome de homem.
8 Aparência. Divisão de uma casa. Pecho as asas para descer mais depressa.
9 Conjunção. Ramalhete. Vinho espumoso francês.
10 Rio de Portugal. Louva.
11 Esquece. Fimbria.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 10442

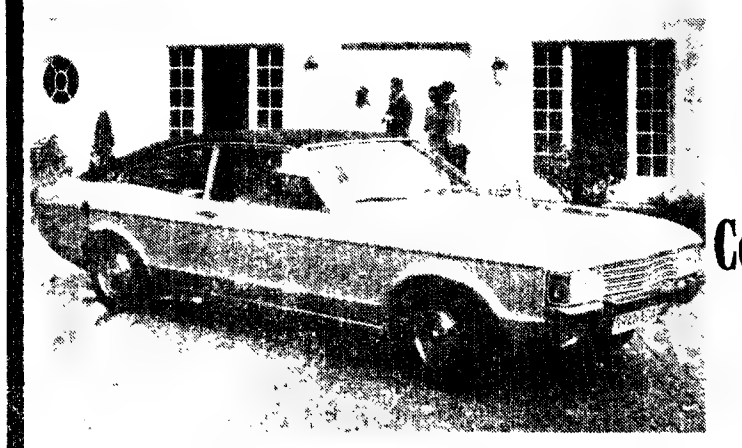
HORIZONTAIS:	VERTICAIS:
1 Apartam. Par	1 Aldeia. Rama
2 Ligac. Opilo	2 Piela. Meças
3 DEUS. Asaram	3 Acua. Samara
4 Ela. CASTIGA	4 Ras. Cecina
5 Ia. Seara	5 To. Marota
6 SEM. CCI	6 Aas. PAU
7 Maçapao. Pi	7 Mossegar. Tu
8 Remirar. Me	8 Palaco. NEM
9 Açanou. Nada	9 Pira. Maré
10 Marat. Terra	10 Alaga. PEDRA
11 Asa. Acolmear	11 Roma. AT. Aar

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 6599

HORIZONTAIS:	VERTICAIS.
1 Itaca. Carta	1 Impia. Virar
2 Mi. Adoro. Um	2 Tirar. Oo. Ta
3 Pre. Alo. Ara	3 Etica. Mui
4 Iate. Temi	4 Ca. Ema. Bara
5 Arimo. Coras	5 Ada. Puras
6 Ca. Mi	6 Oie. Sa
7 Voa. Pas. Ala	7 Cro. Seiem
8 To. Bolem. Ar	8 Ao. Tom. Mima
9 Mar. La	9 Aerea. Apo
10 Atira. Empara	10 Turma. La. Am
11 Baias. Maome	11 Amais. Arame

Proverbio: DEUS CASTIGA SEM PAU NEM PEDRA.

FORD—GRANADA



1.º PRÉMIO NA CLASSE
no
Concurso Elegância e Conforto
Automóvel no Estoril

EM EXPOSIÇÃO NA

AUTO RALI, S. A. R. L.

AV. ALMIRANTE REIS, 130-A

NOVIDADE

JACQUES SADOUL
O OURO DOS ALQUIMISTAS

A TEORIA E PRÁTICA DA ALQUIMIA NUM ESTUDO COMPLETO E CLARO

Ideias e palavras antigos. Elixir da Longa Vida, Pedra Filosofal, Transmutação dos Metais em Ouro — cujo fascínio nunca se perdeu e renasce violentamente na nossa era tecnológica.
A presença dos nomes de Van Helmont, Helvetius, Spinoza, ligados à Grande Obra. Um volume de 440 págs. ilustrado - 95$00

*

JÁ PUBLICADOS:

HISTÓRIA DA ASTROLOGIA
por
Serge Hutin

O dossier completo desta Actividade Milenária. A análise das relações entre a Astrologia, a Religião e a Ciência.
Um volume de 230 págs. ilustrado - 65$00

*

OS EXTRATERRESTRES NA HISTÓRIA
por
Jacques Bergier

Nesta obra Jacques Bergier demonstra que numerosos factos incontroversos e aparentemente misteriosos são os sinais da passagem de seres extraterrestres e de suas acções entre nós.

Volume de 230 págs. - 60$00

À VENDA NAS LIVRARIAS

Pedidos a:

EDIÇÕES 70

Av. Duque de Ávila, 69, 1.º, E.
LISBOA

O FESTIVAL DE ROYAN

Continuação da pág. seis

existência não somente da obra mas do próprio artista. Mas talvez ultimamente essa mensagem se tenha tornado mais clara, ou mais evidente devido aos títulos ou ao conteúdo de alguns dos textos. No entanto, sempre pretendi que a minha obra tivesse um carácter comunicativo para o público a quem é dirigida.

M.V.C. — Pensas que uma obra como o **Requiem pela Liberdade imaginada** pode ser compreendida e assimilada por qualquer público?

C.H. — **Estou convencido de que a minha obra pode ser compreendida e assimilada por qualquer público.** O Requiem por la Libertad imaginada **é uma obra perante a qual se deve pôr de parte toda e qualquer espécie de preconceitos, e então creio que poderá ser perfeitamente entendida. Claro que todo aquele que pretender encontrar nela um tema beethoveniano ou uma melodia de Puccini está completamente equivocado e nada pode compreender nem desta nem de qualquer outra obra escrita por um compositor que viva plenamente o nosso tempo.**

M.V.C. — Quais são os factores que em Espanha te impedem, neste momento, de exercer integralmente o «métier» de compositor, de assumir na plenitude a função social de artista-criador?

C.H. — **Penso que em Espanha o único factor que impede realmente o assumir a função social de artista-criador na sua plenitude é o de se tratar dum país culturalmente subdesenvolvido. Quando em Espanha pudermos contar com uma determinada quantidade de teatros de ópera e de salas de concertos, de orquestras, enfim, quando surgir uma vida cultural realmente importante, estou certo de que o artista-criador poderá realizar-se muito mais integralmente. Por agora estamos apenas a caminho...**

M.V.C. — Achas que as tuas posições estéticas e ideológicas são partilhadas hoje em dia por outros compositores espanhóis?

C.H. — **Creio que há vários compositores espanhois que pensam a realizam a sua obra dentro de coordenadas estético-culturais semelhantes às minhas. De qualquer modo, penso que a Espanha é um país eminentemente individualista. Só muito dificilmente podemos falar duma escola e muito menos de obras que sejam realizadas segundo sistemas idênticos. Hão-de ser sempre obras criadas por compositores eminentemente individualistas, que imprimem à sua música características muito pessoais e a tornam enormemente sua. Sempre foi uma características do nosso país sermos individuos, com maior ou menor valor, mas sempre pessoas únicas que é muito raro repetirem-se através de toda a nossa cultura. Suponho que acontece algo de parecido também em Portugal, com o qual estamos muito mais aparentados do que se pensa.**

NOTÍCIA BREVE

Dentro de pouco mais de um mês, Cristóbal Halffter dirigirá em Lisboa a Orquestra Nacional de Espanha e o Coro da Escola Superior de Canto de Madrid, na sua **Cantata dos Direitos Humanos**. O tema é tão oportuno em Espanha como em Portugal. Assim o entendeu, pelo menos, a Fundação Gulbenkian, a quem se deve a organização do concerto.

MÁRIO VIEIRA DE CARVALHO

"ENTREVISTA COM O IMAGINÁRIO"

Continuação da página dois

piedade» (sic) tendo «cerca de 47 anos, com uma família sem vintém, dois filhos menores» (sic); será isto uma tradução neo-realista de certos textos do Luís Pacheco?); etc...

Porém, não é A. F. o único responsável por estes choradinhos, estes academismos, este ele representa. É a classe que se serve das palavras para o exercício do poder. É a ideologia que se define ou se mostra como a-científica, a-crítica e a-história. A ideologia que se lê, que se contempla, que se mitifica, que permanece e segue essa permanência. Que quando se torna necessário substitui o mito da coerência pela coerência do mito (16) e usa a força e a violência (17).

A. F. não interessa a não ser como exemplo: como produto acabado da incoerência, da falta de lucidez, do narcisismo soquista, da ideologia que o sustenta e lhe é suporte e da plêiade de intelectuais burgueses de que ele é a caricatura.

Diz Vaneigem (18): «Duma maneira geral, o combate pela linguagem é o combate pela liberdade de viver. Pela mudança de perspectiva. Nele se afrontam os factos metafísicos e a realidade dos factos; quero dizer: os factos enquadrados de maneira estática num sistema de interpretação do mundo e os factos enquadrados no seu devir, na **práxis** que os transforma».

É esse o combate que se trava, nomeadamente no domínio da linguagem. E A. F. pertence á primeira categoria mencionada. A luta pela linguagem faz parte da luta pelo poder. Que a linguarejadores como A. F. se limite o poder das palavras. Se defina o que, de facto, dizem e querem dizer. E que surja a linguagem libertada.

Notas

(1) Os textos citados entre aspas sem outra menção são extraídos da referida «Entrevista...» e são da autoria de Alberto Ferreira.
(2) A Velhice do Padre Eterno, Lello e Irmãos Editores, 1967, pág. XIX.
(3) Os sublinhados são nossos.
(4) Rodolfo Mondolfo, O pensamento antigo, vol. I, Editora Mestre Jou, São Paulo, 1966, págs. 17, 19 e 22.
(5) Nicola Abbagnano, História da Filosofia, vol. I, trad. A. B. Coelho, F. Sousa e M. Patrício, Editorial Presença, Lisboa, 1969, pág. 25
(6) Hélade, antologia da cultura grega, organizada e traduzida do original por Maria Helena da Rocha Pereira, Coimbra, 1963, pág. 98.
(7) Estudos de História da Cultura Clássica, vol. I, Fundação Calouste Gulbenkian, 2.ª ed., 1967, pág. 198.
(8) Mondolfo, op. cit., págs. 18 e 20.
(9) Wilhelm Windelband, Panorama do Pensamento Filosófico, dirigido por V. de Magalhães Vilhena, Edições Cosmos, Lisboa, 1958, II vol., pág. 125 — trad. act. por V. de M. V.
(10) Moondolfo, op. cit., citando Simplício, pág. 39.
(11) **Les Penseurs Grecs avant Socrates, traduction, introductions et notes par Jean Voilquin, Garnier Flammarion, 1964, pág. 49.**
(12) **Werner Jaeger, PAIDEIA, trad. bandré et Simmone Devyver, Ed. Gallimard, 1964, pág. 197.**
(13) Abbagnano, op. cit. págs. 40-41.
(15) **M. H. de Rocha Pereira, op. cit. pág. 200.**
(14) Abbagnano, op. cit. págs. 46 e 47-8.

(16) **Raoul Vaneigem, Traité de savoir-vivre à l'usage des jeunes générations, Gallimard, 1967, págs. 126 a 129.**
(17) **É conveniente, citar, aqui o brihante, o magnífico, o heróico hábito que certos escritores e intelectuais burgueses têm de agredir fisicamente, quem por palavras poê em risco o seu exercício de poder — por intermédio das mesmas palavras. Afinal não estão tão longe como pretendem de certos métodos policiais, o que vem reforçar a análise de Vaneigem acima citada.**
(18) Op. cit. pág. 104.

Tem menos de 21 anos?

Por cerca de 2000$00 percorra a Europa de comboio com o cartão

INTER RAIL

Peça informações nas estações.

CP 10A 73

Caminhos de Ferro Portugueses

SENSACIONAL...

Encoradora	1000$00
Secadores Cabelo	140$00
Aspiradores	1200$00
Frigorífficos Mol	1790$00
Panelas Pressão	290$00
Máq. de Lavar Automáticas	4500$00
Sofás Camas	1800$00

Mercado de Electrodomésticos

ESTRADA DE BENFICA, 705

LIVROS RECEBIDOS

EDIÇÕES DE AUTOR

INCONVENCIONAL
Ernesto José Rodrigues

EDITORA ARCÁDIA

O VILÃO
Eugène le Roy
Tradução de Maria Clarinda Bras
Colecção Encontro Especial — n.º 5

EDITORIAL ESTÚDIOS COR

CONFUCIO
Daniel Leslie
Tradução de J. Simões
Colecção Filósofos de Todos os Tempos — n.º 9

OS TEMPLARIOS ESTÃO ENTRE NOS
Gérard de Sède
Tradução de Maria Rosalina Ramalho
Colecção Mitos — n.º 2

EDITORIAL FUTURA

MULHER-MACUMBA
Miguel Barbosa

EDITORIAL INOVA

LEGENDA DO CIDADÃO MIGUEL LINO
Miguel Franco
Colecção Teatro para as Quatro Estações — n.º

ANTOLOGIA DE PABLO NERUDA
Selecção e tradução de José Bento
Colecção As Mãos e os Frutos — n.º 10

EDITORIAL VERBO

A REVOLUÇÃO CIENTÍFICA NOS SECULOS XVI E XVII
Alan G.R. Smith
Tradução de António Gonçalves Matoso
Colecção História Ilustrada da Europa

15 AVENTURAS DE MOSQUETEIROS
Vários
Tradução de Feijóo Teixeira
Ilustrações de José Antunes
Colecção Série 15 — n.º 22

15 AVENTURAS HISTORICAS
Vários
Tradução de Artur Parreira
Ilustrações de Georges Pichard e de José Antunes
Colecção Série 15 — n.º 21

O PEQUENO REI
Dick Bruna
Versão portuguesa de Maria Isabel de Mendonça Soares
Colecção Malmequer — n.º 19

A MAÇÃ
Dick Bruna
Versão portuguesa de António Manuel Couto Viana
Colecção Malmequer — n.º 20

O AVIÃO
Dick Bruna
Versão portuguesa de António Manuel Couto Viana
ColecçãohMalmequer — n.º 2

LELLO E IRMÃO

OS LUSÍADAS
Luís de Camões
Prefácio e revisão de Manuel Lopes de Almeida
Ilustrações de Gouvêa Portuense
Edição comemorativa do IV Centenário da publicação de «Os Lusíadas»

LIVRARIA PORTUGAL

PROMONTORIO AGRESTE
Francisco Costa

PRELO EDITORA

OS PUTOS
Altino M. do Tojal
Prefácio de Urbano Tavares Rodrigues
Colecção Autores Portugueses

PUBLICAÇÕES DOM QUIXOTE

UMA ABELHA NA CHUVA — 6.ª edição
Carlos de Oliveira

A SOCIEDADE DE CONSUMO
Vários
Colecção Novos Cadernos D. Quixote — n.º 7

A MÃE E O DESPERTAR SEXUAL DO FILHO
Françoise Bénazet-Marty
Tradução de António Pescada
Colecção Conhecer a Criança — n.º 4

CONCURSOS PARA ADMISSÃO DE MÉDICOS DOS QUADROS CLÍNICOS DAS INSTITUIÇÕES DE PREVIDÊNCIA

Estão abertos de 1 a 20 de Junho de 1973 concursos documentais de habilitação para médicos dos quadros das instituições de previdência nos serviços, postos clínicos e caixas de previdência abaixo indicadas:

Caixas de Previdência	Postos Clínicos	Serviços
Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Bragança Praça Dr. Cavaleiro Ferreira BRAGANÇA	Área do Distrito de Bragança	Cardiologia
	Rebordainhos	Clínica Médica
	Murçós	Clínica Médica
Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Coimbra Av. Fernão de Magalhães, 620 COIMBRA	Área da cidade de Coimbra	Oftalmologia
Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Évora Rua Chafariz de El-Rei ÉVORA	Évora	Clínica Médica Otorrinolaringologia
	Estremoz	Clínica Médica
Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Faro Rua Infante D. Henrique, 34 - 1.º FARO	Loulé	Clínica Médica
	Tavira	Estomatologia Clínica Médica
	Portimão	Obstetrícia
	Silves	Clínica Médica
Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito da Guarda Palácio das Corporações GUARDA	Pinhel	Clínica Médica
Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Leiria Av. Heróis de Angola LEIRIA	Caldas da Rainha	Alergologia
	Nazaré	Clínica Médica
Caixa de Previdência e Abono de Família e dos Serviços Médico-Sociais do Distrito de Lisboa Av. Estados Unidos da América, 39 LISBOA	Área da cidade de Lisboa	Dermatovenereologia Oftalmologia Urologia
	Alverca	Clínica Médica
	Cascais	Clínica Médica
Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Ponta Delgada Praça Gonçalo Velho, 8 PONTA DELGADA	Ponta Delgada	Clínica Médica Cardiologia Dermatovenereologia Estomatologia Ginecologia Oftalmologia Obstetrícia Otorrinolaringologia Pediatria
Caixa de Previdência e Abono de Família e dos Serviços Médico-Sociais do Distrito do Porto Rua das Doze Casas, 143 PORTO	Área da cidade do Porto	Neurologia Ortopedia Oftalmologia
	Paredes	Clínica Médica
	Caldas de Saúde	Clínica Médica
Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Santarém Largo do Milagre, 49 SANTARÉM	Rio Maior	Clínica Médica
	Vale de Santarém	Clínica Médica
	Benavente	Urologia
Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Viseu Av. 28 de Maio, 31 VISEU	Oliveira de Frades	Estomatologia
Caixa de Previdência do Pessoal da Companhia União Fabril e Empresas Associadas Av. D. Francisco Manuel de Melo LISBOA	Barreiro	Otorrinolaringologia
Caixa de Previdência do Pessoal da Indústria de Lanifícios Av. João Crisóstomo, 67 LISBOA	Portalegre	Clínica Médica

As condições de admissão encontram-se patentes naqueles postos, caixas de previdência interessadas e na Federação das Caixas de Previdência e Abono de Família.

A documentação deverá ser entregue até às 18 horas do dia 20 de Junho de 1973 na Inspecção Médica da Federação, na Avenida dos Estados Unidos da América, n.º 37, 5.º Esq.º, Lisboa, ou na respectiva caixa de previdência a que o concurso diga respeito.

O provimento nos lugares é da competência das respectivas caixas de previdência de acordo com a posição dos candidatos após a sua classificação no concurso documental de habilitação.

Lisboa, 31 de Maio de 1973

A DIRECÇÃO DA FEDERAÇÃO DAS CAIXAS DE PREVIDÊNCIA E ABONO DE FAMÍLIA

O GRITO DA CORUJA

«Une bourrasque de novembre siffle aux joints de l' oeil-de-boeuf de la salle de bains, dont les vitres en quart-de-rond, embuées à gros grains, sont aussi opaques que du verre cathédrale».

Tais são as primeiras linhas do último romance de Hervé Bazin, o Brasse-Bouillon da literatura francesa, de regresso aos lugares da sua infância (mas não ao seu universo, completamente transformado em vinte e cinco anos de existência) e à galeria familiar (dispersa) de **Vipère au poing** (1948), seu primeiro romance: calvário sentimental de uma criança odiada, **souffre-douleur** de uma mãe-madrasta (Folcoche).

Grosso modo, o **Cri de la chouette** (1) é o romance da morte de Folcoche-a-coruja, **má como facadas**, coração empedernido e frio antes da hora derradeira: a do esfriamento natural da ave de rapina prestes a ser empalhada pelos olhos secos de Brasse-Bouillon, homem e escritor célebre que soubera reproduzir, com uma veracidade atroz, todos os requintes da malvadez de Folcoche. Nas linhas de uma sensibilidade (ferida) idêntica ao gume (afiado) da sua prosa (brilhante), instrumento de definição da pequena burguesia provincial através de um retrato de mulher-coruja, nocturna e repugnante: Folcoche, sua mãe, dois olhos verde-sujo acesos de rancor pelo seu filho Jean, Brasse-Bouillon: tambor da festa do ódio, bode expiatório, o costas largas da insatisfação materna.

Casado, viúvo, casado novamente, Jean Rezeau Brasse-Bouillon desertara a tribo e o domínio familiares, **La Belle Angerie** e os seus espectros vivos. Desforrara-se do desprezo uterino através dos seus sucessos literários, instalara-se na vida em **La mort du petit cheval** (2). Até hoje, dia do desesperado **Cri de la chouette:** regresso da mãe-coruja, voo da ave de rapina sobre o filho detestado desde as entralhas, desiludida pelo seu preferido, Marcel, que a traíra e despojara e presidia agora, alheio aos seus apelos, aos destinos de uma empresa predial **«Je vends de la surface, lui du volume»**, diz Marcel a propósito de Jean Rezeau, seu irmão).

O regresso de Folcoche é um regresso de **paz**, de promessa de paz. Lembrado dos fantasmas que povoaram a sua infância sem amor nem ternura, Jean hesita. Mas, instado pelos filhos e pela mulher, Bertille, acaba por aquiescer à proposta de sua mãe, a viúva Rezeau, céptico embora quanto à sinceridade de reconversão da **Coruja**, e sobre o princípio de uma reconciliação entre Brasse-Bouillon e Folcoche. Suspeita que se confirma. **Madame Mère** continua fiel a si mesma, apesar da idade e da sua súbita **afeição** por Salomé, filha de Bertille. Por ódio de Jean. Víbora até ao fim, Folcoche perder-se-á nos meandros do seu fingido amor por Salomé, que se servirá das suas larguezas para fugir na companhia de Gonzague, seu amante. Ferida no seu amor-próprio (o único que conhecera durante a vida toda), Madame Rezeau parte no rasto de Salomé. Parte para regressar pouco depois, vítima de uma embolia, e morrer junto do filho que nunca pudera amar: Jean Rezeau, Brasse-Bouillon, Hervé Bazin...

Amarga morte: **«Il se pourrait qu'à mes obsèques certains aient les joues humides, s'il pleut»**. Tal é o grito da coruja consciente do deserto sentimental que abrira à sua volta. Discreta e tardia confissão. Não, **«il n'avait pas plu»**.

Os numerosos admiradores de Hervé Bazin encontrarão neste seu romance talvez o melhor da sua prosa acerada, inteligente combinação do humor feroz (rude) que lhe é peculiar e da poesia, do pitoresco e de uma certa nostalgia da tragédia humana: a que viveu e sofreu no seu corpo de criança sem defesa e sem amor e haveria de fazer dele (ó ironia da dor!) um dos mais seguros romancistas franceses da sua geração.

O cri de la chouette é o romance da provocação pelo ódio, da tirania senil, já quase impotente, inventando novas armas de destruição e de domínio. Até ao sacrifício (irremediável) de Salomé e à sua desesperada perseguição. Até à sua queda na rua, empurrada (involuntariamente) pela mão de um garoto que nos aparece como uma «ressurreição» de Brasse-Bouillon vingando-se de uma infância sem carinho, dominada pela injustiça e os rancores de Folcoche: monstro sagrado do «reino familiar», presença omnipotente de um livro que é, na literatura francesa, o mais lúcido exemplo do desprendimento de um filho na descrição dos últimos momentos da sua procriadora. Com a fria análise de um autor-herói totalmente imparcial, mastigando tranquilamente a sua ração de sanduiches durante a agonia de sua mãe. Porque **«les enterrements secs ont quelque chose d'odieux»**, como o pretende Hervé Bazin? Ou apenas porque nada une estes dois seres desde o corte do cordão umbilical?...

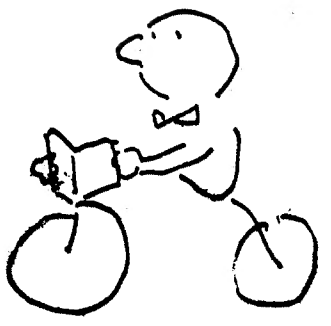
«Folcoche... va crever», murmura a **Velha, a Coruja, Madame Mãe, Madame Rezeau, Madame.** E não **Mamã**, ela que jamais o chamara pelo seu nome, Jean, ou simplesmente **filho, meu filho...** No leito de morte, assistida pelo **plumitif**, que ela nunca fora capaz de amar. O **plumitif** que escreve: **«Enfin gargouille un petit flux: d'air, le va-et-vient se rétablit, les côtes se soulèvent pour haléner encore. Une fois, deux fois... La troisième est comme suspense, indécise, durant quelques secondes; puis dans un léger bruit de fuite, la poitrine s'affaisse, lâche doucement ce demi-litre d'air qui ne sera pas remplacé. Le menton en galoche est tout à fait tombé, les yeux verts sont éteints sous la fente des paupières...» Folcoche n'est plus.** O autor levanta-se, fala enfim a esta mãe que nunca o foi. Para lhe agradecer a vida que ela teria preferido nunca lhe ter dado. **«Nous ne nous sommes pas aimés, ma mère, mais j'étais là pour votre dernier soupir, comme vous le fûtes pour mon premier».**

Folcoche enterrada (para sempre), Hervé Bazin volta às suas preocupações maiores: a calvície (que ele esconde debaixo de um capachinho), e a sua perpétua «invenção do trabalho e da família» sobre a brancura do papel e dos lençóis.

ALCIDES DE CAMPOS

1 e 2) Edições Grasset-Paris (como aliás todas as obras do autor).

ACHADO



Nas «FICHAS NA MESA», do suplemento da semana passada, podia ler-se:

«2,4: (Reciclagem visual). Falei há duas semanas, numa ficha (1,4), da reciclagem dos críticos literários. A um leitor que me perguntou o que significa a reciclagem do crítico, respondo com um desenho, rogando ao João Abel Manta que não olhe:»

Podia ler-se, sim, mas ver, nícles. O desenho evaporou-se. O que se passou? A gravura fugiu, também para reciclagem? O ciclista foi-se da página para paragens mais tranquilas? Um amigo insinuou até que, como sou humorista, não existiu efectivamente nenhum desenho . Finalmente, o pobre pequeno foi encontrado na tipografia e ei-lo aqui, na sua nudez mal disfarçada,.

Em resumo, a reciclagem dos críticos é isto, caro leitor:

E até para a semana, com «FICHAS NA MESA», sem desenho, prometo.

JORGE LISTOPAD

CINEMA

A ACÇÃO QUE NÃO (COM)PENSA

Título: LABIRINTO INFERNAL («La mort dans ce jardin»). Realização: Luís Buñuel. Intérpretes: Simone Signoret, Charles Vanel, George Marschall, Michel Picolli. Reposição no Alvalade.
Título: CAI A NOITE SOBRE A CIDADE («Un flic»). Realização: Jean-Pierre Melville. Intérpretes: Alain Delon, Richard Crenna, Catherine Deneuve, Jean Desailly. Estreia no Berna em 27 de Abril de 1973.
Título: NOITE SEM FIM («Endless Night»). Realização: Sidney gilliat. Intérpretes: Hayley Mills, Hywel Bennet, Blitt Ekland, George Sanders. Estreia no Império em 25 de Maio de 1973.

Indiscutivelmente, os filmes importantes não são estes, mas um Godard já um pouco antigo, **Masculin-Féminin**, e um Buñuel recentíssimo, **O charme discreto da burguesia**, recente e admirável. Sobre qualquer deles falarei apenas quando os tiver visto e revisto o suficiente para estar em condições de supor dominar a multiplicidade de propostas que eles nos lançam.

Entretanto, refiro o Buñuel dos anos 50 que entre nós figurou durante muito tempo como o único Buñuel ao alcance: **Labirinto Infernal**. Para dizer, sem demasiados rodeios, que, reconhecendo as suas qualidades e a sua inteligência, sendo mesmo muito sensível à rede calculada das suas transgressões em relação ao filme dito de acção __ me sinto um pouco desiludido com esta obra mais em recuo do que em assalto, mais «negativa» do que «positiva», mais engenhosa do que intensa. A primeira característica de **Labirinto Infernal** é o ser dois filmes articulados em torno de uma quebra subtil que nos conduz da acção como realidade com efeito político à acção como experiência nua de sobrevivência e aproximação metafísica do delírio. Buñuel conta-nos uma história que resulta da combinação-justaposição de ingredientes em bruto, sejam eles o «social», o «sentimental», a «aventura», ou a própria «loucura-à-Buñuel». Poderia aqui funcionar, e de quando em quando funciona, aquele mecanismo que nos enleia no percurso de um **Johnny Guittar** pelo contacto com o melodrama no seu tom desmedido e na sua eloquência ostensiva e selvagem. Mas não creio, ou, pelo menos, não o soube apreender.

O que fica? A experiência sugestiva de um filme de acção em estado puro, em que os episódios se sucedem segundo uma aparente arbitrariedade, e em que os móbiles dessa acção vão sendo progressivamente abandonados, numa depuração que nos conduz ao limiar de um certo absoluto, onde o agir é apenas a expressão instintiva da sobrevivência. O filme vai-se desperdiçando a si mesmo, num abandono premeditado que nos leva a esquecer razões em benefício de seguir acções. E esse é talvez o polo delirante para que todo o filme de acção tende: ir-se esvaziando pouco a pouco até ficar somente, não já uma acção que significa um determinado desenvolvimento de meios e fins, mas uma acção que se auto-significa, que se torna fim em si mesma, desagregando-se de uma qualquer outra lógica que a abranja e envolva. O que resta é muitíssimo simples e primário: o instinto de quem se joga a cada momento, e no seu jogo joga sempre tudo por tudo. O que esfacela, e Buñuel o mostra, a hipotética coerência psicológica de que as personagens costumam viver, para as reduzir a gesticulações animais que rasam o nível elementar da necessidade, e apenas. Nesta descida até ao **essencial**, ou seja, nesta procura de uma base **materialista** na compreensão do homem, apreende-se depois o outro lado, a face inacessível, a terra desabitada, que o homem também em si transporta: e é o padre contando (para quem?) a sua demente história de ovos, reduzido a uma febril e convulsiva explosão de palavras soltas.

Com Melville, o que se pretende é incomparavelmente menos: é um cinema de superfície, em que as personagens se cruzam sobre a frieza metálica das cidades para realizarem actos cujos motivos quase sempre nos interessam pouco. Não há para Melville a preocupação de construir uma intriga policial **logicamente** fundamentada. Nem qualquer coisa que encontre suporte na psicologia, como sucede com **Noite sem fim**. Pelo contrário, obceca-o apenas uma acção que se deixa ver, e produzir deste modo dois efeitos: por um lado, a impressão que nos fica de ver uma acção bem praticada, uma exemplar **performance**, um trabalho profissional (seja ao nível do que se conta, seja no nível do próprio contar); por outro, o sentimento muito muito agreste de uma solidão intransponível. Com **Cai a noite sobre a cidade**, Melville faz o filme que sabe fazer. E não vemos aqui a geometria e a ascese de obras anteriores. Com um argumento penosamente elaborado, o nosso autor não consegue ultrapassar o plano de uma certa execução cuidadosa.

Quanto a **Noite sem fim**, estamos talvez perante um cinema-de-consumo exemplar: nada se visa neste filme para além de provocar curiosidade, medo, gosto de pensar; mas tudo o que se visa se consegue, e nós ultrapassamos fragilidades que a arquitectura psicanalítica do filme suscita para nos prendermos a uma obra bem construída e bem narrada. Não é propriamente o filme policial clássico, com um crime e a sua descoberta. É sobretudo uma mistura hábil de elementos diversos: um discurso psicótico traduzido na perturbação de algumas imagens; um ambiente de terror moderado; uma história de amor, com as várias figuras que isso pressupõe; um gosto surreal, que alguns enquadramentos acentuam com invulgar felicidade; uma constante vacilação entre o explicável e o inexplicável, que permite que a revelação não seja por inteiro desencanto, e nos deixe aquela margem de não-saber que exprime a transição do policial típico para o fantástico aqui emergente. O que Sidney Gilliat consegue é elaborar um filme equilibrado e funcional, que distrai sem incomodar __ e a que nos entregamos por completo para depois o esquecermos completamente. Ou quase.

EDUARDO PRADO COELHO

Polaroid é uma marca registada da Polaroid Corp., U. S. A.

Fotografias num minuto. Porquê esperar mais?

A fotografia que vê acima foi revelada em 60 segundos. (Bem gostaríamos que V. pudesse ver-lhe as cores). Foi feita com uma máquina fotográfica instantânea Polaroid. A Colorpack 80.
Regule a distância, olhe através do visor e carregue no disparador. Depois puxe para fora a película.
Um minuto mais tarde V. tem uma bonita fotografia a cores. (A preto-e-branco em segundos).
É tão simples como isto! A Colorpack 80 custa só 1.545$00. Tem fotómetro e obturador electrónico que regulam automàticamente a exposição.

Objectiva nítida de 3 elementos. Flash incorporado para 4 disparos de cubo-flash.
E usa a nossa económica película quadrada em carregador que lhe poupa 30 % em cada fotografia a cores. Ainda por menos dinheiro tem a nossa nova Zip. Só 780$00. Um fotómetro incorporado diz «YES» quando a luz está correcta. Obturador rápido que congela a acção. Flash incorporado. Carregamento fácil com a película quadrada. Agora V. tem duas máquinas instantâneas Polaroid de baixo preço por onde escolher!
Porquê esperar mais?

Zip Colorpack 80

Máquinas Fotográficas Instantâneas Polaroid

Representante: BELTRÃO COELHO, LDA. — Lisboa/Porto

MONTEPIO GERAL

POR OBRAS DE REMODELAÇÃO DA SEDE,

COMUNICA QUE O SERVIÇO DE

— SÓCIOS
— PENSIONISTAS
— RENDISTAS

PASSOU A FUNCIONAR NA

RUA DE S. JOSÉ, 213

(ESTAÇÃO METROPOLITANO — AVENIDA)

Crítica de artes plásticas

Por JOSÉ LUÍS PORFÍRIO

A IMAGEM E A PINTURA

Entre a Pintura e a Imagem medeia o espaço de uma interrogação, a que não vale a pena continuar chamando crise, palavra demasiadamente usada e, portanto, gasta, interrogação que é, talvez, aparentemente a mais simples e na realidade a mais difícil de todas: «O que é a Pintura?». As respostas, provisórias, têm ajudado a construir aquilo a que chamamos «arte moderna», pelo menos desde o cubismo, numa história feita de avanços e recuos, de mutações bruscas e, volta e meia, de contestações totais, momentos em que a lucidez ou o desespero em que a estética como moral (ética) tem de ser assumida não já dentro da obra, mas fora dela, no espaço humano em que se projecta o artista.

Vem todo este discurso a propósito de duas exposições individuais de pintores da mesma geração (nascidos ambos nos anos 40) que representam tendências bem diferentes da produção pictórica contemporânea. Fátima Vaz, que se pode filiar numa tendência neo-figurativa relacionada com a figuração narrativa largamente aceite e representada em Portugal justamente pela sua geração, na grande maioria, e João Nascimento, produtor de imagens e já não digo de pinturas quase fotográficas e aparentemente neutras; entre a pintura de um e as imagens de outro está, creio, situado o espaço para interrogações radicais que um pouco por toda a parte se estão fazendo e que entre nós timidamente, epigonicamente, se esboçam.

FÁTIMA VAZ

20 ACRÍLICOS SOBRE TELA
GALERIA 111

De Fátima Vaz não conhecia senão um ou dois trabalhos, de os ter visto já lá vão pelo menos quatro anos. Daí que tenha tido, ao entrar na galeria, sagem a um tom baço geral que depois a visão das telas mais antigas, que são de 1971, e a leitura do texto do catálogo veio confirmar, mostrando também como ainda podemos falar aqui, e sobretudo, em termos de pintura, em que a imagem, o objecto, a citação são ainda pretexto para construir um quadro.

Curioso será enumerar alguns destes objectos-pretextos:

Novelo, que pode ser apenas bola ou círculo ou que se torna caracol;

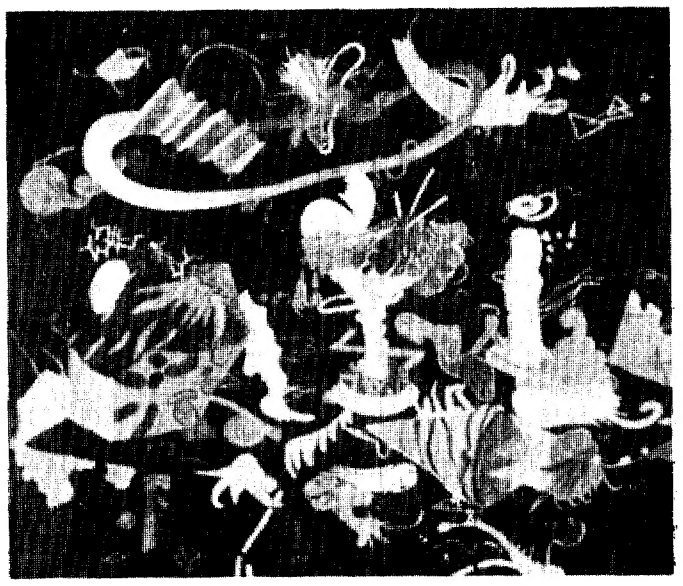
Sólido irregular, quase sempre transparente, isto é, apenas desenhado sobre o fundo;

Peça de «puzzle», que é afinal todo o objecto que aparece na sua pintura a estabelecer uma constante tensão entre a reconstrução de um objecto perdido, a leitura de sinais dispersos e o prazer visual;

Os «scribles», sinais ou formas ora caligráficas, ora geométricas, ora aparentemente vegetais, que entre e nos próprios objectos aparecem.

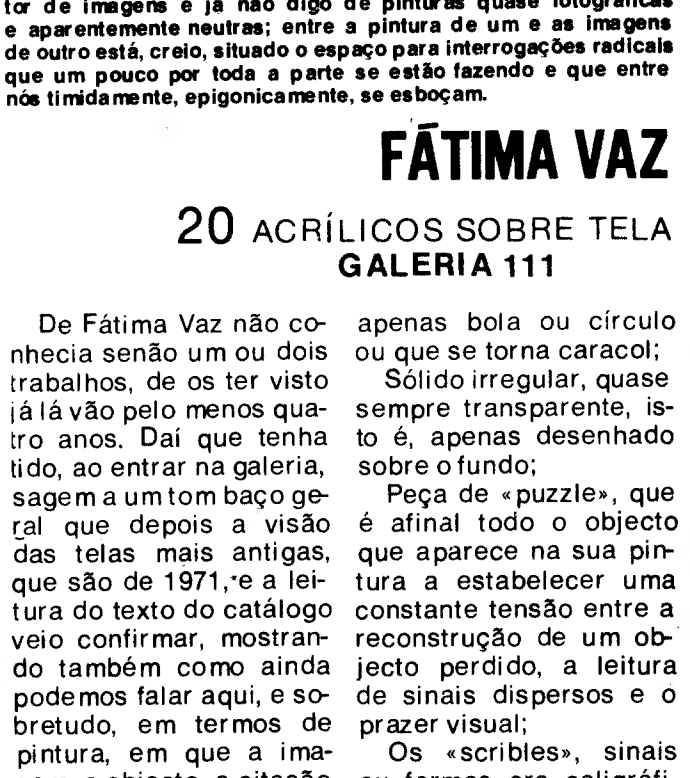
Impossível aqui e agora tentar inventário completo. No entretanto, interessa ainda indicar que estes pequenos elementos são por vezes eleitos para se tornarem dominantes num trabalho: assim o anel de fumo, a montanha, o sexo masculino, que nos aparecem nalgumas pinturas, elementos entre muitos outros, tornam-se o assunto pretexto de toda uma composição.

A própria construção do espaço do quadro está em constante mudança, ora memória possível de banda desenhada num quadriculado de base («Dezoito objectos para prazer»), ora aglutinação de todos os elementos num objecto único que preenche o centro do quadro, ou em dois ou mais objectos que em torno dele se dispõem, ou até a citação irónica da perspectiva. Irónica, afinal, como tudo parece ser na pintura de Fátima Vaz, a começar pelos títulos e a continuar-se no tecido de contradições, visuais e imaginárias, que é a sua própria pintura, que nada certamente leva a sério, a não ser, talvez, ela própria.



FÁTIMA VAZ, «Lingérie Esquecida»: grande parte dos objectos são perfeitamente reconhecíveis: notar na parte superior um anel que será assunto-pretexto de outra pintura.

FÁTIMA VAZ, «Fumo de Vício»: o anel (de fumo) tornado assunto.



FÁTIMA VAZ, «O Delicioso Paté de Pilinhas de Cão»: a lembrança da banda desenhada.

JOÃO NASCIMENTO

ACRÍLICOS SOBRE TELA
GALERIA DIPROVE

«Abandonemos pois se pretendemos possuir mentalmente a pintura de João Nascimento a ideia de que bastará enumerar os sinais, reconhecer os símbolos, determinar as equivalências. Saibamos de antemão que a transmutação alquímica se produzirá em nós com a força de um abalo sísmico. Aceitemos previamente as consequências imprevisíveis do primeiro passo em terra desconhecida. Estejamos prontos para a explosão», diz-nos Egídio Álvaro na introdução ao catálogo, certamente estimulado por uma adesão da ordem sentimental que o leva, muito explicitamente, a minimizar possíveis tentativas de leitura das imagens propostas, muito embora, imediatamente a seguir, nos venha propor uma primeira leitura: um aparente realismo fotográfico que esconde, no fundo, «o maniqueísmo da imagem, na qual afirmação e negação se completam e se equilibram», para terminar afirmando que se trata de uma «pintura de total invenção, uma pintura do imaginário, uma pintura da memória». Esta pintura é, chamemos-lhe assim, crença na imagem (que mais não seja no seu poder de fascínio, visual e outro), assim como a pintura de Fátima Vaz é, ainda e sobretudo, crença na pintura.

Entre uma e outra, ambas pintura de cavalete ambas acrílico sobre tela de idênticas dimensões que se passou? Melhor que poderá estar acontecendo, que nós mal vemos aqui e agora? Entre o símbolo que uma é a alegoria que a outra talvez esconda, será que vai fechar-se todo o espaço da produção artística em Portugal e não só?

A resposta a esta questão não a poderemos nunca encontrar entre as paredes de galerias comerciais, sejam quais forem os riscos (comerciais também que estas correrem e pois mais fundamental que tenha sido ou esteja sendo e sua acção para a formação e informação do gosto da alta e média burguesia. Há toda uma experimentação que está decorrendo fora do seu espaço, que também é o dos objectos que a povoam, escultura, múltiplo, quadro de cavalete experimentações que ensaiam, quem sabe?, um novo antigo tipo de sabedoria e de vida colectiva também, e que representam talvez a única crítica de arte possível, ou a única certa, a que a produção artística faz de si própria e da qual temos, agora, necessidade urgente cada vez mais.

JOÃO NASCIMENTO, «Uma Faca Trespassou um Fruto»: a imagem-alegoria como objecto de fasninação.x